

REVISTA DA SEMANA

N. 26 30-6-56 Cr\$ 10,00 em todo o Brasil

VIAGEM MARAVILHOSA AO LÍBANO

(Fotos em cores e muitas curiosidades)

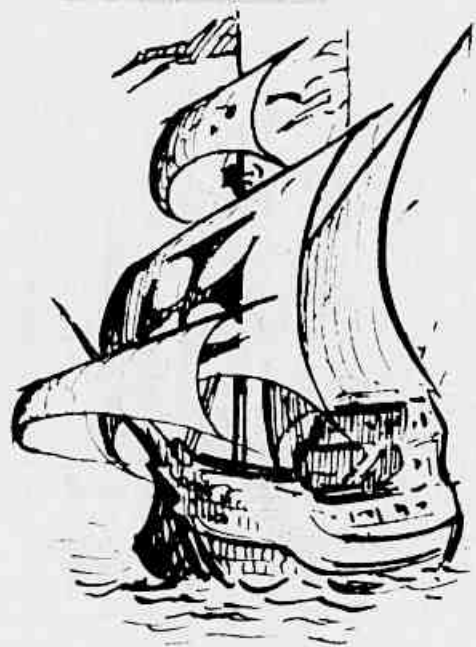
CONFUSÃO GERAL E VAIA NA ELEIÇÃO DE MISS BRASIL

**EDIÇÃO DE
ANIVERSÁRIO**



Confeitaria **COLOMBO**

FRANÇA & CIA. LTDA.



A COLOMBO

caracteriza a vida social do Rio de Janeiro na sua expressão de fina e requintada elegância. Os seus salões de almoço, chás, lunches, e «cocktails» acolhem diariamente o escol da sociedade carioca para os sutis prazeres do espírito, do coração e do paladar.

**LÍQUIDOS, COMESTÍVEIS FINOS E FRUTAS
— FABRICANTES DAS AFAMADAS FARINHAS
ALIMENTÍCIAS MARCA «COLOMBO» — ESPE-
CIALIDADE EM DOCES, GELEÍAS, ETC. ETC.**



Fabricantes do

**CREME DE ARROZ
COLOMBO**

O ALIMENTO IDEAL DA CRIANÇA



MATRIZ:

RUA GONÇALVES DIAS, 32/36
ANEXO A RUA 7 DE SETEMBRO, 94/96

FILIAL:

AVENIDA N. S. COPACABANA, 890

FÁBRICA

RUA LIVRAMENTO, 174/184
Fone: 43-6925 — RIO

REDATOR-CHEFE — Celestino Silveira

ASSISTENTE — José Roberto Teixeira Leite

PAGINADOR — Victor Tapajós

COLABORADORES — Bolivar Costa, Demóstenes Varela, Eduardo Tourinho, Eneida, Fernando Lôbo, Fortuna, Hélio Abreu, Hynenny Gomes Ferreira, Jeff Thomas, José Maria Rodrigues, Sérgio Silveira, W. Guarnieri.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Jeronymo Ribeiro, Marius, Maria Tereza, Ramón.

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, Newton Viana, Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

◆ REPORTAGENS

Confusão Geral (E Vaia)	4/7 e 75/77
O Mundo Há Cem Anos	10/11
Presença e Fixação	24/27
Viagem Maravilhosa	30/37
As Belezas Fabulosas do Líbano	39/42
Lira Oriental na Poesia do Brasil	44/45
Depois das Mil e Uma Noites	48/51
O Mascate	54/56
Eles Ocuparam (Pacíficamente)	65

◆ SEÇÕES

Semana em Revista	8/9
Puxe pelo Cérebro	10
Literatura	13
TV na Revista	14/15
Pelas Esquinas da Noite	18
Palavras Cruzadas	28
Música	46
Artes	52
Conversa de Mulher	62/63
Revista há 50 Anos	64
Astrológica	66
Itinerário do Brasil	67
Flash Paulista	70/71
Grand Monde	72/73
Último Flash	78
Figura em Foco (Pedro Calmon)	79

◆ HUMORISMO

Fortuna	19/22
---------	-------

◆ LITERATURA

A Aniversariante (Eneida)	3
O Polvo (Gladkov)	58/59

◆ VARIEDADES

O Enigmático Kapitza	60/61
A Coroa e a Espada	68/69

◆ CAPA

Grace Kelly, Princesa de Mônaco

Este número consta de 80 páginas



A ANIVERSARIANTE

◆ Está fazendo cinquenta e seis anos de vida esta REVISTA DA SEMANA. Seu primeiro número apareceu no dia vinte de maio de 1900. Na praça da Glória se inaugurara o monumento ao descobrimento do Brasil, trabalho do escultor Bernardelli. O fato ocorrera em três de maio e o primeiro número da REVISTA DA SEMANA, saindo no domingo, trazia a fotografia: o primeiro clichê que o Brasil conheceu. Era maio, o número custava trezentos réis, trazia no alto da primeira de suas oito páginas anunciado «fotografias, vistas instantâneas, desenhos e caricatura». Na apresentação a revista declarava ter o desejo de ser um órgão «de informação, ilustrado e popular. Não cogita de política sob qualquer forma que se possa entender essa designação, não tem empenho algum em ver triunfar tal ou qual escola literária». Uma bela revista que representava o sonho de um diplomata e homem de letras: Alvaro de Tefé. Ele vira na França que estavam por lá fazendo gravuras; comprou uma maquininha e trouxe-a para o Brasil. Com ela começou a fazer a REVISTA DA SEMANA.

◆ Depois, no fim de dois meses, mais ou menos, não agüentou. E' verdade que a «Revista» fôra bem acolhida, que o seu número de homenagem ao quarto Centenário do Brasil tirou três edições, é verdade também que anunciava: «as oficinas tipográficas da «Revista da Semana» imprimem por preços **extraordinariamente módicos** e com a **maior nitidez e brevidade**: livros, obras ilustradas, catálogos, álbuns, jornais», etc. Nela colaboravam Manuel Bonfim e Medeiros de Albuquerque, nela pela primeira vez apareceu Raul com caricaturas. Mas mesmo assim Alvaro de Tefé foi obrigado a vendê-la e já o seu número quinze traz em subtítulo: «Edição semanal

ilustrada do «Jornal do Brasil». Mudou a apresentação; o formato é mantido; aumentam os colaboradores, é incluído um conto infantil. Não cabe no espaço de uma crônica completa desses longos anos que a «Revista da Semana» tem vivido. De 1900 a 1912 ficou com o «Jornal do Brasil», depois passou para as mãos de Carlos Malheiros Dias, Artur Brandão e Aureliano Machado. Todos deixaram-na, excetuando o último. Aureliano Machado ficou sozinho e a «Revista da Semana» passou como um bem à sua família que organizou a Cia. Editora Americana que hoje publica esta e outras revistas.

◆ Uma viagem através de seus primeiros números é comovedora. Ela reproduz quadros de artistas brasileiros, comenta crimes publicando retratos de criminosos, «de tudo quanto se passar durante a semana e que mereça atenção procurará dar em excelentes gravuras copiadas de fotografias, caricaturas, modas, cenas das grandes obras dramáticas, peças de música, romances, de tudo buscaremos dar o melhor». Assim estava escrito na sua apresentação; assim ela agiu sempre.

A REVISTA DA SEMANA está fazendo cinquenta e seis anos; e todos sabemos que no Brasil é difícil uma publicação viver longo tempo. Hoje nada mais lembra os primeiros números: modernizou-se, atendeu os imperativos de nossa época, tem que ser uma revista da atualidade. O que não impede que comemorando seu aniversário eu tenha ido à Biblioteca Nacional ver como nasceu e cresceu. (Por falar nisso é necessário que a referida B.N. mande reincadernar a coleção. Está gasta e bichada). Comemoro aqui o aniversário desta Revista desejando que ela viva sempre, viva muito. Alvaro de Tefé deve estar contente: a revista que ele tanto desejou dar ao Brasil está viva e continua.

ENEIDA

POUCO ANTES de ser coroada Miss Brasil de 1956, a representante do Rio Grande do Sul, José Carlos, Miss do Rio Grande do Sul, nos trouxe entre das concorrentes: Leda Brand, Miss Distrito Federal; Aliete Borges, Miss Pará; Miss São Paulo, Regina Maurer e Miss Estado do Rio, Ely Alvares. A decisão do júri (decisão que durou uma hora e vinte minutos) provocou certo desconforto no público, a despeito da graça e da beleza da representante do Rio Grande do Sul.



CONFUSÃO GERAL (e vaia) NA ELEIÇÃO



DE MISS BRASIL 1956



Iolanda Pereira, Miss Universo 1930, fazia parte do juri. Por essa sequên

Fotos de ALBERTO FERREIRA

DESDE as primeiras horas de domingo, 17 de junho passado, Maria José Cardoso, representante do Rio Grande do Sul, é Miss Brasil 1956. Catarinense, com 21 anos, um metro e setenta de altura e cinquenta e nove quilos de peso, Maria José já esteve, não faz muito, nos Estados Unidos, vencedora que foi do concurso «A Mais Bela Gaúcha», realizado na capital do Rio Grande. Preparada, falando inglês razoavelmente, aluna de Belas Artes em Porto Alegre, Maria José não há de, sob tal aspecto, causar preocupações quer aos organizadores do certame, quer principalmente a todos os brasileiros, quando partir para Long Beach. Do ponto de vista plástico, também não há motivos de preocupações: Maria José é alta, tem cabelos castanhos, mede noventa e cinco centímetros de busto, sessenta de cintura e noventa e seis de quadris. Medidas harmoniosas, que se casam e determinam um todo de graça e proporcionalidade ímpares.

Se estamos aqui tratando dessas coisas, que em situações normais não caberiam de modo algum num texto sobre Miss Brasil, é que, quando foi dado a conhecer o veredicto da Comissão Julgadora, o público que superlotava as dependências do Teatro Mecanizado do Quitandinha expandiu-se em manifestações ruidosas

de desgosto, manifestações que tinham por alvo menos a figura de Maria José — que, aliás, não se perturbou nem um pouco com elas — do que a decisão propriamente dita, que, no seu entender, representava grave injustiça para com uma das duas candidatas: Lêda Rau, do Distrito Federal, ou Regina Maura, de São Paulo, ambas possuidoras de plástica admirável. Seja como for, o júri se compunha, não há como negá-lo, de pessoas de competência e responsabilidade. Não é crível que se enganassem, a ponto de proferir uma decisão errônea, ou — o que é pior —, iníqua. É preciso que se veja, de uma vez por todas, que em certames de tal espécie, não só a beleza é examinada: também a classe, a elegância, a experiência e a cultura contam. E isso, podem todos ficar tranquilos, Maria José Cardoso, Miss Brasil de 1956, possui em alta dose.

Os vestidos das Misses Paraíba, Território do Acre, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Espírito Santo, Estado do Rio e Distrito Federal, que concorreram ao título de Miss Brasil de 1956, foram confeccionados por «Shehrazade-Modas», situado na Av. Nossa Senhora de Copacabana, 450-A.

EM BAIXO, o júri que selecionou Miss Brasil de 1956: dois ministros, um prefeito, artistas plásticos, uma ex-Miss Universo, poetas, jornalistas, artistas de teatro, escritores, homens de negócio. Ao lado, as seis finalistas do sensacional certame: Ely (E. do Rio), Maria José (R. Grande do Sul — Miss Brasil), Lêda (D. F.), Regina Maura (S.P.), Luísa (Pará) e Maria de Jesus (Ceará).





ên
cia, pode-se ver com que interesse acompanhou o desfile das 22 jovens



A SEMANA EM REVISTA



JORGE LACERDA
Deixem-me quieto



CAFÉ FILHO
Voltou mais corado



ARI BARROSO
A gaita em paz



SCHMIDT
Tipo pernicioso



JOÃO DANTAS
26 anos do «Diário de Notícias»

O POETA (bom) e economista (desonesto) Augusto Frederico Schmidt, comentando, no «Correio da Manhã», as incursões de navios e aviões norte-americanos, que estariam levando para a América do Norte as terras raras do Brasil, saiu-se com essa frase: «Muito mais importante do que reprimir a exportação clandestina dos minerais atômicos, que só existe na cabeça de doidos, muito mais importante do que tudo mais, é reagir contra a histeria coletiva que se apossou do Brasil». Tipo mesquinho.

UM FILHO do general Juarez Távora sofreu grave desastre automobilístico, nos Estados Unidos, onde estuda. Seu carro chocou-se com outro, e de seus ocupantes três já faleceram, e os outros dois se encontram em estado gravíssimo.

FÉZ ANOS o «Diário de Notícias», conceituado matutino do Distrito Federal, talvez o mais lido. Mantendo-se em uma linha de conduta independente e ativa, o «Diário de Notícias» conseguiu captar a confiança de seus inúmeros leitores, que hoje contam-se aos milhares pelo Brasil inteiro. Orlando Ribeiro Dantas, que o fundou há 25 anos, se vivo fosse, poderia orgulhar-se, com motivos da obra de seus continuadores.

NACIONAIS

EM S. PAULO, os cônsules grego e inglês digladiam-se pelos jornais, e até já se marcaram um encontro de «box». Motivo: ora, a ilha de Chipre.

ARI BARROSO, zangado porque a direção do TV-Tupi mandou que irradiasse um jogo de pouca importância, diz que não mais transmitirá jogos de futebol, nem por aquela nem por qualquer outra emissora de rádio ou transmissora de televisão. Aliás, o mineiro Ari vai ser homenageado em Salvador, por esses dias: o prefeito dar-lhe-á o título de Baiano Honorário.

OS ANJINHOS que controlam as empresas de ônibus já avisaram que, ou aumentam as passagens, ou só haverá ônibus, no Rio, de 7 da manhã a 7 da noite. Se a UNE deixar...

VINTE E OITO oficiais da Polícia Militar fizeram um manifesto à imprensa, em que afirmam em dado instante: «A P.M. não são as excêntricas passageiras de determinados chefes».

CAFÉ FILHO voltou de sua viagem aos Estados Unidos. Veio bem disposto, até mais moço.

Outro que qualquer dia volta, pelo que se diz, é Carlos Lacerda. O homem já teria as malas prontas, em Lisboa, onde se encontra...

HOUE UMA corrida de automóveis na praia de Botafogo, efetuada domingo. Antes, em plena tarde carioca, o tráfego teve de parar na quinta-feira, para... um treino... É incrível que no Rio ainda se faça uma burrice tão acintosa, prejudicando a população e até os jardins de Botafogo, que foram danificados pelos automóveis.

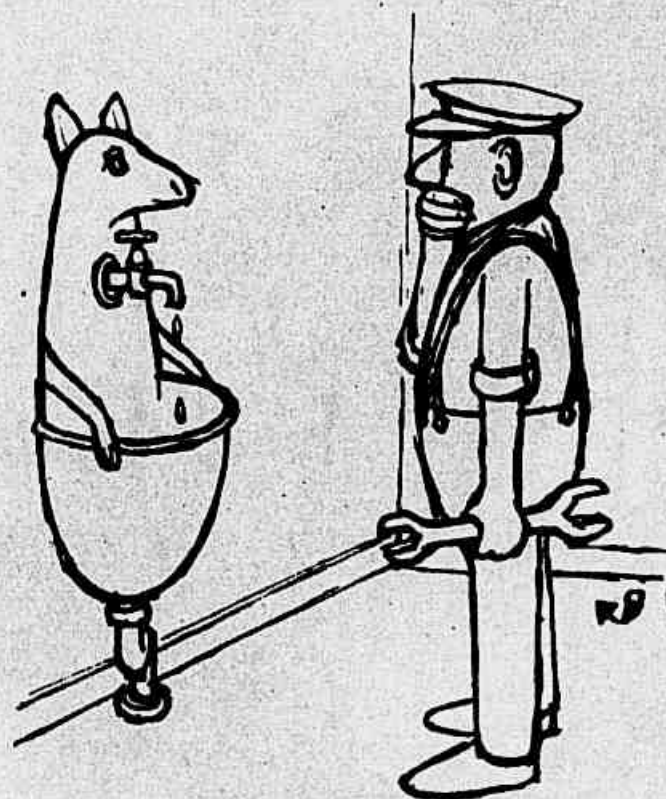
NO FUTEBOL, andaram bem as coisas: o time do América (perdão! o selecionado brasileiro...) encaçou por duas vezes o Paraguai; a Portuguesa, em Moscou, empatou com Dinamo; o Fluminense derrotou fácil o bisonho time do Porto. Já alguns jornalistas estão achando que, bem examinadas as coisas, o futebol brasileiro é de fato o melhor do mundo...

JORGE LACERDA, governador de Santa Catarina, está ameaçado de perder seu mandato. É o diabo. Logo agora, que o conhecido escritor catarinense já tinha tomado o gostinho...

A PIADA DA SEMANA

DE SETE EM SETE

Será? O Prefeito ordenou a continuação das obras do subterrâneo da Praça da República. Bravos, doutor Negrão! Dê duro no «metrôsinho» e tenha piedade do povo. — Mas que não o substituam, ou as obras podem ser novamente interrompidas. ★ Em Lisboa a Rainha das Associações Portuguesas do Brasil, recebida com mimos e agrados. E com um programa de festas deste tamanho, maior que o da Miss Brasil... — Que por sinal andou cortando uma volta em Quitandinha, onde a confusão não foi geral: foi abagunçada. Os jornalistas transitaram pela cozinha, sem direito a bife. Só o cheiro. ★ Bonito, quem continua a fazer lá fora, é o meu Botafogo, positivamente o maior para uso externo. Salve a bela rapaziada! ★ Na Câmara, o duelo entre Aliomar Baleeiro e o ministro Alkmim. Bombinhas de S. Pedro com pavio curto. ★ Enquanto isso, o doutor Jota Cá recebeu os rapazes do Porto e bebeu-o (ao vinho do dito), com um mundo de alegorias a Portugal, à maneira do improviso no Gabinete Português, no Dia da Pátria. Quando Jota Cá voltar (a Portugal), vai ver o que é recepção. Nem em Diamantina. ★ Em Belo Horizonte, terra dos fenômenos, houve a morte da empregada a quem a patroa seccionou uma orelha, a gilete, pensando que lhe aplicava uma sangria. A pensar morreu... Quem foi mesmo? ★ E os «gangsters» deram para assaltar postos de gasolina, pela madrugada, à maneira das fitas americanas. ★ Por falar nelas, grande é Katherine Hepburn a solteirona que foi visitar Veneza e encontrou um amor no vendedor de bugigangas. ★ Grande é também o Paulo Roberto que dedicou dois minutos do seu programa (também grande) para fazer o elogio da REVISTA — merecido aliás. ★ Grande é o Otelio em «Gente «bem» no morro», e grande foi o Couto, quem disse foi o nosso primo Pedro Bloch, tão silencioso ultimamente. Bom sinal, porque se o homem cala é prenúncio de «bomba atômica» para breve. — Ou não é, dona Bertha Singermann?



(Der Stern)

A semaninha

Deu-nos a impressão de um conto de fadas:

— “Era uma vez um “Fluminense”, navio guanabarino, que precisando ancorar num lugar bem seguro encontrou um “Pôrto” completamente despolicado. E devido à guarnição inexistente, não teve dificuldades maiores em não izar três bandeiras, depois de ancorado...”

— A Aluminium Co. of América anuncia que o alumínio está para entrar no mercado na forma de latas para embalagem.

E se dentro das ditas colocarmos gêneros alimentícios, poderemos facilmente ingerir alimentos à base de alumínio!

— No plano geral, para as futuras linhas dos primeiros ônibus elétricos, estão: Castelo-Urca; Castelo-Leme; Castelo-Praça Serzedelo Correia...

Pelo que se nota, por enquanto só estamos vendo... “castelos no ar”!

— Só em 1957 será normalizado de fato o abastecimento de água da zona sul.

Isso é mais um fato! Mas lá chegados, só em 1958 é que será normalizado. Vindo esse ano, só em 1959 e... assim sucessivamente. São fatos que toda a gente conhece, graças a Deus!

— Várias comissões para averiguar as fraudes cambiais...

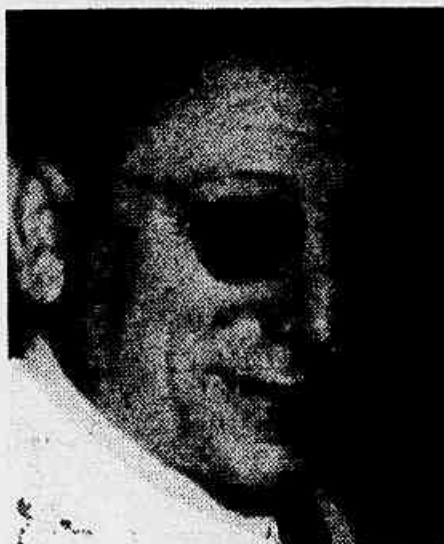
Muito bem! Mas durante as averiguações iremos ver as fraudes passar para as comissões, como sempre acontece quando se fala em... “câmbios”!

...E os argentinos implantando a Lei Marcial (de Março) originaram um retrocesso de três meses ao calendário!

SANTOS ALVES

A MORTE DE ETCHEGOYEN

◆ O falecimento do gal. de divisão Alcides Gonçalves Etchegoyen, ocorrido em a noite de domingo 17 de junho, tomou de surpresa o país, embora seu estado de saúde viesse causando sérias apreensões. Acometido de uma crise cardíaca, deu-se o desenlace no Hospital Central do Exército, ao qual o bravo militar fôra internado quarenta e oito horas antes. Era uma figura de marcada projeção, pelas suas virtudes de militar e de homem público, virtudes que seus próprios adversários políticos timbravam em reconhecer. Poucos brasileiros, nestes últimos tempos de tão profundas agitações internas, têm atingido ao grau do conceito geral e de consagração unânime, que o ilustre morto conheceu. Diante do esquife, ao baixar à sepultura no Cemitério São João Batista, usou da palavra o general Juarez Távora, que prometeu, de forma solene, cumprir duas promessas: a de não macular e a de não enrolar a bandeira do ideal que ambos sempre comungaram. Nascido em 31 de março de 1901, em Pôrto Alegre, o gal. Etchegoyen assentou praça em 8 de março de 1918 e saiu aspirante em 1921. Daí, sua carreira foi sempre uma brilhante fôlha de serviços prestados ao Exército, melhor dito, à Nação, destacadamente quando exerceu o cargo de Chefe de Polícia do Distrito Federal, já coronel, em 1943. A Nação recebeu, compungida, a triste nova da sua morte e o ministro da Guerra, em nome do Exército, mandou colocar uma coroa de flores no túmulo do militar que tão alto soube servir aos interesses da Pátria.



INTERNACIONAIS

O PRESIDENTE Soekarno, da Indonésia, que recentemente visitou os Estados Unidos, encontra-se agora na Itália, em visita de intercâmbio. Soekarno é considerado, por seu povo, um herói nacional. Participou ativamente da libertação do país do jugo holandês.

LANA TURNER renovou, por cinco anos, seu contrato com a Metro. Terá de fazer um filme por ano. No último já terá que ser carregada para o estúdio pelos netinhos...

O BARÍTONO Antônio Manca-Serra, de apenas 32 anos de idade, morreu há pouco em Dublin, onde se encontrava a fim de participar da Temporada Lírica local. Um ataque cardíaco fulminou o cantor, que gozava de certa projeção, embora muito moço, nos meios musicais italianos.

STRAVINSKY COMPLETOU a partitura de seu trabalho “Cantata em honra de São Marcos”, que será apresentada em setembro na Bienal de Veneza.

OS PASSAGEIROS de um avião comercial que ia de Memphis para New Orleans, nos Estados Unidos, já estavam aboletados em seus lugares, de cintinho amarrado e tudo, quando souberam que o comandante da aeronave chamava-se Cemetery... Resultado: doze deles desceram incontinentemente. Os outros seguiram viagem, e vão passando bem, obrigado.

O REI IBN SAUD, da Arábia Saudita, foi pai mais uma vez. O recém-nascido vem a ser seu filho número 247! A população da Arábia aumenta graças a atividade de seu exagerado rei.

DOIS ITALIANOS que não se viam há algum tempo, Mário Curto e Lívio Calderari, encontraram-se de sopro na cidadezinha de Pieve di Soligno. Deram-se um daqueles abraços de urso, sujeito a tapas nas costas e berros nos ouvidos. Resultado da coisa: foram algumas costelas portidas, de lado a lado dos “beligerantes”...

O DRAMA de Tchecov “Três Irmãs” será filmado, brevemente, na Itália. Eleonora Rossi Drago e Lucia Bosé já fazem parte do elenco. Só falta a terceira irmã.

JAN PIERCE, famoso tenor americano, primeiro tenor do Metropolitan, conhecido universalmente por suas várias gravações, cantou a “Traviata”, de Verdi, há poucos dias, em Moscou. Seus colegas de elenco cantaram em russo, mas Pierce cantou em italiano. Foi ao fim chamado seis vezes ao palco.

O NOVO filme de Chaplin, “Um Rei em Nova York”, é, na própria expressão do genial Carlitos, o mais pensado e trabalhado que jamais realizou. Ainda está nas filmagens.

ANDRÉ KOSTELANETZ, famoso dirigente de orquestra norte-americano, marido da célebre cantora Lily Pons, virá ao Brasil. Não sabemos se trará ou não madame, que da última vez que aqui esteve, se não nos enganamos em 41, levou uma bruta vaia no Municipal.

GENEVIEVE Anjo-de-Dien-Bien-Phu Gallard, conhecida enfermeira francesa, que mitigou os sofrimentos de tantos compatriotas seus, na Indochina, casou-se com um capitão, Jean de Heaune.

PARA FAZER um filme sobre a invasão da Normandia, técnicos cinematográficos americanos prepararam uma nova tropa, que fez seu sensacional desembarque nas costas normandas, tal e qual seus antecessores, há treze anos passados. Custo da filmagem: quinhentos mil dólares. Do verdadeiro desembarque: quintos e cinqüenta mil...

EM PORTUGAL, um octogenário batizou-se, casou, e morreu, tudo isso em duas horas. Eta, vida intensa...

GRACE KELLY recebeu uma carta da Metro, dizendo que suas férias (12 semanas) estão para terminar, e que o estúdio a espera para as filmagens de “Designing Woman”. E agora, Rainier?



STRAVINSKY
Outra grande obra



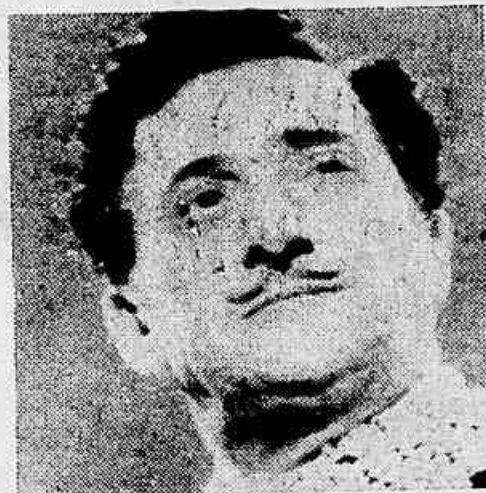
LUCIA BOSE
Filmará Tchecov



KOSTELANETZ
Vem ao Rio



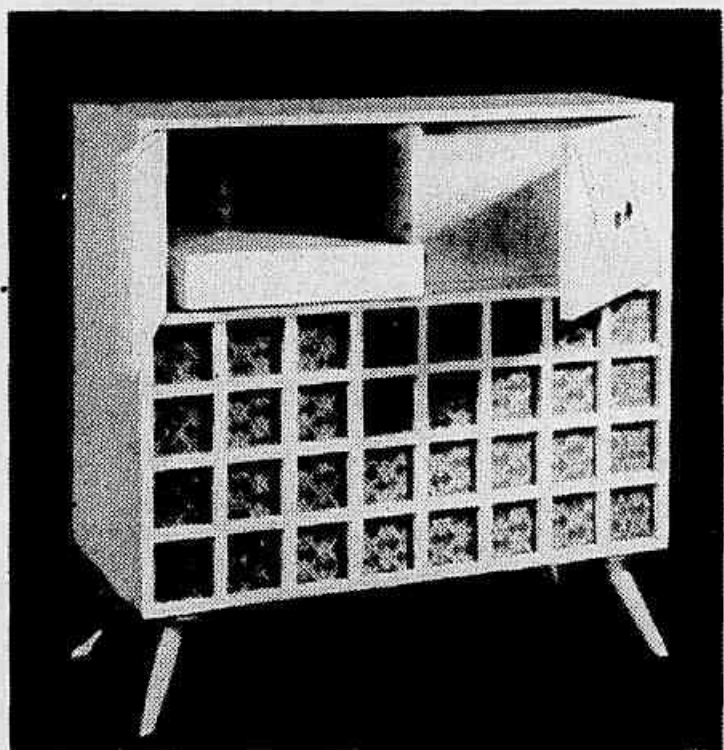
LANA TURNER
Desabando de velhice



PIERCE
Cantou em Moscou

RÁDIO TÉCNICA ATLAS

F. PERRONI



FABRICAÇÃO DE CAIXAS E MÓVEIS PARA
RÁDIOS E TELEVISORES



TRAVESSA RODRIGUES MARQUES, 127
FONE: BANGU 448 — REALENGO



FABRICADAS COM PURO CRE-
ME DE LEITE E EXTRATO DE
MALTE. ALTAMENTE NUTRI-
TIVAS.



FÁBRICA DE
CHOCOLATES PATRONE S. A.

Escritório e Depósito:
Rua da Lapa, 10-12
Rio

Bonbonnière:
Aeroporto Santos Dumont
Rio

Fábrica:
Rua Coronel Veiga, 1.349
Petrópolis

PUXE PELO CÉREBRO

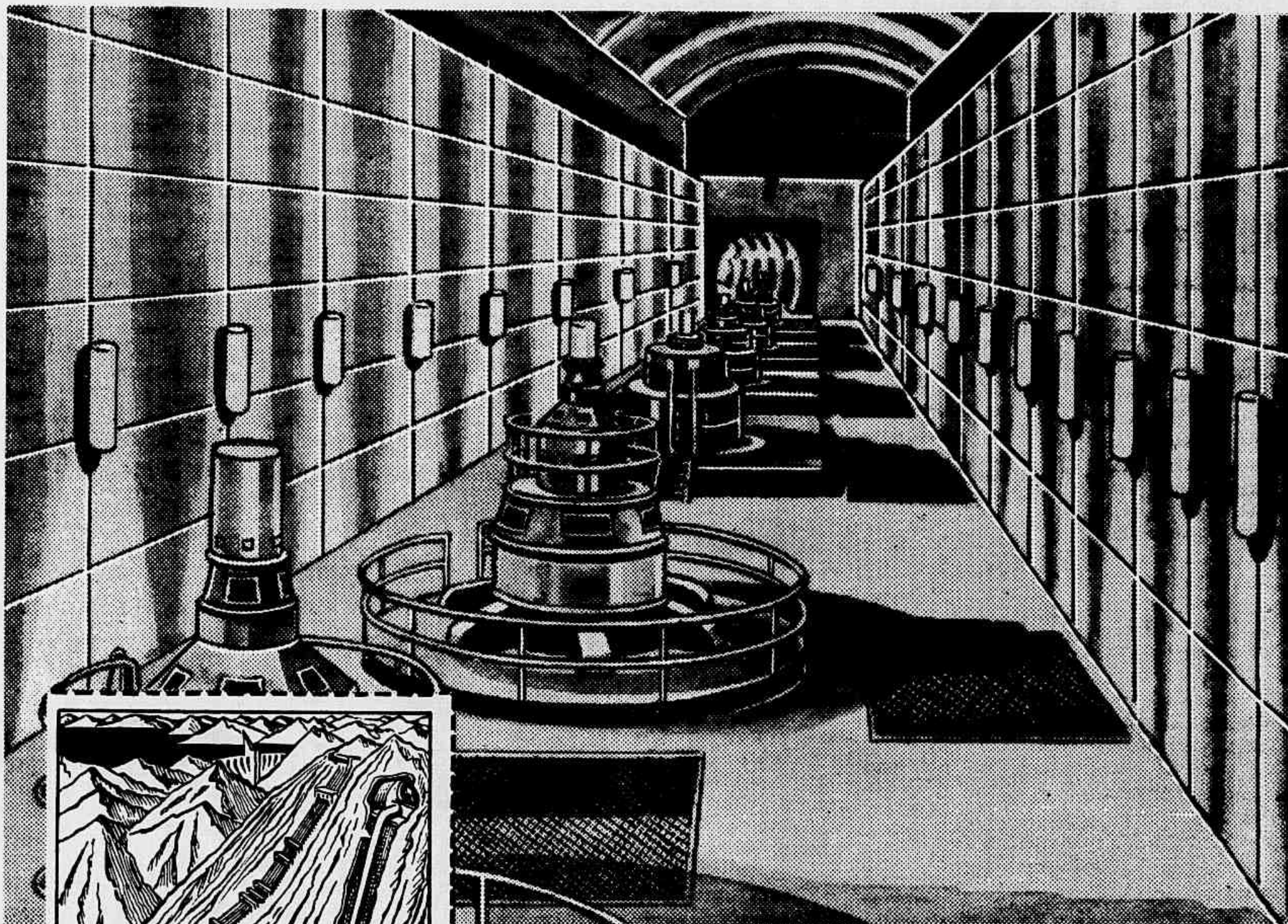
NOSSA COLUNA DE TESTES.

- 1—Escreveu «Chants de Maldoror»:
 - Lautréamont?
 - Maldoror?
 - Ducasse?
- 2—Periandro era:
 - sábio da Grécia?
 - rei do Épiro?
 - militar macedônio?
- 3—«Gado de Proteu» são:
 - os camelos?
 - as cabras
 - os peixes?
- 4—Escreveu «Till Eulenspiegel»:
 - Richard Strauss?
 - Oscar Strauss?
 - Johann Struass?
- 5—Era Ministro da Guerra de Getúlio em 1937:
 - Juarez Távora?
 - Eurico Dutra?
 - Mascarenhas de Moraes?
- 6—Comemora-se, êsse ano, o centenário de morte:
 - Mozart?
 - Franklin?
 - Schumann?
- 7—Van Dal, que há pouco esteve no Brasil, é:
 - jurista?
 - médico?
 - político?
- 8—Como se chama o marechal Tito:
 - Josse Bade?
 - Joos van Cleve?
 - Josip Broz?
- 9—Que cantora brasileira estudou com Jean de Reszké:
 - Alice Ribeiro?
 - Bidu Sayão?
 - Kleusa de Penafort?
- 10—Causou uma epidemia de suicídios, na Alemanha:
 - Werther?
 - Maria Stuart?
 - Faust?
- 11—Picasso tem:
 - 68 anos?
 - 86?
 - 75?
- 12—Escreveu o livro «Rondonia»:
 - Cândido Rondon?
 - Roquete Pinto?
 - Anyone Costa?
- 13—Qual é o maior produtor de livros do mundo:
 - Inglaterra?
 - Japão?
 - Suíça?
- 14—Comandou a Revolta da Armada, em 1910:
 - Floriano?
 - Custódio José de Melo?
 - João Cândido?
- 15—E' autor de mais de mil obras musicais:
 - Villa-Lobos?
 - Mignone?
 - Guarnieri?

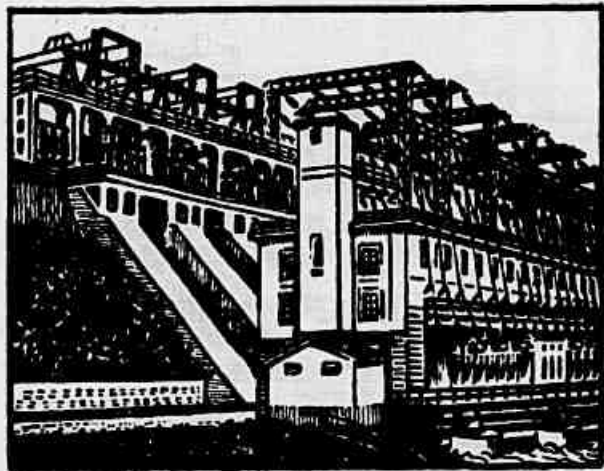
CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — Todas as três denominações se referem ao autor dos «Chants de Maldoror»; 2 — sábio da Grécia; 3 — peixes; 4 — Richard Strauss; 5 — Bidu Sayão; 6 — Dutra; 7 — jurista; 8 — Josip Broz; 9 — Japão; 10 — Werther; 11 — 75 anos; 12 — Roquete Pinto; 13 — Inglaterra; 14 — João Cândido; 15 — Villa-Lobos.

TRABALHANDO PARA O PROGRESSO DO BRASIL...



A Usina Nilo Peçanha forma, com as de Fontes e Ilha dos Pombos, um sistema de 700.000 kW de capacidade suprindo o Distrito Federal e parte do Estado do Rio.



...A USINA SUBTERRÂNEA NILO PEÇANHA

A Usina Nilo Peçanha foi a primeira usina subterrânea a funcionar na América do Sul. Esta grande usina geradora, que tem uma capacidade instalada de 330.000 kW, podendo produzir mais de 8.000.000 de quilowatt-horas por dia, tem prestado inestimável contribuição ao desenvolvimento econômico do país, servindo ao maior parque industrial da América Latina.



O BRASIL MARCHA COM A ELETRICIDADE



MINAS DE FÉ CRISTÁ

Uma palavra sobre a religião no Líbano

◆ «Cristãos ortodoxos, maronitas, melquitas, armênios, protestantes, das terras do Levante, desde o século IV — depois de Cristo, mantêm inalterada a flama do ideal cristão», observa o advogado Maurício Assuf, ex-líder universitário, Diretor Cultural do Clube Monte Líbano (nasceu no Rio, filho de Elias e Janette Assuf). Acrescenta que em todos os lugares onde se radicam, os libaneses conservam os seus princípios religiosos, salientando que a religião exerce influência apreciável na sua vida pública. Maurício Assuf realiza vários estudos sobre assuntos da terra de seus pais e prestou algumas informações para este número.



RECEPTIVIDADE DO JORNALISMO ÁRABE-BRASILEIRO

◆ Editar-se no Rio um jornal em português e em árabe. Assim, ocorre um caso interessante: há duas primeiras páginas — e as últimas passam a ser as do centro. Pois, como se sabe, o árabe é escrito em sentido inverso do sentido do português. É «O Noticiário» ou «Al-Akhbār». Seu diretor-responsável é Sebastião Izahias (filho de Sahid Izahias e de Adelaide Izahias), nascido a 20 de janeiro de 1916 em Manhauçu, Minas, e nome conhecido nos círculos da imprensa carioca. O redator árabe é José Nacif Jorge. Izahias informa que tem constatado grande interesse de árabes no exterior pelas vantagens do Brasil, estampadas naquele órgão.

SÍRIA: DESENVOLVIMENTO DE CIVILIZAÇÃO

UM POVO FEZ BASES PARA OUTROS POVOS ★ INCLINAÇÕES PARA INTERCÂMBIOS MAIORES COM O BRASIL ★ A FALA DE UM REI ★ IMPRESSÕES DO JORNALISTA MUSSA KURAIEM

◆ Cercado de relíquias e assuntos árabes por todos os lados, Mussa Kuraem faz «O Oriente», uma luxuosa revista sírio-líbano-brasileira, em S. Paulo. Quando ele se arreda desse ambiente-filial, é para ir ao ambiente-matriz: rever a Síria, de onde saíram seus pais, retomar contacto com o Líbano, ou avançar por outros países de lá.

— Mais de um milhão e meio de sírios e libaneses estão espalhados pelo mundo, principalmente na América do Sul — observa ele, falando ao repórter da *Revista da Semana*.

PONTE DE TRANSMISSÃO

Mussa Kuraem desencadeia palavras sobre o valor da Síria:

— A sua importância histórica não se ergue somente de suas contribuições originais à mais alta vida do homem. Isto resulta, em parte, de sua posição estratégica entre a Europa, África e Ásia e ao seu funcionamento como ponte de transmissão de influências culturais e, ainda, mercantis. Situada no Oriente Próximo, a Síria cedo se tornou o centro cultural da antiguidade. Sua civilização tem sido sempre de interesse desde o quarto milênio antes de Cristo.

E refere-se a outras contribuições:

— De acordo com investigações arqueológicas, a Síria aumentou em importância o primeiro uso doméstico do trigo, a descoberta do cobre, a invenção da louça, o que causou modificação no seu padrão de vida. Deixou a vida nômade e adotou a vida agrícola. E a fixação produziu vilas e cidades com primazia.

O MAIS PERFEITO ALFABETO

Na conversa de que é dono, o jornalista Mussa Kuraem invoca testemunho de intelectuais sobre o que assevera e sublinha:

— Foram os sírios de Ogarite, conforme recentes descobertas em Ras Chamra, que inventaram o mais perfeito alfabeto, mil anos antes dos fenícios e transmitiram-no a gregos e romanos e, destes, aos povos modernos. Mas a sua contribuição não cessou aqui. Em sua pequena terra se registraram outros eventos inesquecíveis. Nos períodos helênico e romano, os filhos da Síria apresentaram ao mundo alguns dos seus principais pensadores, professores e historiadores. Alguns fundadores das filosofias Stoic e Neo-Platonic foram sírios, enquanto uma das maiores escolas da lei romana floresceu em Beirute, a vizinha capital libanesa.

Recorda Kuraem, então, pontos que estão registrados hoje nos livros destinados às escolas do mundo inteiro e que atestam a pujança da civilização formada na entrada da Ásia, pelo Mediterrâneo.

INTERCÂMBIO COMERCIAL E FROTA PRÓPRIA

Vem a foco um aspecto de base:

— Na minha quinta viagem cultural ao Oriente Árabe — diz-nos Mussa Kuraem — tive o ensejo de conversar com o presidente da Associação Comercial de Damasco, a respeito do intercâmbio comercial entre o Brasil e a Síria. Ele assinalou: «Temos bases estruturais para criar uma indústria de primeira grandeza. Em nosso território flui o petróleo e as riquezas minerais são imensas e inexploradas, embora bastante conhecidas. Em produtos agrícolas, fomos sempre exportadores. Nos últimos anos, exportamos trigo, sêda natural, azeite, óleos vegetais, frutas secas, em conservas e frescas. Infelizmente, não temos ainda um intercâmbio direto com o Brasil, pois a falta de uma frota mercante própria nos tem prejudicado muitíssimo. Muitos produtos sírios exportados para a Inglaterra e os Estados Unidos são industrializados nesses países e reexportados para o Brasil e outras nações sul-americanas. Esperamos, porém, em futuro não muito longínquo poder estabelecer ligações comerciais diretas entre a Síria e o Brasil.

TESTEMUNHOS DE AMIZADE

Prossegue informando dos fatos que reforçam a amizade sírio-brasileira. Informa-nos de que quando o ex-presidente Café Filho, então vice-presidente em excursão pela Europa, estendeu viagem a Damasco.

— Encontrei-me com S. Excia. aí e tive o prazer de servir-lhe de intérprete — conta-nos Mussa Kuraem, acrescentando que, igualmente, podem servir de testemunhas da cordialidade e do afeto do povo sírio pelo Brasil a deputada Ivete Vargas e os demais parlamentares brasileiros que lá estiveram, bem como jornalistas e outras pessoas. Quanto a mim, posso depor que em todas conferências que profiri na Universidade de Damasco e no Centro Cultural do Egito percebi que a receptividade mostrava o Brasil como líder das Repúblicas sul-americanas.

COM A ARÁBIA SAUDITA

Concluiu Mussa Kuraem anunciando que em novembro seguirá para a Arábia Saudita, a convite do Rei Saud.

— E lá, à maneira do que fiz na Síria, no Líbano, no Iraque, esforçar-me-ei para aumentar as relações com o Brasil. Em Bagdá, conversando com o jovem Rei Faissal II sobre a necessidade de manter relações diplomáticas diretas com o Brasil, ouvi de Sua Majestade que a instalação de uma legação no Rio de Janeiro é fato que lhe está merecendo a maior atenção.

UM MERCADO ESTÁ DE PORTAS ABERTAS

Um novo mundo está à espera de ser descoberto (comercialmente)

◆ O mercado internacional, no mundo árabe, está aberto para o Brasil. É nesse sentido que o sr. Jorge Germanos, diretor do Centro e da Federação das Indústrias do Estado de S. Paulo e conselheiro da Associação Comercial de S. Paulo, prestou valioso depoimento:

— «Desde os países árabes da África até aos países árabes da Ásia, um novo mundo está à espera de ser descoberto. Com o Egito, a Síria, a Jordânia e o Líbano, temos, por exemplo, no Oriente Próximo, mercados de possibilidades imensas. A ânsia de construir escolas, hospitais, estradas, aquedutos, repartições públicas e moradias e obras de saneamento não tem paralelo na história de muitos países. A necessidade que eles sentem de tudo quanto é manufaturado, de madeira bruta e industrializada, de dormentes, de madeiras de lei, de tecidos, de tratores e máquinas — em suma, de tudo que é necessário à vida moderna, encontra um mercado franco e propício naqueles países».

DUAS PORTAS ABERTAS...

Declarou o sr. Jorge Germanos, descendente árabe: «O Líbano, país altamente comercial, por sua posição estratégica, tem em sua capital, Beirute, um entreposto, onde se abastece a maioria dos países vizinhos e do Oriente

Médio. Seu porto possui uma zona livre para o comércio internacional, onde hoje se efetua um grande comércio de tapetes persas e muitos outros produtos e onde nós poderíamos também estar presentes. Seu aeroporto é um dos maiores do mundo. Sua Bolsa é das mais movimentadas, onde se obtém, a qualquer momento, qualquer moeda, em qualquer quantidade. Beirute é, hoje, o que foram há anos Hamburgo e o Havre, no comércio triangular. A Síria, país secular, ressurgiu com força indômita, com uma produção agrícola considerável. Seu trigo é abundante e famoso. A sua capital Damasco, a cidade milenar que plasmou impérios, famosa pelo seu artesanato ímpar, é hoje uma cidade próspera e de uma crescente atividade comercial. É fácil, via Damasco, a penetração de qualquer de nossos produtos na Jordânia e na Arábia Saudita».

CONVITE

Frisou o industrial: «Vamos, pois, aos países do Oriente Próximo, onde mais de cinquenta milhões de consumidores têm um grande poder aquisitivo, podendo comprar o nosso café, o cacau, os tecidos, as madeiras brutas ou beneficiadas e muitos outros produtos, em troca dos quais poderemos importar petróleo bruto, trigo, azeite da Síria e do Líbano e as famosas tâmaras do Iraque».

Literatura

JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE

UM LIVRO

"MEUS VERDES ANOS"

◆ O LIVRO de memórias de José Lins do Rêgo, há pouco editado pela Livraria José Olympio (1), conserva todas as características de seus principais romances. O mesmo ambiente que o paraibano fixou nas cento e poucas páginas de seu «Menino de Engenho» e que aparece igualmente em «Moleque Ricardo», «Banguê» etc., aqui reaparece, em sua plena realidade, despida a ação de qualquer trama puramente fictícia. Ficção e realidade, porém, casam-se de tal modo em José Lins do Rêgo — ao menos na parte mais legítima de toda a sua já longa carreira de romancista, que é o «Ciclo da Cana de Açúcar» — que mal podemos discernir onde termina uma e principia a outra. Pois José Lins é desses escritores que, auxiliados por uma memória prodigiosa, tudo tiram das próprias reminiscências, poderosos transmissores que foram, antes, receptores inconscientes de inúmeros fatos reais. E prova disso é que seus romances passados em cenário diferente do em que transcorreu a infância, não têm a pujança e o cheiro de vida de um «Fogo Morto», por exemplo. Porque no romance de José Lins, a elaboração é mínima, a reconstrução, quase tudo. Sua obra é uma longa recriação de um mundo desaparecido com a infância, mundo em que imperava o avô José Lins, senhor de engenho imensamente poderoso, cuja palavra era a lei em nada menos de nove engenhos paraibanos. Para se ver até que ponto ficção e realidade se misturam, na obra de Lins do Rêgo, basta examinar os capítulos de «Menino de Engenho», e depois cotejá-los com os desse recente «Meus Verdes Anos». Pois um e outro livro tratam de um mesmo assunto: uma infância órfã, transcorrida, entre velhas tias, no interior de um engenho paraibano, infância precocemente preocupada com o sexo e com a morte. O início de «Menino de Engenho» é como segue: «Eu tinha uns quatro anos no dia em que minha mãe morreu. Dormia no meu quarto, quando pela manhã me acordei com um enorme barulho na casa toda. Eram gritos e gente correndo para todos os cantos. O quarto de dormir de meu pai estava cheio de pessoas que eu não conhecia. Corri para lá, e vi minha mãe estendida no chão e meu pai caído em cima dela como um louco». Pouco diferente é o princípio de «Meus Verdes Anos»: «Tanto me contaram a história que ela se transformou na minha primeira recordação da infância. Revejo ainda hoje a minha mãe deitada na cama branca, a sua fisionomia de olhos compridos, o quarto cheio de gente e uma voz sumida que dizia:

— Maria, deixa ele engatinhar para eu ver.

Pus-me a engatinhar pelo chão de tijolo e a minha mãe sorria e eu ouvia o choro convulso da minha tia e uma voz grossa:

— Ela está morrendo.

No romance, o personagem Carlos de Melo se debate num enredo criado, até certo ponto, pelo escritor: no livro de memórias, o personagem José Lins reconstrói, em todas as suas linhas, a pura realidade da infância. Um e outro, porém, partem de um acontecimento marcante: a orfandade. Pois a morte está presente nos capítulos iniciais de ambos os livros: a prima Lili, o primo Gilberto, o próprio pai do romancista, que não aparece senão raramente, e é como se estivesse morto. Órfão a primeira vez, José Lins passa por segunda orfandade, que é o casamento de sua mãe de criação, a tia Maria, com Henrique, filho do inimigo Lolca. A infância de José Lins sofreu assim de vários desequilíbrios afetivos, que haveriam de marcar o escritor para sempre. Também o sexo cedo despertou, no convívio com os moleques mais taludos, que lhe levavam notícias sensacionais de vacas e de touros insaciáveis. E a doença — a asma — privava-o de correr livremente pelos campos, «atrás das borboletas azuis», como diria Casemiro, borboletas, porém, que no caso do romancista, segundo sua própria frase, de vez em quando «criavam asa de vampiro». José Lins do Rêgo é o menos artístico de nossos escritores. Graças a Deus. Tendo o que contar (e agora mesmo promete novo romance), e contando-o numa linguagem quase de quem conversa, desprovida de disfarces retóricos mas cheia de força poética, seu mestre não é nenhum ultracivilizado escritor europeu: é a velha Totônia, a evocadora de reis e de fadas de longos cabelos, que sabia de cor contos e versalhadas maravilhosos. É uma natureza exuberante, profundamente humana, que tem pavor à morte, e que não tem pejos de confessar seu amor ao futebol, num grupo de intelectuais benévola-mente sorridentes. Instintivo, sensual ao extremo, falta-lhe talvez um pouco de humor — mas não podíamos exigir humor em um homem duas vezes órfão, criado entre velhos e longe do pai. É, em suma, o maior escritor vivo do Brasil, capaz de reconstruir de um ídolo todo um edifício de grande valor literário e sociológico, que é o princípio do século no Nordeste brasileiro.

(1) José Lins do Rêgo — «Meus Verdes Anos». Livraria José Olympio, 1956. 351 páginas. Ilustrações de Luiz Jardim.



• LETRAS MUNDIAIS

OUTRO ITALIANO, o famoso Curzio Malaparte (clichê ao lado), acabou também escrevendo o roteiro para um filme, «Compagno di viaggio». Prepara-se agora para visitar, juntamente com vários outros intelectuais italianos, a China.



ERNST-ROBERT Curtius, famoso ensaísta alemão, denominado o «Benedetto Croce germânico», faleceu em abril, aos 70 anos, em Roma. Autor de obras mundialmente famosas, principalmente sobre a literatura medieval (a sua obra-prima talvez seja essa extraordinária «Idade Média Latina e Literatura Européia», que o nosso Instituto Nacional do Livro lançará dentro em pouco), só agora chegou ao Brasil a notícia de seu falecimento.

O ASSUNTO do momento, em Paris, é ainda o processo que a Casa Editôra La Passerelle moveu ao escritor Marcel Jouhandeau e à Editôra Plon. O caso é que o escritor lêz uma adaptação teatral de uma sua novela, editada por «La Passerelle», e a publicou na revista «La Table Ronde». A Casa Editôra julgou ter os direitos autorais também da adaptação teatral. Em artigo publicado em «Arts — Spectacles», Jouhandeau debate a questão, em termos indignados. A certo ponto, faz o elogio dos primeiros editores que teve, Gallimard, Grasset e Horay: «Digamos, agora, que existem

editores, e editores. Um editor é credor de uma dívida de um escritor quando esse no princípio da carreira é por ele acolhido, auxiliado, por vezes com riscos materiais e morais. É o caso de G. Gallimard, em relação a mim. Um verdadeiro editor, ainda, é aquele que, utilizando métodos geniais, faz o autor chegar a um público ao qual não teria jamais acesso de outra maneira. Foi o que para mim representaram Bernard Grasset e, em escala algo menor, M. Horay, aos quais sou reconhecido. A meus outros editores, nada devo, nem material nem moralmente. Eu é que lhes trouxe alguma coisa, quando, havia muito, atingira a celebridade». Jouhandeau foi condenado, mas apelou.

• NOTAS E INFORMAÇÕES

ALVARO LINS tomará posse na Academia de Letras a 7 de julho. Pouco depois partirá para Lisboa, a fim de assumir seu cargo de embaixador em Portugal, para o qual foi escolhido por J. Kubitschek.

OUTRO ESCRITOR que, ao que se indica, partirá breve para a Europa, mais precisamente, para Madrid, em missão oficial, é José Conde, que funcionará no escritório comercial do Brasil na Espanha.

DUAS ANTOLOGIAS enormes, uma da Poesia Brasileira (6 volumes), outra da universal (em 12), acabam de ser organizadas por Ênio Silveira e Edgar Cavalheiro.

A ACADEMIA Brasileira de Letras acaba de conceder seus prêmios relativos a 1956: o «Machado de Assis» foi dado a Luís da Câmara Cascudo; o «Carlos de Laet» a Adolfo Morales de los Rios; o «Joaquim Nabuco» a Brígido Tinoco.

POESIA

NASCI PARA SEMEAR POESIA

Nasci para semear Poesia

sobre a raça dos homens nascidos tristes.

Nada desejo deste mundo aflito e louco

senão repartir a noite e o dia

com aqueles que ainda vivem

na sombra dos primitivos mundos.

Nasci para semear Poesia

sobre a raça dos homens nascidos tristes.

As sementes já lancei à terra, ao mar e ao céu.

e quando flores cobrirem a terra, o mar e o céu,

eu poderei morrer mais uma vez.

Neste momento somos homens

vivendo perfeitamente mortos, perfeitamente inúteis.

DEOLINDO TAVARES

REVISTA DA SEMANA — 13

A qualquer hora
do dia
ou da noite

a
RÁDIO RECORD

de São Paulo
tem um PROGRAMA
que VOCÊ ouvirá
perfeitamente
em qualquer
ponto do país
EXPERIMENTE!

ondas médias: 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas: 19, 25, 31 e 49 metros

Record

TV NA "REVISTA"

SPECTATOR

HEBER DE BOSCOLI

♦ Será sempre oportuno dizer alguma coisa a respeito da obra radiofônica de Heber de Boscoli e do entusiasmo com que ele a realizava. Sem dúvida foi Heber um dos nossos maiores animadores de auditório e, com a sua conhecida frase «P'ra que discutir com os ouvintes?», respondia sempre com bom humor a todos aqueles que criticavam os seus programas, achando-os por demais populares. Heber procurava criar audições que visassem essencialmente o agrado do público em geral, e, para conseguir o seu intento, lançava-se a iniciativas que acabavam sempre vitoriosas. Apesar de doente, Heber nunca se deixou esmorecer, e, tendo assinado contrato com a TV-Rio, estava cheio de planos para novos programas que iria levar a um público maior, pois seria apreciado não só pelos rádio-ouvintes como também pelos telespectadores. Esses, receberam com grande agrado a notícia de que o «Trem da Alegria» seria apresentado no vídeo, como aliás aconteceu, com grande sucesso. Em cada viagem eram homenageados pelo «Trio de osso» atores e cantores do nosso rádio ou teatro, com muito carinho e simpatia.

Cumprindo o seu intento de levar ao público atrações que despertassem grande interesse, Heber lançou um dos mais espetaculares programas televisionados feitos à base de concessão de vultosos prêmios. Em pouco tempo essas audições tomaram conta da cidade. «Museu de cêra», programa criado com o fim de aproveitar a grande discoteca e arquivo fotográfico do «campeão dos auditórios», em cada exibição traria também aos tevendo um grande artista da velha guarda, principalmente os cantores. Infelizmente o lançamento dessa idéia deu-se já depois da morte de Heber. A primeira visita ao «Museu de cêra» foi conduzida por Lamartine Babo que, em companhia de Sílvio Caldas, deu ao público oportunidades de recordar autores e músicas antigas. Os espectadores puderam nessa ocasião antever o que seriam essas apresentações, animadas pelo dinamismo e simpatia de Heber.

Yara Sales e Lamartine Babo estão a postos para, cumprindo o desejo de Heber, prosseguir sem interrupção as suas idéias, visando dar ao público sempre bom divertimento. Heber, que pouco antes de morrer havia firmado contrato com uma das emissoras de TV paulistas, a fim de que pudesse levar também aos telespectadores de S. Paulo um pouco do seu dinamismo, terá nos seus companheiros do «Trio de osso» excelentes continuadores para a sua obra junto ao público que nunca esquecerá o muito de divertimento sadio que ele lhe proporcionou.

VAMOS MELHORAR?

O locutor Décio Luís leva aos espectadores da TV-Tupi um curto programa patrocinado por uma das nossas mais conhecidas construtoras imobiliárias e, para ilustrar essas palestras, resolveu convidar um decorador (que infelizmente não nos foi possível identificar), a fim de orientar o público sobre alguns problemas de decoração. O assunto é dos que desperta grande interesse, por ser de grande utilidade, mas parece-nos que a idéia fica um pouco prejudicada, uma vez que o decorador lança as suas sugestões



Rosa Maria, uma das bonitas garotas-propaganda da TV Record, de São Paulo.

apenas oralmente, sem se valer de nenhuma ilustração para exemplificá-las, o que no caso seria de grande valia.

xxx

O programa criado por Heber de Bôscoli para a TV-Rio, feito através de concursos aos quais os candidatos concorrem a vultosos prêmios, foi bastante prejudicado com o desaparecimento do seu animador. Péricles do Amaral foi o primeiro indicado para substituí-lo, e

atualmente, um outro locutor exerce esse papel.

Em uma das últimas apresentações, esse animador do qual não conseguimos descobrir o nome, quando realizava o concurso feito através do telefone, perguntou ao candidato que com ele conversava se se encontrava junto ao seu aparelho receptor de TV. É natural alguma confusão durante um momento em que está em jogo um prêmio vultoso, mas, erros como esse não podem ser admissíveis.

GRAU DEZ:

...Para as audições de Dóris Monteiro que, apresentando sempre ambientes e cenários arranjados com muito bom gosto por Pernambuco de Oliveira, além das ótimas interpretações da cantora, constituem um dos pontos altos da programação do Canal 6

...Para a primeira apresentação do "Museu de cêra". Lamartine Babo e Silvio Caldas forneceram aos tevendos alguns momentos de encantamento, com a recordação de canções e autores de tempos passados.

...Para os Tele-jornais exibidos pela TV-Rio, de maneira geral muito bem executados, fornecendo ao público notícias de interesse e as mais recentes filmagens dos principais acontecimentos mundiais e nacionais.

...Para "Aventuras de Eva". O público já de Eva Todor tem oportunidade, agora também através do Canal 6, de apreciar as suas ótimas interpretações. André Villon é elemento de grande valor, concorrendo para animar em muito as extraordinárias peripécias por que passa Eva.

...Para os Canais 13 e 6, que vêm aproveitando de maneira bastante eficiente elementos da velha guarda nos meios artísticos. É sempre um prazer assistir às audições de Ari Barroso que conversa amigavelmente com os espectadores e acompanhar um programa que exiba Silvio Caldas e Lamartine Babo, recordando tempos passados.

É bastante interessante a idéia do aproveitamento desses elementos, uma vez que eles, como muitos outros, ainda não encontraram substitutos nas gerações mais novas.

...Para "Cartazes luminosos". Helena Sangirardi, agora contratada da TV-Rio, continua levando ante às câmaras elementos de destaque em todos os setores e com eles mantém interessantes palestras, procurando conseguir as informações que por certo interessam mais ao público.

...Para Cauby Peixoto que, de acordo com o programa de estreia de grandes atrações durante o mês de junho na TV-Rio, tem demonstrado o seu talento, em uma série de ótimas interpretações.



Conchita e Mário Mascarenhas, juntamente com as suas acordeonistas, atuam com sucesso no Canal 6.

...Para "O Céu é o limite", mais um dos programas que através de uma série de perguntas feitas a candidatos previamente inscritos, oferece-lhes a oportunidade de alcançar vultosos prêmios.

Essas audições já há algum tempo vinham sendo feitas em São Paulo com grande sucesso e agora também os cariocas têm oportunidade de concorrer aos prêmios que não têm limite.

Deve-se ressaltar, além da perfeita organização do programa, a atuação do animador J. Silvestre que, com muita vivacidade e perfeita dicção, conduz as perguntas.

CAMPINAS

120
VIAGENS
POR DIA
DAS
5,05
ATÉ
23,50 HS.

cada 10 minutos

AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 895 - Fone 34-1395

R. Senador Queirós, 85 - Fones 34-2399 e 36-6402

Parque D. Pedro II, 1.092 - Fones 32-8733 e 34-5393

CAMPINAS

Pça. Flor. Peixoto, 292 (Lgo. da Est.) - Fone 5848

Rua Dr. Campos Sales, 758 - Fone 3169



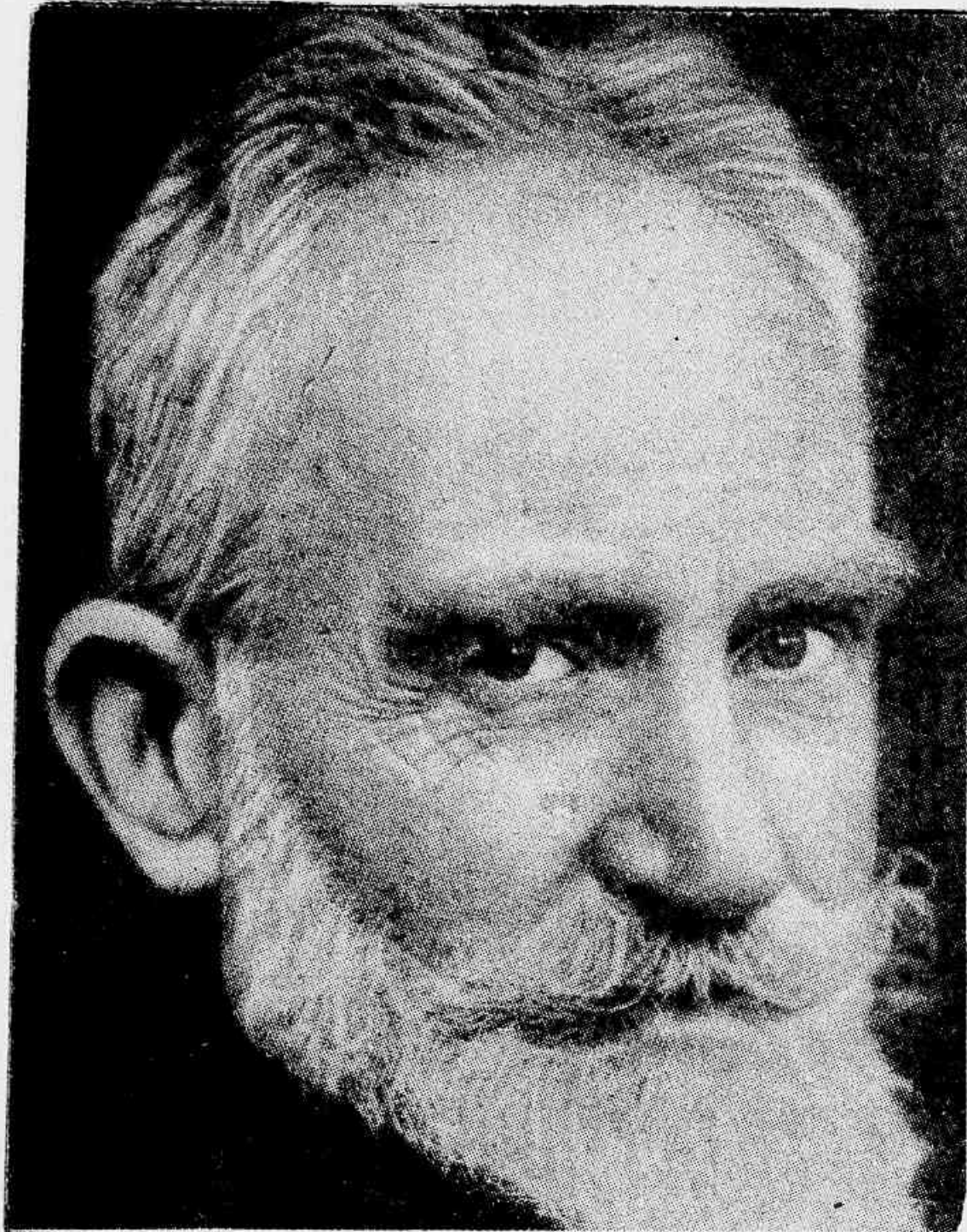
VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO
BRASILEIRO

VIAÇÃO LHM

AZASO - EB-3



SHAW — Nascia em Dublin

O MUNDO HÁ CEM ANOS PASSADOS

QUANDO BERNARD SHAW NASCIA E A IMPERATRIZ TSEU HI ASSUMIA O TRONO CHINÊS ★ GUERRA DA CRIMÉIA ★ O ÓPIO NA CHINA ★ INGLÊSES NO INDOSTÃO ★ AVENTURA DE WILLIAM WALKER NA AMÉRICA CENTRAL ★ NO BRASIL, A CONCILIAÇÃO DOS PARTIDOS

Texto de HAROLD GREEN

HA cem anos passados, em 1856, quando em Dublin, na Irlanda, nascia George Bernard Shaw, e quando na Alemanha morria o poeta Heinrich Heine e matava-se o compositor Schumann, consumava-se a fase principal de um jôgo que parece hoje em dia prestes a extinguir-se: o colonialismo. Charles Darwin preparava seu fabuloso livro sobre «A Origem das Espécies»; Karl Marx estudava com afinco a Economia Política, incrementado por Engels; o conde Gobineau, finalmente, espécie de precursor de Alfred Rosenberg e de outros teóricos do Racismo germânico, após uma viagem de vários me-

ses pela América do Sul e outros continentes, afirmava, em seu «Ensaio sobre a Desigualdade das Raças Humanas», a inferioridade da raça latina em face à saxônica, chegando ao cúmulo de negar a latinitude de um Dante Alighieri, cujo nome, a seu entender, seria a corruptela de algum arrevezado nome alemão...

No Brasil, falecia o Marquês de Paraná, Honório Hermeto Carneiro Leão, o qual se empenhava, havia três anos, em conseguir a pacificação dos dois tradicionais partidos brasileiros, os conservadores e os liberais. Conseguiu-a, de fato. E, muito embora historiadores como

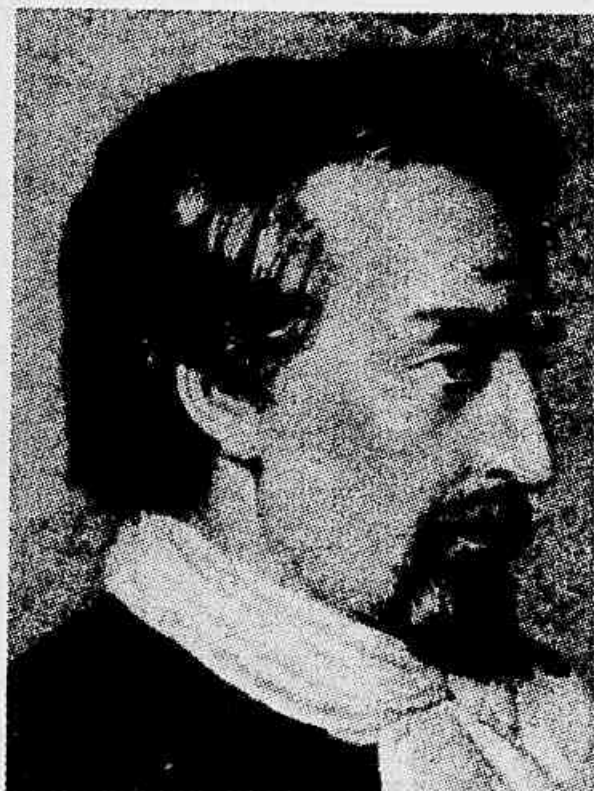
Vicente Licínio e Gilberto Amado acreditem que ao Imperador Pedro II caibam ainda os louros maiores da vitória, o certo é que foi graças ao prestígio e à prudência do velho político que as coisas se arrumaram.

Ainda com relação ao Brasil, digna de menção é a intervenção dos exércitos nacionais no Prata, não como conquistadores, porém como mantenedores da ordem numa região vizinha ao Rio Grande do Sul, e que as tropas de Mitre e de Flores percorriam arrasando.

A América Central vivia um de seus dramas, infelizmente ainda não terminados hoje, cem anos pas-

sados. Ali, apoiado pelo próprio presidente da Federação Americana, o médico, advogado, jornalista e sobretudo aventureiro americano William Walker (1824-1860), misto de aventureiro e de homem de gabinete, numa tentativa ambiciosa de conquistar a América Central — tentativa em que quase saía vencedor, tendo inclusive chegado ao posto de Presidente da Nicarágua —, era derrotado pelo patriotismo do costarriquenho Juan Rafael Mora, que em Santa Rosa, a 20 de março de 1856, infligiu-lhe pesada derrota, que foi o princípio de sua derrocada.

As intenções de Walker, segundo



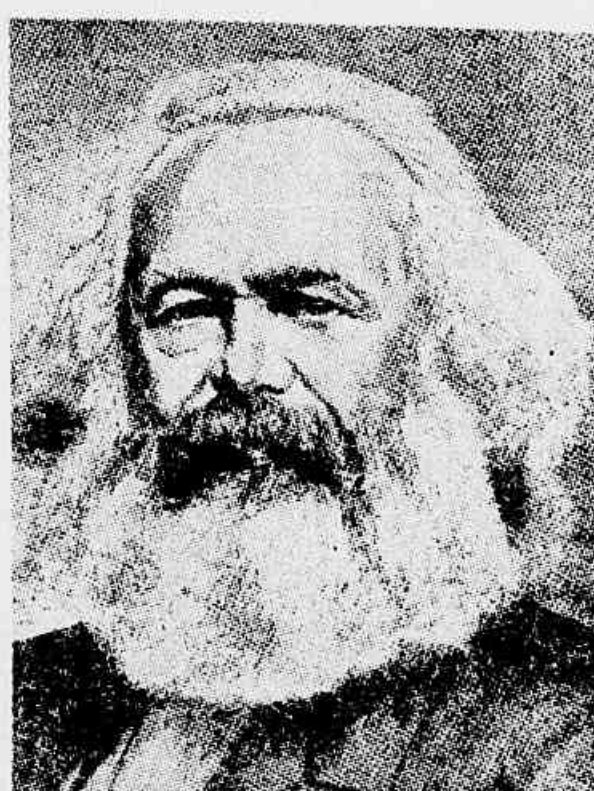
HEINE

O Poeta dos «Intermezzi»



WALKER

Aventureiro Escravagista



MARX

Sonhava com «O Capital»



PARANÁ

Conseguiu a Conciliação

o depoimento unânime de todos os historiadores centro-americanos, eram as piores possíveis: reimplantar o escravagismo em Honduras, Costa Rica, Nicarágua e Guatemala; se possível, anexar ao Sul dos Estados Unidos toda a região central da América. Tivesse tido êxito o seu plano, e não sabemos qual seria, hoje em dia, a situação daqueles países. Walker foi um desses homens cuja ação busca retardar o progresso social dos séculos.

Na Europa, o acontecimento marcante ainda era a Guerra da Crimeia, sustentada pela Rússia contra a Turquia, Inglaterra, França, Sardenha e Piemonte. O Czar, pretextando proteger os cristãos que padeciam o jugo do Sultão, declarou-lhe guerra, a que o Tratado de Paris viria pôr termo, em condições honrosas para ambos os lados. No mesmo ano de 1856 subia ao trono russo Alexandre II, que aboliria os denominados «servos da gleba», e terminaria assassinado pelos nihilistas em 1881.

Num continente de 266 milhões de habitantes (segundo Seignobos), a Inglaterra, que desde o século anterior principiara sua política expansionista, acabava de se destacar como nação colonizadora (hoje diríamos imperialista...) por excelência, conquistando a Índia inteira, precisamente em 1856, e introduzindo em grandes quantidades, «até 1858, o ópio destinado a minar a resistência chinesa a seus planos de conquista», segundo a expressão de Toynbee. A ascendência inglesa era tão grande, que mesmo o filho de Napoleão III, nascido em 1856, vinte e três anos após, quando a tase imperialista britânica atingia ao máximo, pereceria lutando contra os zulus, não sob sua própria bandeira tricolor, porém sob o pavilhão inglês, que cobria por completo o sul da África.

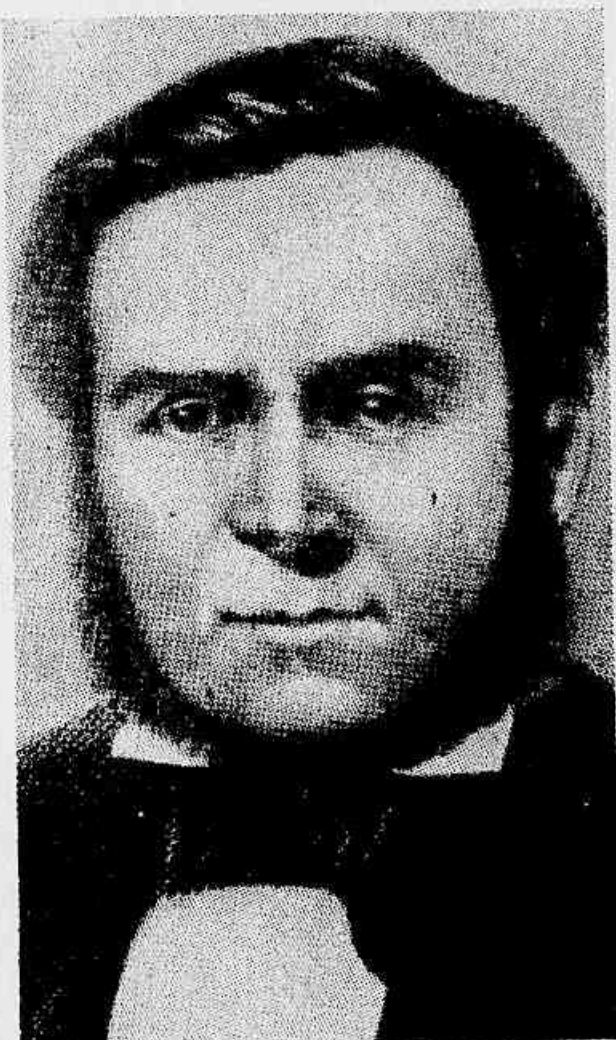
Já estavam no norte da África os franceses — os mesmos franceses que dele se retiram pouco a pouco, nos dias que correm.

Quanto ao Oriente, vale a pena mencionar a ascensão ao trono chinês da Imperatriz Tseu Hi, então na flor dos 22 anos, e que governaria, com mão pesada, seus milhões de súditos, até 1908, por nada menos de 52 anos!

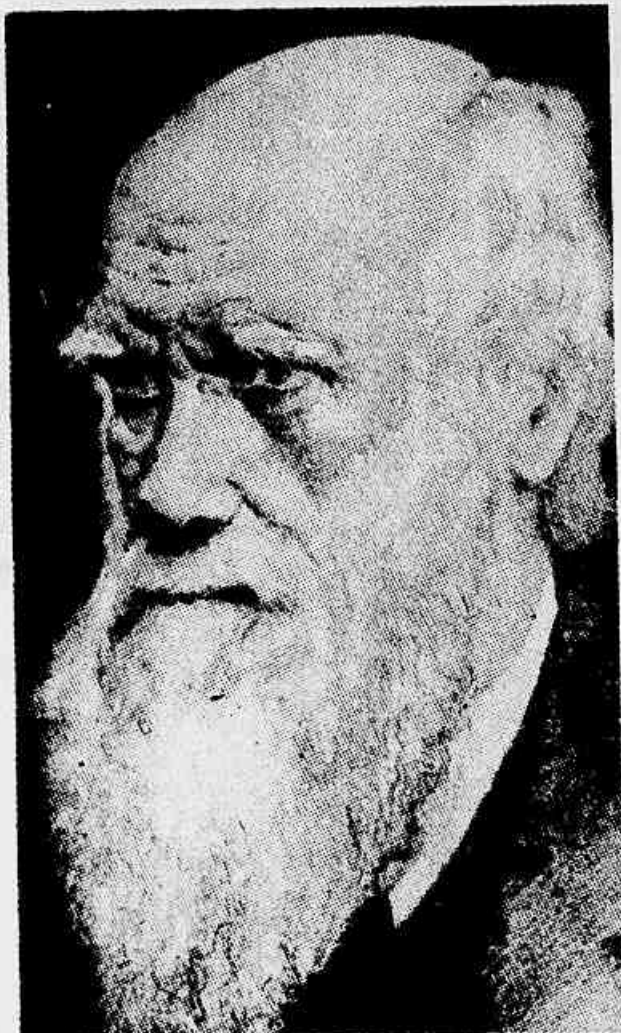
Houve também uma pequenina guerra entre Índia e Pérsia, conflito que a Inglaterra resolveu da maneira mais simples: anexando as duas a seus domínios...



SCHUMANN
Compositor e Crítico



MORA
Salvador da Centro-América



DARWIN
Trabalhava a Origem das Espécies

Adquira a última palavra!

PARA A SUA COSINHA!

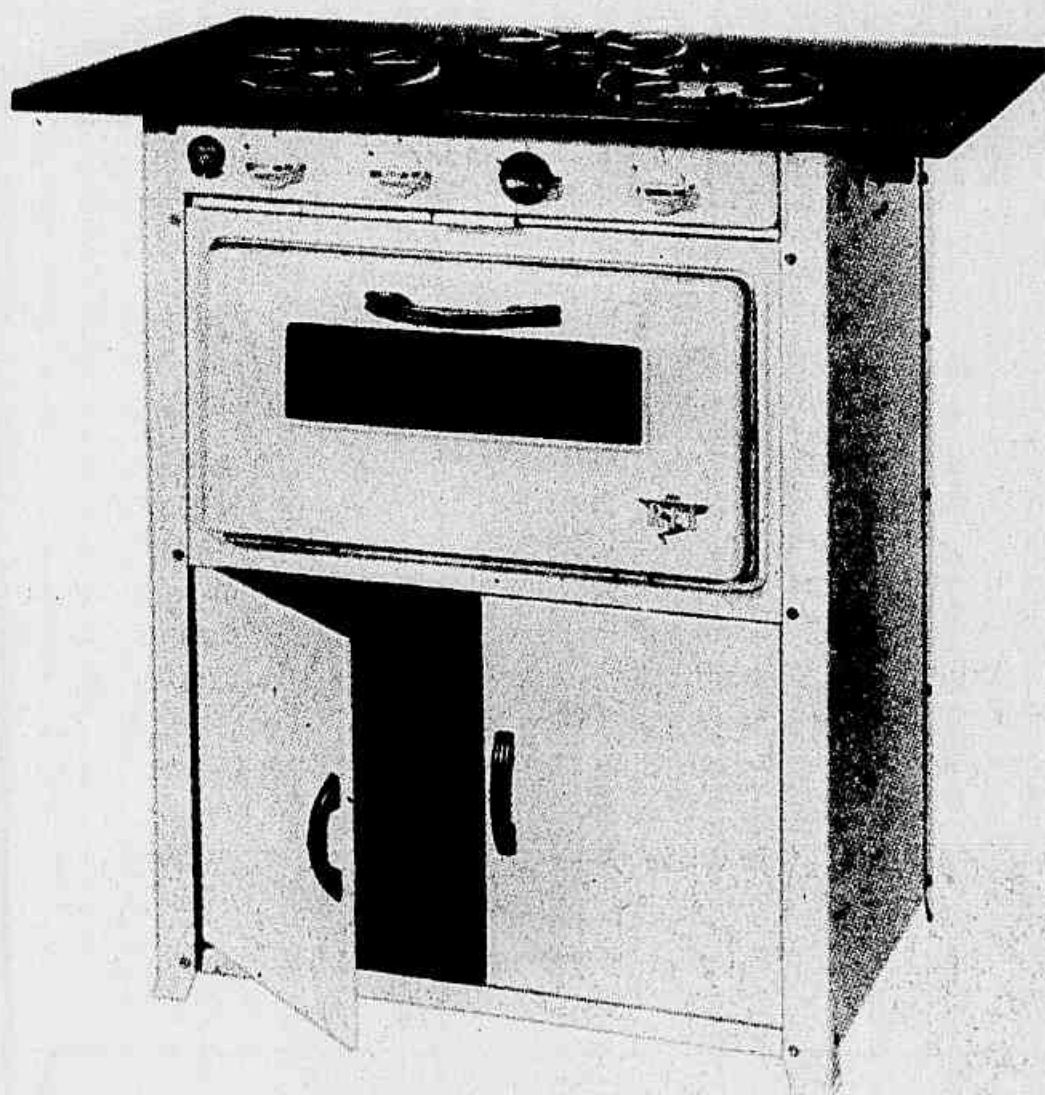
AGORA O NOVO **FOGÃO**

REI DE LUXO

^ GAS ENGARRAFADO INTEIRAMENTE PORCELANIZADO A FOGO!

turno **REI**

COM JANELA DE VIDRO REFRATÁRIO! GOSTOSOS ASSADOS, PUDINS, BOLOS... COM MENOS TRABALHO!



Exija do concessionário de gás a marca

REI

o magistade que serve na sua cosinha!

PRODUTO DAS **INDÚSTRIAS REI** H. WACKER S.A.

MATRIZ: — RIO DE JANEIRO — RUA DAS MARRECAS, 5

FILIAIS: SÃO PAULO — RUA 7 DE ABRIL, 172

RECIFE — RUA SÃO JOÃO, 311 - SALA 12

CÔR

Fernando LÔBO

◆ Os livros de ontem contam a história da gente de côr. Aquêlê cativo medonho, aquela proibição danada até de falar, fizeram do negro o escravo de corpo e de alma. Prêso a uma corda dura e inquebrável, nossos irmãos de côr, fizeram da voz um sussurro apenas para em noites esquecidas de seus donos, cantar um lamento, rezar uma reza a um santo exótico, imaginário e da mesma côr. Isso é da história antiga, coisa passada e coisa sabida por todos; mas daqueles tempos quem bons olhos tivesse, iria perceber na gente negra um «jeito de arte, tão forte quanto a sua revolta». Um grito melhor de liberdade, um vento mais sadio que o do porão dos navios negreiros, deu ao homem de côr um campo para que mostrasse o que havia dentro de cada um como manifestação segura e boa. Marian Anderson, Paul Robson, Duke Ellington ou Handy fizeram pelas próprias mãos um edifício desses tempos atuais em terras norte-americanas. Se bem que a gente do sul ainda esteja miope para ver no negro uma figura humana a marchar de bons passos, a caminhada é boa. Nós somos mais jovens em todos os sentidos, mas nesses dias atuais já podemos lembrar da contribuição negra nas nossas melhores manifestações de arte popular. Se esquecermos os nomes daquele punhado de sambistas anônimos que fizeram o samba e o derramaram para o sopé dos variados morros, vamos ter em Sinhô, o símbolo de todos eles. Se lembramos o velho palhaço Benjamin de Oliveira que para representar Cristo respeitosamente pintava o rosto de branco, estamos contando história repetida. Vamos até o Grande Otelo, a Caymmi, e caminhando ainda mais chegamos aos novos desse agora. Queria chegar até a «Brasiliã», ontem em terras de Europa e depois deixá-la também para ficar somente com Haroldo Costa que vai se juntar a Ruth de Souza para, no palco, representar o «Orfeu da Conceição», essa jóia que Vinicius de Moraes delineou para o cinema francês, mas que nos vai dar em primeira mão. Ali, deverá estar contida toda a presença do anseio de outros tempos, a realidade de sonhos guardados, vindos de muito longe. A côr se liberta e ela, assim solta, com asas firmes, está entregando ao Brasil a melhor dose de arte que ela merecia.

O «VENDÔME»

A simpatia de Louis Bartolotti nos levou uma noite dessas para um jantar de bom tempêro, um vinho de boa marca e uma conversa que valeu a noite. Depois daquele mesmo dono ter feito do «La Cremaillere», um dos melhores lugares do Rio noturno, tenta êle na cidade — o que não é fácil — fazer do «Vendôme», um lugar de bom gosto. Tentando pelo mesmo ca-

minho da sua outra casa e levando nomes brasileiros, não teve entretanto o restaurante da Franklin Roosevelt o mesmo êxito. Daí a presença da moça bonita Hilda Marques, estrela mexicana, que exhibe a sua arte dentro daquelas noites ao lado de Francisco Carlos e Dolores Duran. Programados também Nora Ney, Hélio Paiva e José Vasconcelos.



ENCONTRO — Aconteceu «de repente mais que de repente» como diz o poeta Vinicius de Moraes. Difícil de ser encontrado é o poeta Carlos Drummond de Andrade um homem longe da boemia. Mas ei-lo aqui, num grupo amigo e dentro da noite. Foi no bar «Esplanada» e da esquerda para a direita: Cássio Fonseca, Irineu Garcia, Léa, o propriamente mencionado Drummond, Jaime Adour da Câmara, Eneida, Lúcio Rangel e de costas Jarbas Melo.

UM DA NOITE DELA FALANDO

Quem está diante de nós é Lúcio Rangel, professor catedrático em música popular, dono de uma re-

vista desse gênero, e uma figura noturna da melhor qualidade. Ele conhece a palmo as horas notur-

nas que lhe entregam a conversa amiga, num bar de bom gosto e de uísque de bom gosto também. Está portanto mais que autorizado a responder as nossas 10 perguntas sobre a noite, seus encantos e seus perigos.

P — Que é que é bom dentro da noite?

R — Encontrar amigos.

P — Quem é bom dentro da noite?

R — Johny Walker.

P — Qual a bebida boa dentro da noite?

R — Da noite e do dia uísque só e sempre.

P — Qual o melhor bar para se gastar a noite e o dinheiro?

P — Onde estiver Chuca-Chuca.

P — Qual o melhor garção dentro da noite?

R — O que não seja cantor.

P — Qual o melhor «papo» dentro da noite?

R — (Prejudicado).

P — Qual o melhor dono da noite?

R — Paul François (Clube 36).

P — Qual a melhor música dentro da noite?



NILZA BENES, sempre com Sampaio. Flor da noite.

ROTEIRINHO

«Vendôme» aberto. Comida da melhor qualidade ★ ★ ★ O Trio Irakitan somente até o fim do mês na «La Cremaillere». Seguirão para uma temporada na Venezuela, mas na volta estarão no mesmo lugar ★ ★ ★ Epaminondas do «Trio Nagô» cantando sozinho também ★ ★ ★ Waller Pinto ganhará mesmo a preferência do «Night-And-Day» ★ ★ ★ «Arpège» uma das melhores «boites» do Rio. A melhor música, não tem tipos fixos como o «Sacha's» e a bebida é honestíssima ★ ★ ★ Bola Sete uma das melhores atrações de dentro da noite. Está no «Bacará» ★ ★ ★ Vai ser todo reformado o «Ma Griffe».

R — Qualquer uma que cante Mara Abrantes (Cangaceiro).

P — Qual o melhor cronista noturno?

R — Stanislau Ponte Preta, ora!

P — Qual a melhor hora de ir para casa?

R — Com sol.



EPAMINONDAS, é do Trio Nagô mas gravou sozinho. Tudo bom...

PHORTUNA

(Com PH) APRESENTA

REVISTA DA SEMANA

1900

SUPLEMENTO COMEMORATIVO DE MAIS DE MEIO SÉCULO DE LEITORES



TRANSCRIÇÃO DE PIADAS

(na orthographia da epocha)

CREADA MODELO

— O meu ordenado é oitenta mil reis, madame. Mas ficarei por sessenta se o patrão for amavel commigo.

DUETO

O POLICIA — Acompanhe-me...

O VAGAMUNDO — Hom'essa! Acompanhar?! Então você tem medo de andar sósinho?...

DEPOIS DO LYRICO

— Ó Casusa, não haverá **tombem** bonde **di** luxo pr'á praia **Fermosa**?

— Não, Cocota; só temos bondinho de **tistão**...

AO MODO DA MODA

— Mas, minha Cunegundes, é preciso obedecer á moda; agora anda na berra a estrella, temos as estrellas do lyrico, as estrellas ao meio dia... Vai, prepara para o jantar uma sopa de estrelinhas...

ILLUSÃO OPTICA

O BEBIDO (com um cartão na mão)

— Chi! Como anda a orthographia! Anno novo com quatro áá, quatro óó, vinte nn, trinta vv... e todos dançando...

LYRISMO

O POETA (no cães postado) — Como é lindo o sullexo do pharaó na supremacia das ondegas!

FORTUNA

(Com 160 HP) APRESENTA

REVISTA

DA SEMANA

1956

TRADUÇÃO DAS PIADAS

(para a ortografia vigente)

CRIADA BEM MODELO

— Meu ordenado é mil e quinhentos cruzeiros, madame. Agora se o patrão for amável comigo, cobro extraordinário.

TERCETO

O COSME — Nos acompanhe.

O VAGABUNDO — Ué, vocês me acham com cara de Doum?

DEPOIS DO AUMENTO

— Não ficava melhor, Zuzi, a gente pegarmos um táxi?

— Bobagem, Cota. Se é luxo que você quer, vamos de bonde.

MODO À MODA

— Eu sei, querida, que o negócio do momento é greve: teve a da Frota Barreto, a dos estudantes e agora são os bancários... Mas dá um beijinho, vá. Você tem sempre que andar na moda?

VERDADE POSTAL

O BÊBADO (com um cartão na mão)

— Puxa, que o Correio está de morte! Dois cartões iguaizinhos de Ano Novo e todos dois do ano passado...

MODERNISMO

O POETA (na beira do cais) — Lindo. Reflexos de faróis de cadilaques. Em supremacia na altândega.

O RIO DO INÍCIO DO SÉCULO

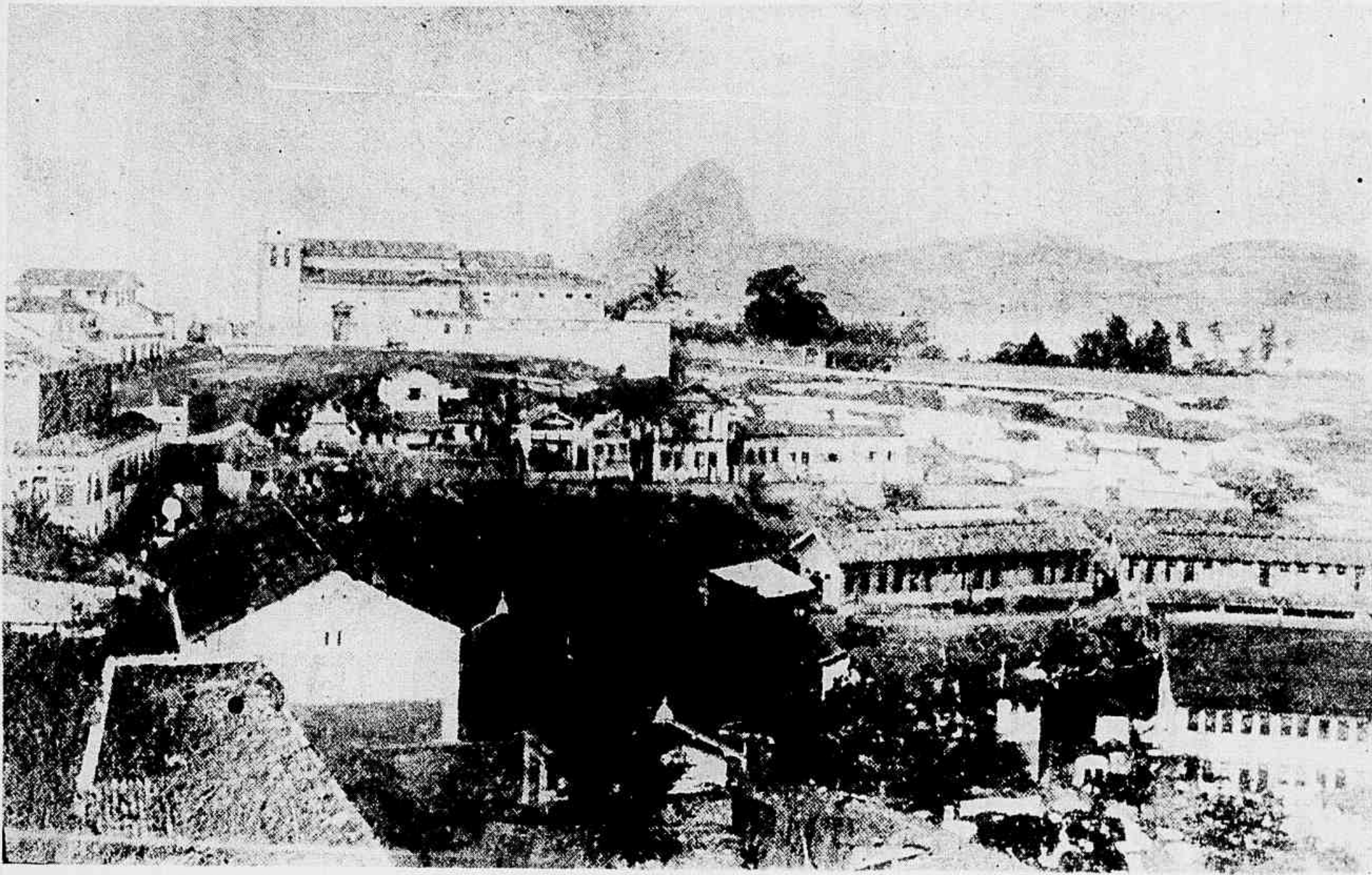


Foto um tanto amarelada, onde se vê o Morro (hoje Esplanada) do Castelo. Ao fundo, o clássico Pão de Açúcar.

O RIO DE 2000 (À MANEIRA DO INÍCIO DO SÉCULO)

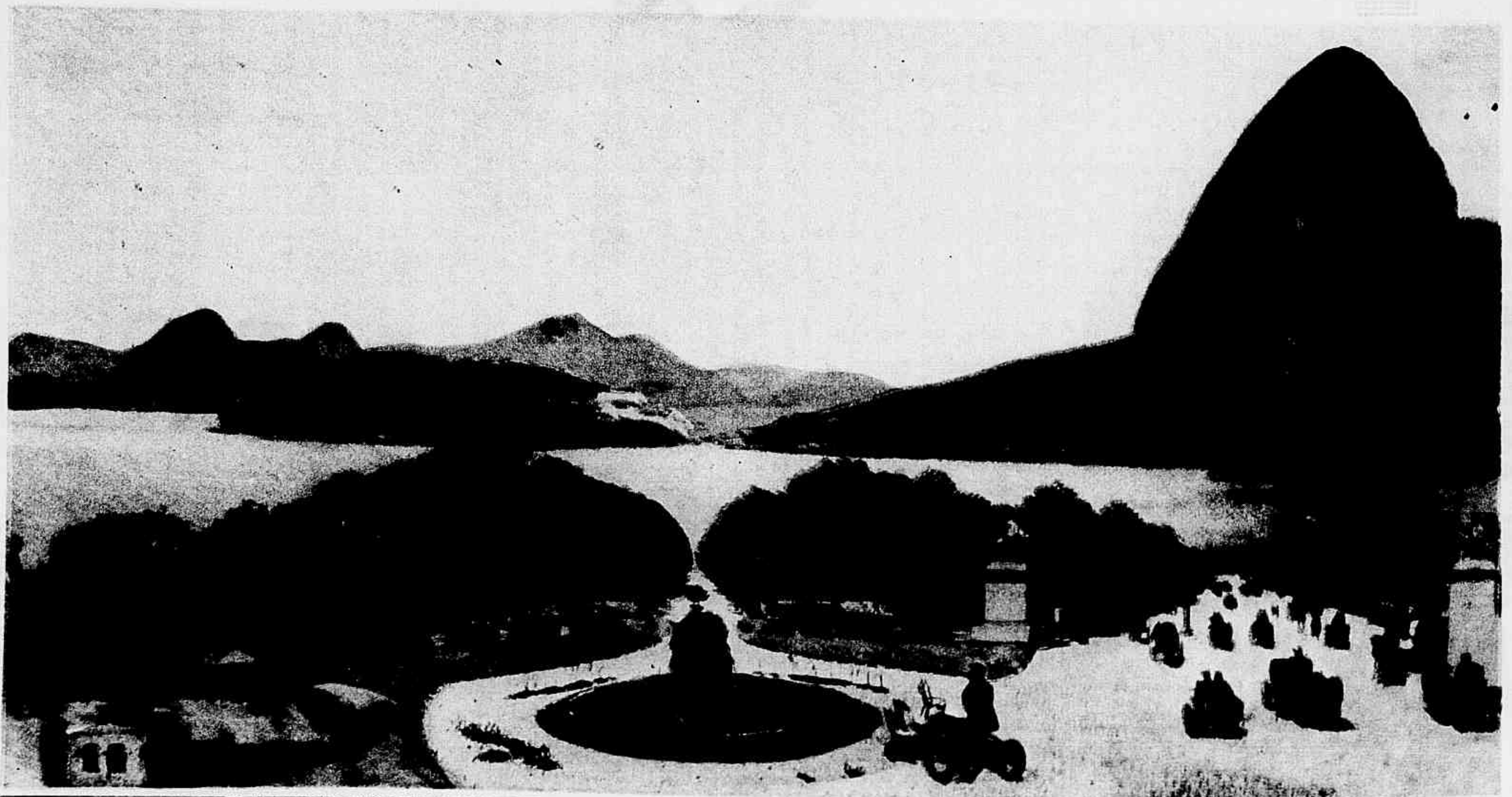
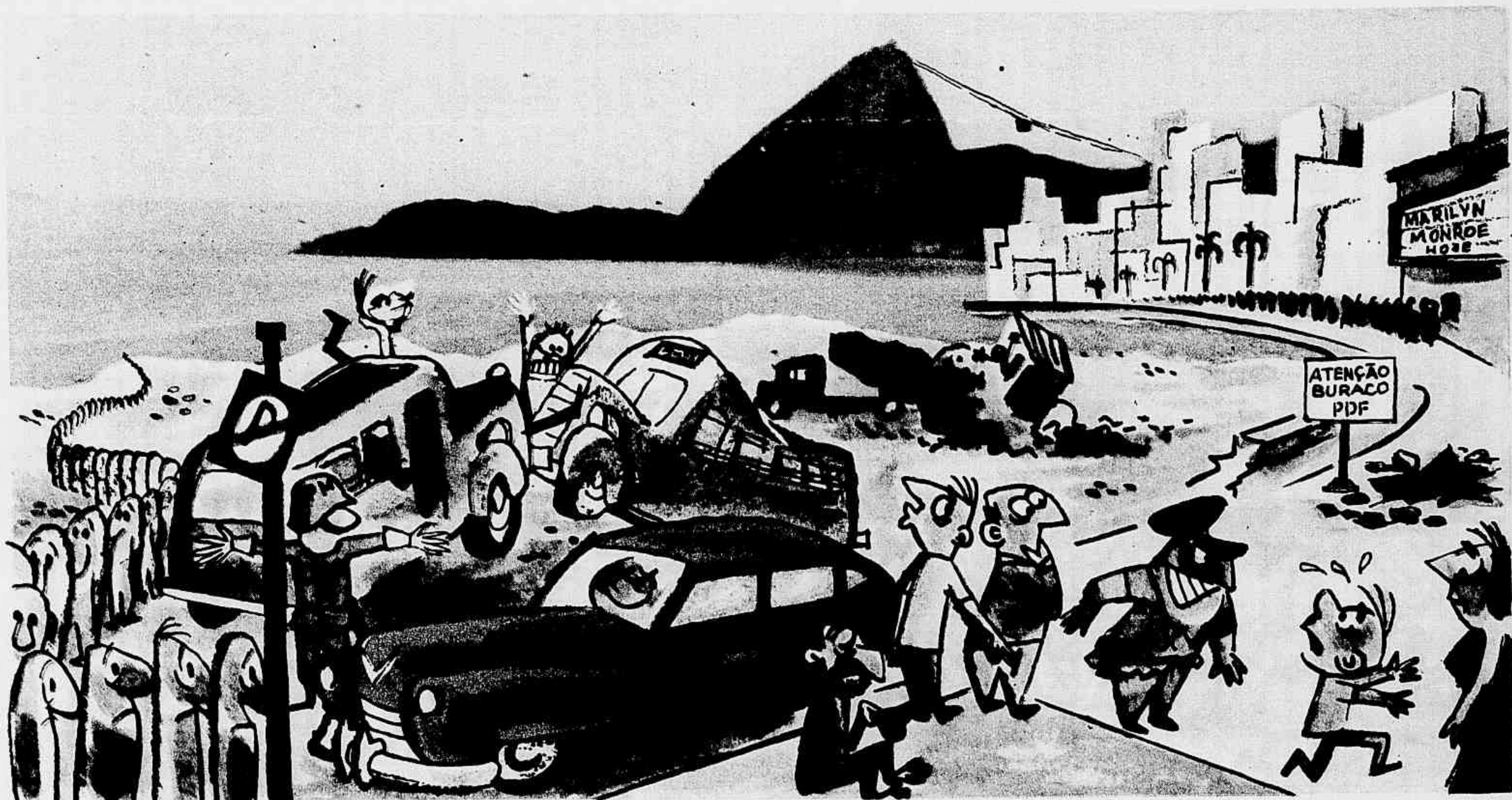


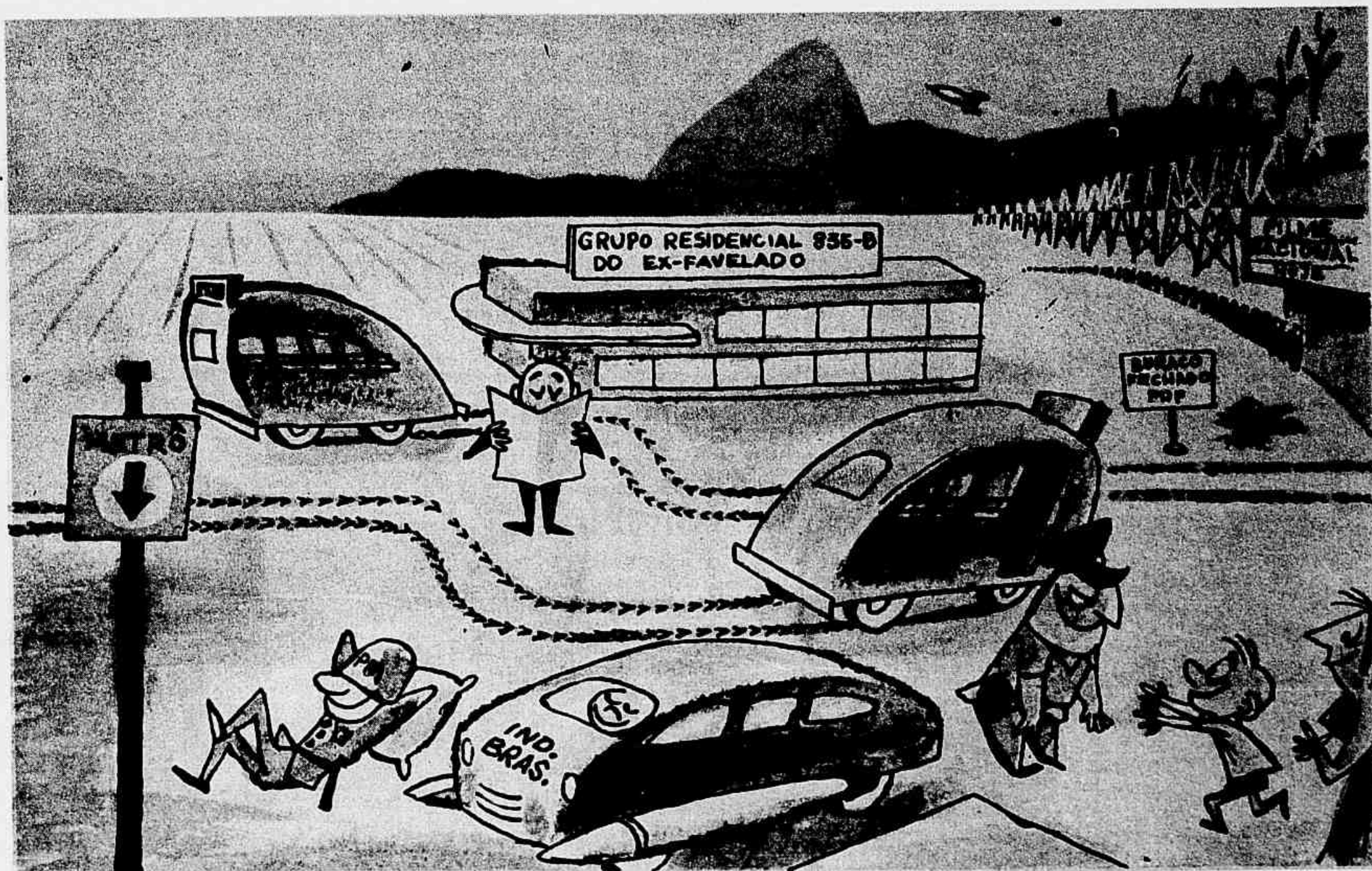
Imagem gerada por computador, baseada no 1º número desta REVISTA. Note-se ao fundo, o Pão de Açúcar sem bondinho.

O RIO DESTA SEGUNDA METADE DO SÉCULO



Idéia em verdade um tanto pálida da época. Ao fundo, o indefectível Pão de Açúcar e respectivo bondinho.

O RIO DE 2000 (À NOSSA MANEIRA)



NOTA — A graça da nossa visão profética do Ano 2000 fica reservada para o Ano 2000, mesmo. Então alguma traça de biblioteca, ao chegar a esta página, dará boas risadas, como fizemos diante da «photographia prophetica» de 1900, pela nossa ingenuidade e boa fé

Flagrante ditado de acôrdo com nossa visão profética do futuro. Ao fundo o Pão de Açúcar, é claro, com seu jatinho.

CANÇÃO DAS DUAS METADES

(POESIA MEIO SECULAR)



Ontem de espartilho.
Cabelos empoados.
Colecionava madrigais em álbuns.
Conhecia a linguagem dos leques
E a linguagem das mãos, entre outras.
Mas de **parler français**
Ficava só no **je t'aime**.
Ontem, desmaios, chiquinhos.
Males de resto passageiros
Pois entendia de frascos
De saís.
Ia a bailes com **carpet**
Para anotar contradições.
Ontem rodava.
Valsava. Polkava.
Flirtava.
De volta à casa
Tirava o bolero,
Tirava o **tailleur**,
Taletás, mousselines,
Deixando entrever
Braço, colo e meias pretas
Descalçando as botinas
Na hora íntima
De meter-se entre sonhos.
— Deidade, diziam.
Era Senhora.



Ontem de fraque.
Pomada nos cabelos.
Movia os lábios em ritmo
Sussurrando alexandrinos.
Por amor ao beletrismo
Rimava coisa com coisa
E sabia que Saudade
Além de ser a mais bela
É também a palavra mais rara
Pois só se diz em português.
Por **divertissement**
Fazia seus trocadilhos.
(Agora isso era doutor.)
Ontem páldio.
Era cavalheiro.
Sempre a caça de um bom dote.
Que o **l'argent** não dava
Nem para a cerveja preta nacional
Que dirá para o vinho português.
Oh, tempos tão bichudos!
Oh, pindatiba nacional!

Hoje violão.
Taradinha.
Junta figurinhas.
Manja muito de giria,
Mão boba, etc.
Mas no spiquinglês
Não sai do aluviú.
Hoje frustrações, inibições.
Males mais complexos
Que aprendeu nos filmes
De psicanálise.
Vai a buates com caderninho
Para escrever telefonemas.
Hoje circula.
Bolero. Mambo.
Rosto colado.
Chegando no apartamento
Tira a suéter,
As calças **blue jeans**,
Náilon, brim coringa,
Exibindo plenamente
Cabeça, tronco e membros
E calça as alpargatas
Que a hora é essa
Pra meter uma praia.
— Fiu! Fiu! quando passa.
Chamam de brôto.



Hoje camisa esporte.
Vento no topete.
Mexe os queixos no ritmo
De goma de mascar.
Maníaco por automóveis
Dá batida após batida
E sabe que Chapa Branca
Apesar de ser o mais caro
É o carro que sai mais barato
Pois só vem em jabaculês.
Em nome da eugenia
Pratica halterofilismo.
(Além disso é centro-avante.)
Hoje bronzado.
Chamam de boa praça.
Vai vendo se se vira
Que é preciso muita gaita
Pra um cubazinho vagabundo
Quanto mais para o uísque falsificado.
Oh, tempos tão difíceis!
Oh, espiral inflacionária!

Tão certo como aqui estamos
É que a Dois Mil chegaremos.



Que eles lá se entenderam.



E eles lá que se entendam

Enlace

GANEM-BEDRAM

◆ Teve grande repercussão social na colônia libanesa o enlace matrimonial do sr. Maurício Jorge Ganem, filho do sr. José Antônio Ganem, com a srta. Maria Bedram, filha diletta do sr. Wadih Jorge Bedram e da sra. Conceição Ganem Bedram, de cujos atos foram colhidos expressivos flagrantes por nossa objetiva. A cerimônia religiosa foi oficiada na tradicional Igreja da Candelária com todos os ritos Maronitas, ritos esses bonitos e singulares, revelando grande sensibilidade e fervor. Seu oficiante foi o Revmo. Padre Elias Maria Gorayeb, chefe da congregação Maronita no Rio, coadjuvado pelo Padre José, ambos queridos e estimados na colônia libanesa, tendo o primeiro, amigo da família da noiva, na oportunidade, traçado um ligeiro roteiro da sua vida desde a infância, da qual foi espectador atento e interessado, testemunhando os dotes morais e intelectuais de que é possuidora a srta. Maria Bedram.

◆ Terminada a cerimônia, os nubentes dirigiram-se à sacristia recebendo, então, os cumprimentos dos parentes e amigos, devendo-se dizer que toda a laboriosa colônia libanesa lá esteve levando os seus votos de perenes venturas para os noivos, tão queridos e estimados em seu meio. Após as felicitações, seguiram os noivos para o Club Monte Líbano onde teve lugar um leuto banquete oferecido pelo pai da noiva, sr. Wadih Jorge Bedram, aos convidados, o qual transcorreu com cordialidade e alegria contagiantes.

Foram padrinhos do noivo o sr. Abelardo Pedro Ganem e sra. Amália Ganem; da noiva, o sr. Wadih Jorge Bedram e sra. Conceição Ganem Bedram.



PRESENÇA

RELACIONAR OS DESCENDENTES DE LIBANESES QUE SE TÊM PROJETADO NA VIDA BRASILEIRA, NOS DIVERSOS SETORES DE TRABALHO, É TAREFA QUE EXIGE DEMORADA CONSULTA A CADA MUNICÍPIO. E, AINDA ASSIM, CORRE-SE O RISCO DE OMISSÕES IMPERDOÁVEIS. PORQUE, EM POU-

ADMINISTRAÇÃO

◆ DE UMA ALDEIA PERTO de Beirute foi que saíram José Pedro e D. Cecília Abrahão Pedro. Eram muito moços e vieram para o Brasil, instalando-se primeiro em Paracambi e, depois, em Bangu. Ali criaram dez filhos brasileiros. O mais moço dos homens foi Alim Pedro, nascido em Paracambi, hoje Taireté, a 13 de março de 1907. Formou-se engenheiro civil e eletricitista pela Escola Nacional de Engenharia, em 1933. Começou trabalhando no projeto da usina de Macabu e entrou para o quadro de engenheiros da Prefeitura em 1934, por concurso. Foi galgando postos, chegou a Secretário Geral de Viação e Obras e Presidente do IAPL. Em setembro de 1954 viu-se com a responsabilidade da administração do Distrito Federal. O seu nome, num ato inédito do Senado, teve aprovação unânime. Deixou a Prefeitura no fim do ano passado. Em sua residência, com a colaboração da esposa e de sua encantadora filha, mantém uma sala com relíquias árabes.

INDÚSTRIA

◆ RICARDO JAFET — Nasceu em 26 de novembro de 1907, em São Paulo, filho do prof. Nami Jafet e de Alif Nassif Jafet, que vieram de Chuair, perto de Beirute, nos albores deste século. Seu pai foi pioneiro de indústria no bairro do Ipiranga. Ricardo Jafet continuou o seu trabalho. Formado pela Faculdade Nacional de Direito, em 1935. De 1951 a 1952 presidiu o Banco do Brasil.

FINANÇAS

◆ NELSON MUFARREJ — Pertence aos quadros de advogados da Prefeitura do D. F. Nasceu no Rio de Janeiro em 19 de julho de 1915, formou-se contador e economista no Distrito Federal e em Direito pela Faculdade de Niterói. Chefiou a Contabilidade Patrimonial e foi assistente do Secretário Geral de Finanças em três gestões. Representou o Distrito Federal no Congresso Nacional de Assuntos Fazendários, em 1950.

COMÉRCIO

◆ JOÃO JABOUR — Filho de Elias e Saide Jabour (ambos de Tripoli), nasceu em Providência, município de Leopoldina, Minas Gerais. Faz parte de diretoria de várias entidades culturais e sociais, é diretor-presidente do jornal árabe-brasileiro «O Noticiário» e é condecorado pela França, Espanha, Líbano, Jordânia, Tunísia e, recentemente, recebeu a cruz de Grande Oficial da União Filantrópica das Obras Francesas.

E FIXAÇÃO

CO MAIS DE MEIO SÉCULO, OS IMIGRANTES LEVANTINOS QUE ADOTARAM O NOSSO PAIS COMO SUA 2ª PÁTRIA EDUCARAM SEUS FILHOS PARA AS MAIS VARIADAS ATIVIDADES ÚTEIS AO PROGRESSO COMUM. NESTAS PAGINAS APRESENTAMOS ALGUNS DOS INÚMEROS EXEMPLOS.

POLÍTICA

♦ **ALFREDO NASSER** — Nascer em 30 de abril de 1907, em Goiás. Seus pais, Miguel Issa Nasser e Abia Mussi Nasser, vieram para o Brasil em 1894. Saíram do Estado de Akkâr, Norte do Líbano. Permaneceram em São Paulo até o princípio do século, quando se mudaram para Goiás. Alfredo Nasser começou a estudar em Tupaciguara, continuou em Uberlândia e terminou em S. Paulo. Trabalhou nas «Folhas» e em 1928 ganhou concurso literário do «S. Paulo-Jornal». Fêz imprensa no seu Estado (onde agora mantém o «Jornal de Notícias»), foi deputado à Constituinte Goiana de 1934. Em 1939, no Rio, ingressou no DASP, por concurso, chegando a Diretor do Serviço de Documentação e professor dos cursos de administração. Em 1945 voltou à política, em 1947 elegeu-se senador com grande votação. No Senado, exerceu altas funções em comissões, sendo relator do Plano SALTE e autor do projeto que pela primeira vez federalizou uma escola superior, a Faculdade de Direito de Goiás, que lhe conferiu título de «Doutor Honoris Causa». Alfredo Nasser foi, ainda, membro do Conselho Nacional de Economia.



ADVOCACIA

♦ **DEMÉTRIO HAMAM** — Desde cedo teve manifesta inclinação para a tribuna. Jovem ainda, defendeu Mango de Paiva, no caso Pinheiro Machado. Formado pela Faculdade Nacional de Direito em 1928, Demétrio Hamam atuou na política e sempre combateu ditaduras. Nasceu em Itaperuna, em 1896, filho de Elias Hamam e Crispina Golam Hamam. Sentimental, coloca o coração dentro das causas que defende.



POLÍCIA

♦ **RESCALA BITTAR** — É natural de Corumbá, Mato Grosso, onde seus pais, Abdala e Vitória Bittar, contam sessenta anos de residência. Rescala há vinte anos começou no jornalismo, formou-se em Agronomia em 1945 e em Direito em 1951. A sua entrada na Polícia data de dezoito anos. Começou como investigador, passou a detetive, perito criminal, comissário, chefiou altas comissões e agora é delegado titular.



MEDICINA

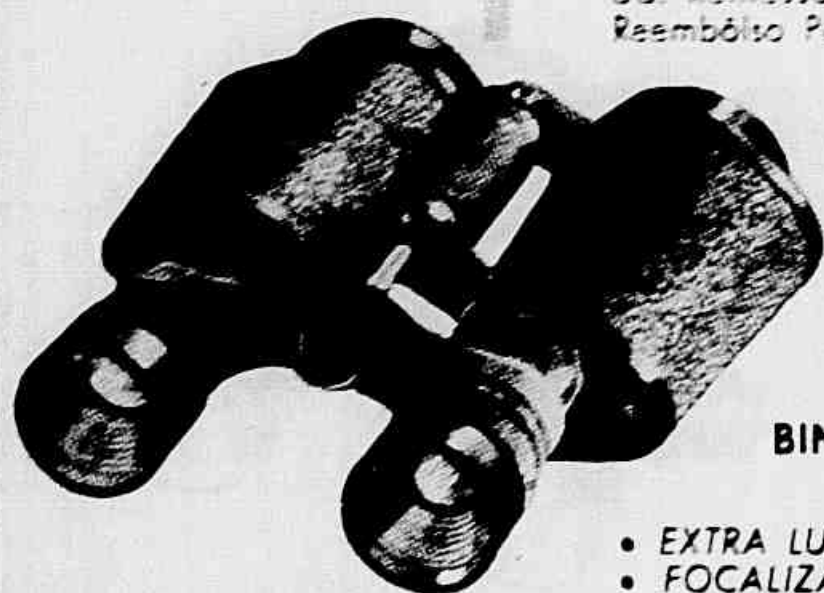
♦ **ALIS SIMÃO** — Nasceu em Muqui, Espírito Santo, cidade de que seu pai, Zehi Simão, foi fundador e primeiro prefeito. Sua mãe, Labibe Simão, é de Biktaya, a Petrópolis Libanesa. Alis Simão formou-se em Medicina e Farmácia pela Universidade do Brasil. Ingressou no Pronto Socorro por concurso, sendo uma das primeiras a integrar equipes de ambulância. Atualmente é Chefe do Serviço de Biometria da Prefeitura.

UM BINÓCULO AO ALCANCE DE TODOS!

BINÓCULO
ROYAL

NÃO MANDE DINHEIRO

Faça seu pedido a Dinal e pague quando receber a encomenda. Remessa pelo serviço de Reembolso Postal.



APENAS
CR\$ 820,

BINÓCULO ROYAL
3 x 40

O Binóculo Royal de nossa distribuição, perfeito e moderno, está ao alcance de todos! Acrescente a todas as suas vantagens técnicas perfeitas as que tornam o binóculo ROYAL um companheiro fiel, seguro e infalível seja no esporte, turismo ou teatro. Pela seu preço realmente acessível, v.s. se surpreenderá com sua alta qualidade.

- EXTRA LUMINOSO
- FOCALIZAÇÃO CENTRAL
- REGULAGEM INTER-PUPILAR
- FOCALIZAÇÃO NA PONTA DOS DEDOS
- ALCANCE NOTÁVEL
- GRANDE APARÊNCIA
- LARGO CAMPO VISUAL
- FINÍSSIMO JOGO DE LENTES
- CORREIA PARA UM TRANSPORTE CONFORTÁVEL
- BONITO E RESISTENTE
- FABRICAÇÃO RECENTE E MODERNA

DESCONTOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES

DINAL

Distribuidora Nacional - Rua Quintino Bocaiuva, 255 - 3.ª s. loja - tel. 36-3376
Caixa Postal, n.º 7.206 - São Paulo

ALMEIDA, COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE FERRO, LTDA.

SUC. DE L. B. DE ALMEIDA & CIA.

RUA DOS ARCOS, 28/42 - RIO

IMPORTADORES e Distribuidores da Cia. Siderúrgica Nacional, Cia. Siderúrgica Belgo Mineira, Cia. Brasileira de Usinas Metalúrgicas e outras.

AÇO em barras, vergalhões e lâminas para portas. CHAPAS: de ferro, pretas, galvanizadas e de aço, para portas. CHAPAS DE COBRE e BOBINAS. EIXOS para transmissão e etc. FERRO: em barras chatas, vergalhões quadrados e redondos, cantoneiras L - T - U, vigas I e U. LATÃO: em vergalhões, barras, cantoneiras, chapas e etc. TUBOS: galvanizados, pretos, vermelhos e de aço, para caldeiras.

SECÇÃO DE CORTES DE:

BARRAS, vergalhões, chapas e vigas I e U.

FUNDIÇÃO DE FERRO e outros metais. OFICINA MECÂNICA E SERRALHERIA em geral.

TELEFONES: Mesa: 52-2104 - Sec. Vendas: 22-0409 e 52-2102.
Expedição: 22-1584 - Oficinas: 52-2103 - GERÊNCIA: 22-2549.

UM NOVO tratamento

complexo injetável de alta valor
anti-ansioso, anti-tóxico e reconstituente
Injeções intra-musculares:
1 ou 2 ampolas diariamente.

YAKRITAMIN



fração salível de extrato hepático
concentrado com ácido fólico
triptofano, histidina e melatonina
Caixas com 3 amp - 2cc.

INSTITUTO BIOLÓGICO do RIO de JANEIRO Ltda.
End: Rua Santa Luzia 799-12º - fone 220902 - Lab. Alam. São Boaventura 1027-11º tel



PRESENÇA E EIXAÇÃO

FORÇAS ARMADAS

EXÉRCITO

TTE. CORONEL ADIB MURAD — Herói da Força Expedicionária Brasileira à II Guerra Mundial, formou-se, também, em engenharia militar. Nasceu em 16 de abril de 1918, em Ribeirão Vermelho, Minas Gerais. Seus pais, Chucri e Najla Murad, vieram do Líbano em 1905. O Tte. Cel. Murad fez cursos no exterior. Tem várias condecorações. Um seu irmão, Fuad Murad, é major do Exército.

AERONÁUTICA

BRIGADEIRO IGNACIO LOYOLA DAHER — É das primeiras figuras dos militares do ar. Nasceu em 14 de agosto de 1898, em Maceió, Alagoas, filho de José e Júlia Nassif Daher. Tornou-se aspirante em 1921, segundo tenente três meses depois. Criado o Ministério da Aeronáutica, transferiu-se para os seus quadros. Hoje é Adido Aeronáutico junto à Embaixada Brasileira em Washington.

MARINHA

COMANDANTE ALFREDO KARAM — Entrou para a Marinha em 1941 e fez-se oficial em 1944. Durante a última guerra, integrou a patrulha do Atlântico Sul. Kursou especialidade em submarinos, inclusive nos Estados Unidos. Foi, agora mesmo, de novo à América do Norte trazer novos submarinos para o Brasil. Nasceu no Distrito Federal em 28 de março de 1924. Seus pais são Fuad Karam e Latife Jabour Karam.



RÁDIO

◆ IVON CURY — Foi coroado «Rei do Rádio» brasileiro em 29 de junho do ano passado. Nasceu em 5 de junho de 1929, em Caxambu, Minas. Seu pai, José Calil Cury, veio de Beirute, e sua mãe, Maria Churi Cury, de Bahle. Estreou como cantor ao microfone da Nacional em 19 de novembro de 1947, e sua voz está perpetuada em centenas de milhares de discos.



ARTE

◆ PROSPERO KARAM — Tentou comércio. A vocação foi maior, e cedo dedicou-se à pintura, sendo hoje professor de modelo vivo da Sociedade dos Artistas Nacionais. Laureado no Salão Nacional, tem medalhas, ainda, da Associação e da Sociedade dos Artistas Brasileiros. Carioca, de 1911. Seus pais, Merhy Karam e Parecita Karam, vieram há 50 anos para o Brasil.



MUNDO SOCIAL

♦ **SOLANGE HAOUCHE** é a «Rainha das Rosas de 1956», eleita que foi em memorável pleito realizado no Copacabana Palace. Solange é de origem libanesa e personifica a graça e simpatia da juventude árabe-brasileira. A colônia árabe, no Rio de Janeiro, formou dois clubes: o Monte Líbano, que constrói sede própria e moderna na Lagoa Rodrigo de Freitas, e o Sírio e Libanês, que também cogita de deixar as suas amplas instalações na Rua Marquês de Olinda para outras maiores. As duas entidades promovem não só festas como tertúlias culturais e provas desportivas.



PUBLICIDADE

♦ **EMIL FARHAT** — É hoje diretor gerente da empresa McCann-Erickson, depois de ter militado no jornalismo. Formado em Direito pela Nacional, em 1937, foi líder estudantil, e escreveu «Cangerão» e «Os Homens Sós». Filho de Salim Farhat e de Assima Farhat, nasceu em 1914 em Maripa, Zona da Mata, Minas Gerais. Viaja constantemente para os Estados Unidos.

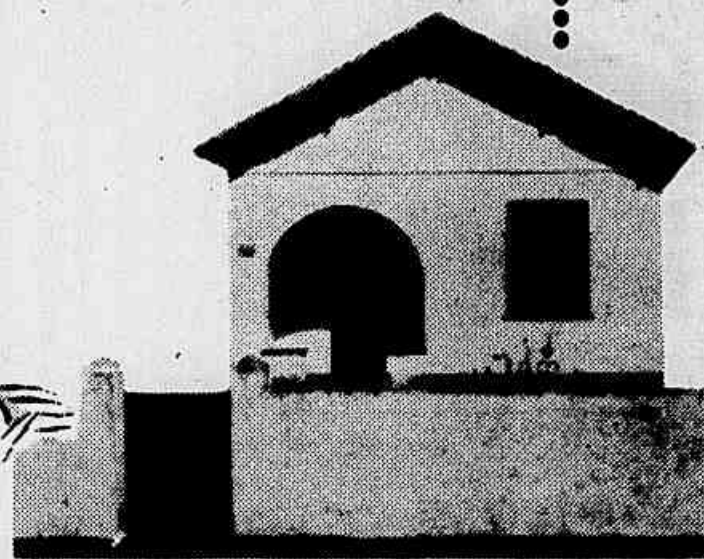


CINEGRAFIA

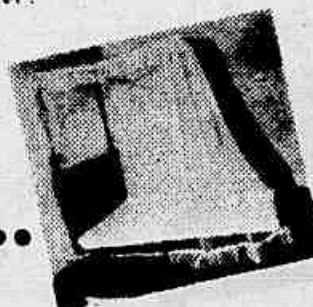
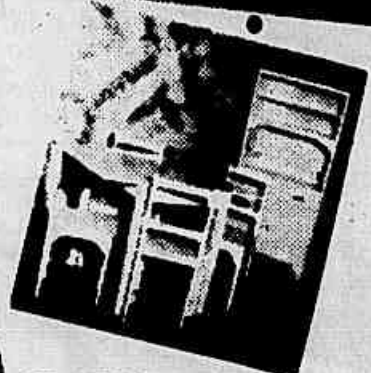
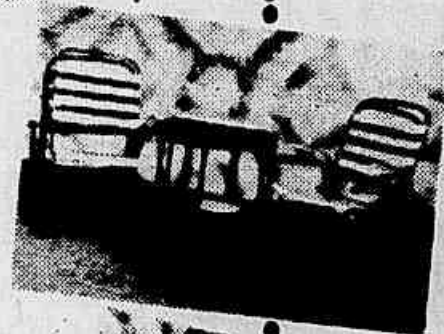
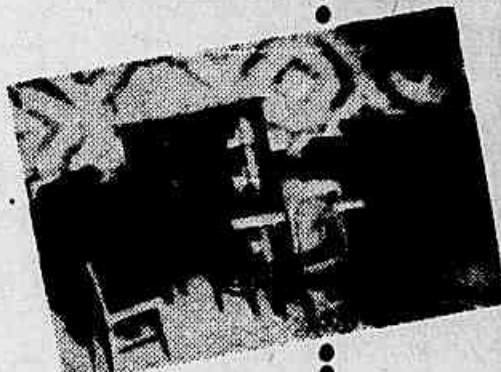
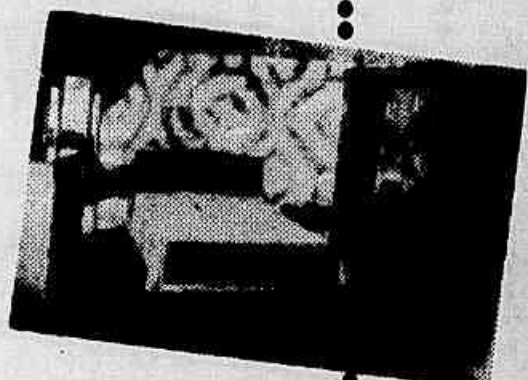
♦ **CHICRALLA HAIDAR** — Carioca, fez ginásio em Barbacena. Estudou meteorologia (Colômbia) e Cinegrafia (Estados Unidos). Na América passou 8 anos, sendo diretor e argumentista da Film Productions International. Dirigiu filmes também na África e Sul América. Perito em Assuntos de Educação Áudio-Visual da Rádio Ministério da Educação.



ESTA CASA...



e mais estes
6 grandes
prêmios
podem ser
seus!



Agora V. tem ainda maiores vantagens, nas compras de tecidos - os famosos tecidos -gebaratíssimas das 4 Casas Gebara! Porque foi lançado o sensacional

GRANDE CONCURSO GEBARA

Um concurso simples e acessível: em toda compra de valor mínimo de 300 cruzeiros, V. recebe, em qualquer das 4 Casas Gebara, um cupão numerado com o qual concorre ao sorteio a ser realizado pela Loteria Federal. Grandes prêmios: UMA CASA, um dormitório, uma sala de jantar, um conjunto de varanda, um conjunto de copa e dois cortinados "Dixie"! Você pode concorrer com quantos cupões quiser!

A CASA fica situada à Rua Aiocá, 214. Os demais prêmios podem ser vistos em O LAR FELIZ, uma casa nacional, Praça das Nações, 80 em Bonsucesso.

AS Casas GEBARA SÃO 4

Rua Luiz de Camões, 38
Rua do Ouvidor, 128
Av. Copacabana, 583
Rua 7 de Setembro, 147

GEBARA... SEMPRE GEBARA!

VIVA SEGURO

de si mesmo

com uma

APÓLICE

da
Companhia
de Seguros

MINAS BRASIL

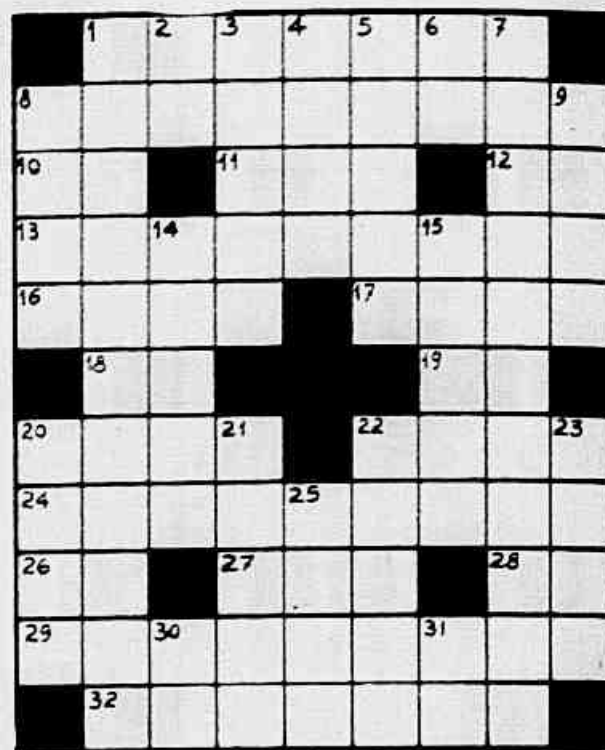
PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMAS Nº 125

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Persuasão — 3. História — 10. Sufixo que denota negação — 11. Pouco tempo — 12. Sufixo que traz a idéia de diminuição — 13. Coisa muito repetida — 16. Língua falada no planalto da Abissínia — 17. Gosto — 18. Teixo — 19. Décima-segunda letra do alfabeto turco — 20. Recuo — 22. Grande porção — 24. Paludosos — 26. Substrato instintivo da psiquê — 27. Sé (ant.) — 28. Símbolo do metal de peso atômico 58,69 — 29. Pessoa que comete erro de sintaxe — 32. Água estagnada.

VERTICAIS: — 1. Que torna salubre — 2. Cidade da Caldéia — 3. Veemência — 4. Língua negra-africana, falada em Darnuba — 5. C2H6 — 6. Medida itinerária chinesa — 7. Desonra — 8. Inferno dos malés — 9. Babosa — 14. Janela — 15. Viagem sem rumo — 20. Boi sagrado dos egípcios — 21. Tentem — 22. Antiga medida de peso de Antuérpia — 23. Planeta telescópico nº 67 — 25. Contrariedade — 30. Estuda — 31. Sua Santidade

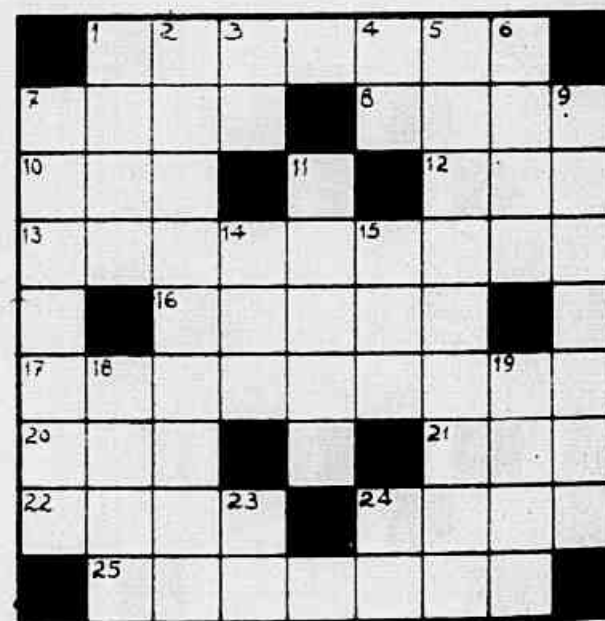


Oliver - R.º

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Lugar onde Deus colocou Adão e Eva — 7. Segura — 8. Vento brando — 10. Grande oásis do Saara — 12. Índigena da tribo dos Siús, da América do Norte — 13. Natural de S. Paulo (pl.) — 16. Segue — 17. Tornar semelhante ao cartão — 20. Escanecer — 21. Prefixo, o mesmo que trans — 22. Querer bem — 24. Moeda chinesa — 25. Enchera de matas ou mataduras.

VERTICAIS: — 1. Chicote — 2. Reuniram em grupos — 3. Símbolo do rádio — 4. Seguiu — 5. Supor; afirmar categoricamente — 6. Língua falada em Orixá — 7. Tagarelara; batera um «papo» — 9. Meridional — 11. O mesmo que murta — 14. A casa — 15. O mesmo que «isto» (ant.) — 18. A parte mais elevada — 19. Superfície — 23. Batráquio — 24. Basta!



Oliver - R.º

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 124

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: acacé — capa — Buc — nim — anicavara — capitular — Irene — recua — acalantar — faroleiro — idi — cal — aios — vora.

VERTICAIS: abacá — cuna — acipitrário — analemático — pira — amara — cir — ate — Vun — páfia — elo — caf — une — arola — cadi — arar.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: sara — amam — acata — ta — ata — A.C. — are — araca — eia — ara — rasto — asa — és — ira — or — praça — Ásia — amar.

VERTICAIS: seta — Ra — aca — atara — má — maca — ata — éreas — acaso — eis — ara — atira — reta — ora — arar — aca — pi — AM.

Capital Realizado e Reservas: 91.335.393,00

SUCURSAL — RIO — AV. 13 DE MAIO, 23 — ANDAR 23

FONE: — 22-1844 — END TELEG: — BRAMINAS
RIO DE JANEIRO

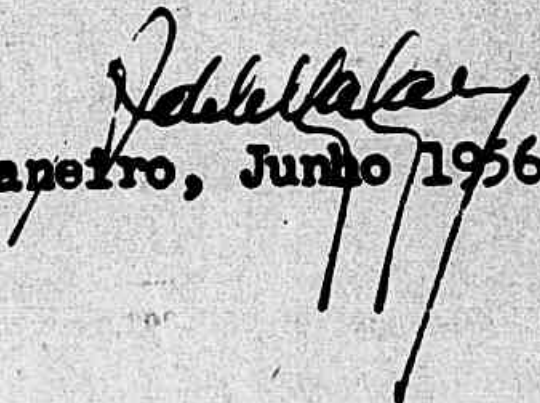
O EMBAIXADOR SAÚDA A COLÔNIA LIBANESA



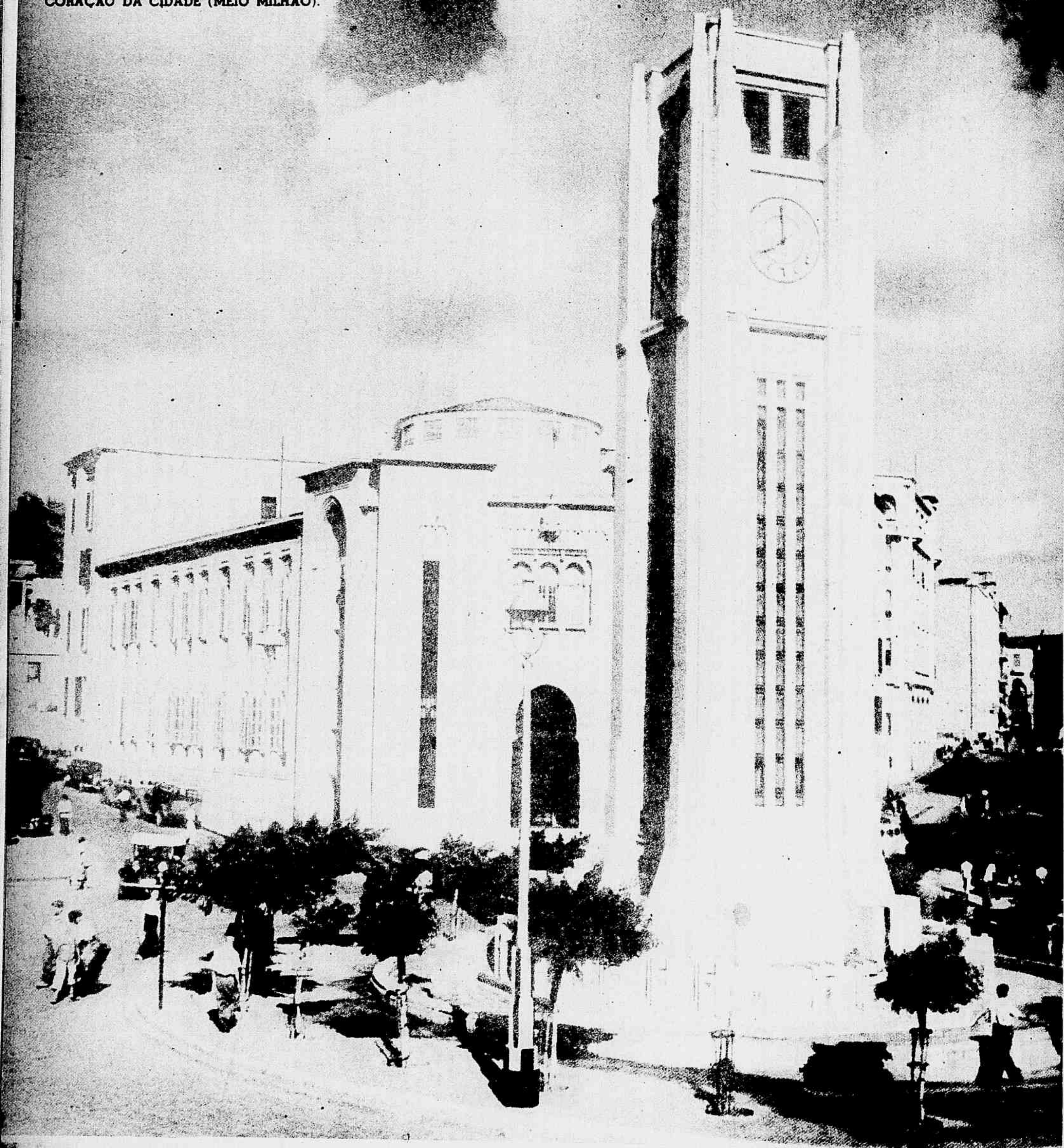
● O Embaixador do Líbano junto ao Governo Brasileiro, Sr. Adib Nahas, que vem realizando um trabalho eficiente em prol dos intercâmbios do nosso com o seu país.

AMBASSADE DU LIBAN

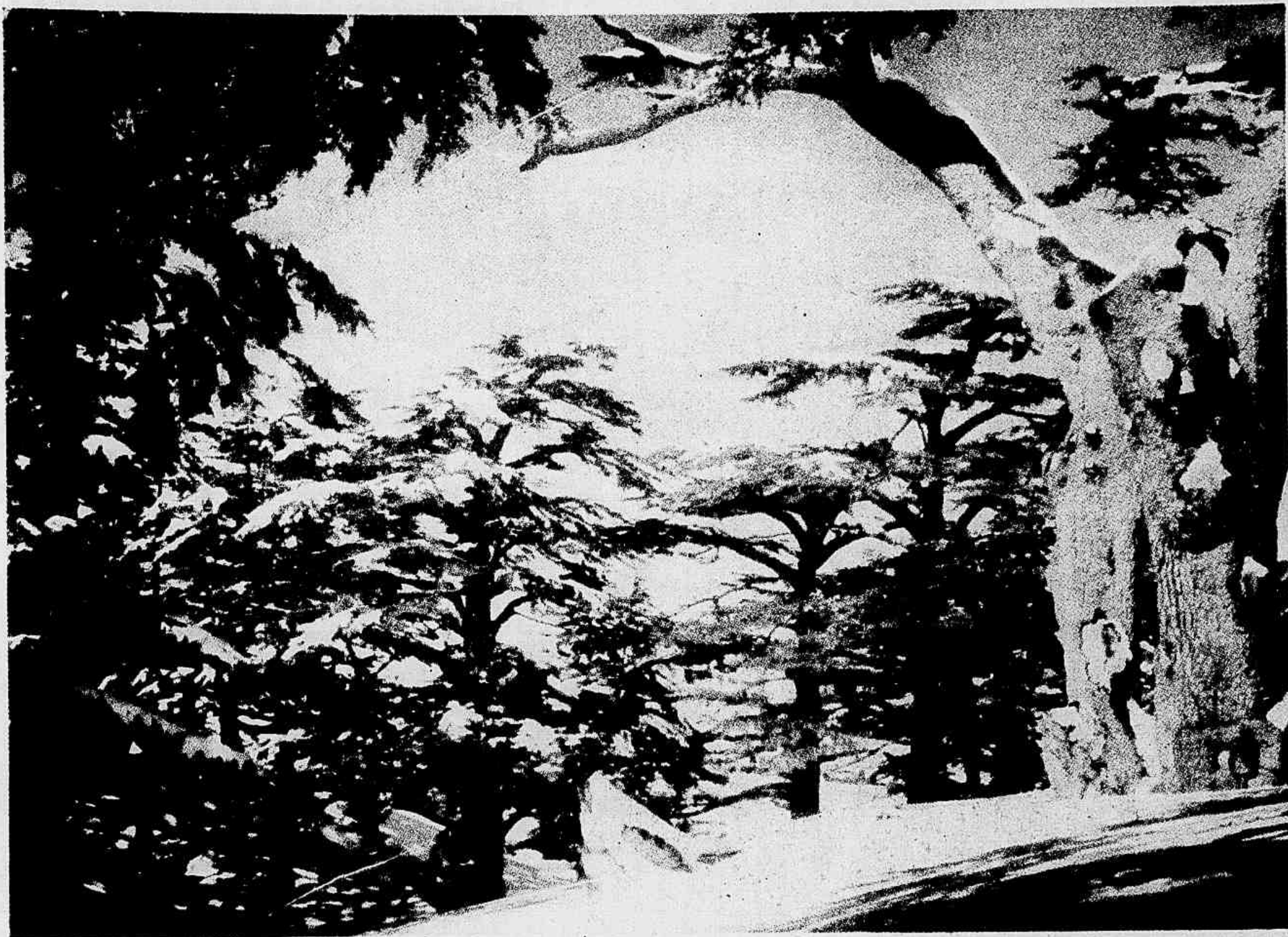
Como Embaixador da Republica do Líbano, aproveito o numero da Revista da Semana, dedicado, na sua maioria, ao Líbano, para saudar a nossa querida colonia, radicada neste grande Brasil.


Rio de Janeiro, Junho 1956.

BEIRUTE — O PALÁCIO DO PARLAMENTO. NA PRAÇA DO RELÓGIO. BEM NO
CORÇÃO DA CIDADE (MEIO MILHÃO).



VIAGEM MARAVILHOSA À TERRA



OS CEDROS — No inverno, uma espessa camada de gelo impede ao turista aproximar-se das seculares árvores cujos troncos, em alguns casos, não são abraçados por três homens de mãos dadas. — Em compensação os skiadores se divertem...

ONDE O BRASILEIRO É RECEBIDO COMO UM PARENTE SAUDOSO, PORQUE "NÃO HÁ UMA FAMÍLIA QUE NÃO TENHA UM ENTE QUERIDO SEPULTADO EM TERRAS BRASILEIRAS". DISSE O PRESIDENTE CHAMOUN ★ AS BELEZAS DO PASSADO E O ESPÍRITO MODERNO EM ATIVIDADE ★ GUILHERME II SENTIU-SE DIMINUIDO ANTE AS RUÍNAS DE BAALBECK ★ N. S. DO LIBANO FAZ LEMBRAR O CRISTO REDENTOR ★ OS CEDROS E A NEVE ENTENDEM-SE COMO VELHOS AMIGOS

Reportagem de **CELESTINO SILVEIRA**

(Exclusividade da **REVISTA DA SEMANA**)

(Fotos do Autor e do Comissariado de Turismo em Beirute)

É um salto magnífico, de causar inveja à mais destemida ave do espaço, feito através de quatro continentes, esse que se faz de avião, desde o Galeão à capital libanesa. Ele nos permite a travessia do Atlântico com a habitual parada de uma hora em Dakar, e depois, sucessivamente, uma hora em Lisboa, outra em Madri, uma terceira em Roma, ainda outra em Stambul, onde nos despedimos dos céus europeus para dar entrada solenemente no Oriente Médio. E afinal, Beirute.

Essa é também a viagem mais distante até onde já me levaram meus fados profissionais,

e de tal modo me emociono com a aproximação do quarto continente, que, para usar de franqueza, já não me deixo impressionar pelas outras etapas. Claro que em Dakar lembro a viagem anterior, dez meses antes, quando ali pernoitei com a comitiva do Presidente Café Filho, de volta de Lisboa. A medida que as demais etapas vão sendo vencidas, observo uma acentuada queda de termômetro: 8 graus em Lisboa, 6 em Madri, 5 em Roma e, finalmente, 4 em Stambul. Já em Beirute há uma recuperação para 8 graus. A noite é agradável quando desembarco no moderno aeródromo libanês, e

ali me surpreende a primeira manifestação de cortesia e hospitalidade daquele povo, tão distante do Brasil, geograficamente, mas tão vizinho pelo coração. Em nenhuma das outras terras que tenho visitado — exceção aberta para Portugal onde somos «de casa» — encontrei igual recepção. E vale dizer que não conheço o idioma árabe, nem ele foi necessário. Mesmo sem intérpretes, que depois me foram proporcionados, vez alguma senti embaraços com o auxílio do francês e do inglês, ainda que falados por uma gente de língua diversa.

Quero também lembrar os bons préstimos do

DROMEDÁRIOS — Não pensem encontrá-los nas cidades libanesas. Eles são raros e, os existentes, só são vistos no interior e nas montanhas.

LIBANESA





ISTO É ORIENTE MÉDIO — Pode não parecer, mas é, realmente, porque Beirute, cidade em pleno crescimento, cujo dinamismo transborda para os mais distantes subúrbios, mostra ao turista cada vez mais surpreso, largas e modernas avenidas, belos jardins e magníficas edificações.

tripulação da Pancair, particularmente do comandante Carvalho. A ele devo, inclusive, a facilidade com que encontrei aposentos no Hotel Bristol, um dos mais confortáveis em qualquer cidade. E não é em Beirute um hotel de primeira categoria, mas de terceira. Isso basta para mostrar ao leitor o que dever ser os de primeira e segunda.

x x x

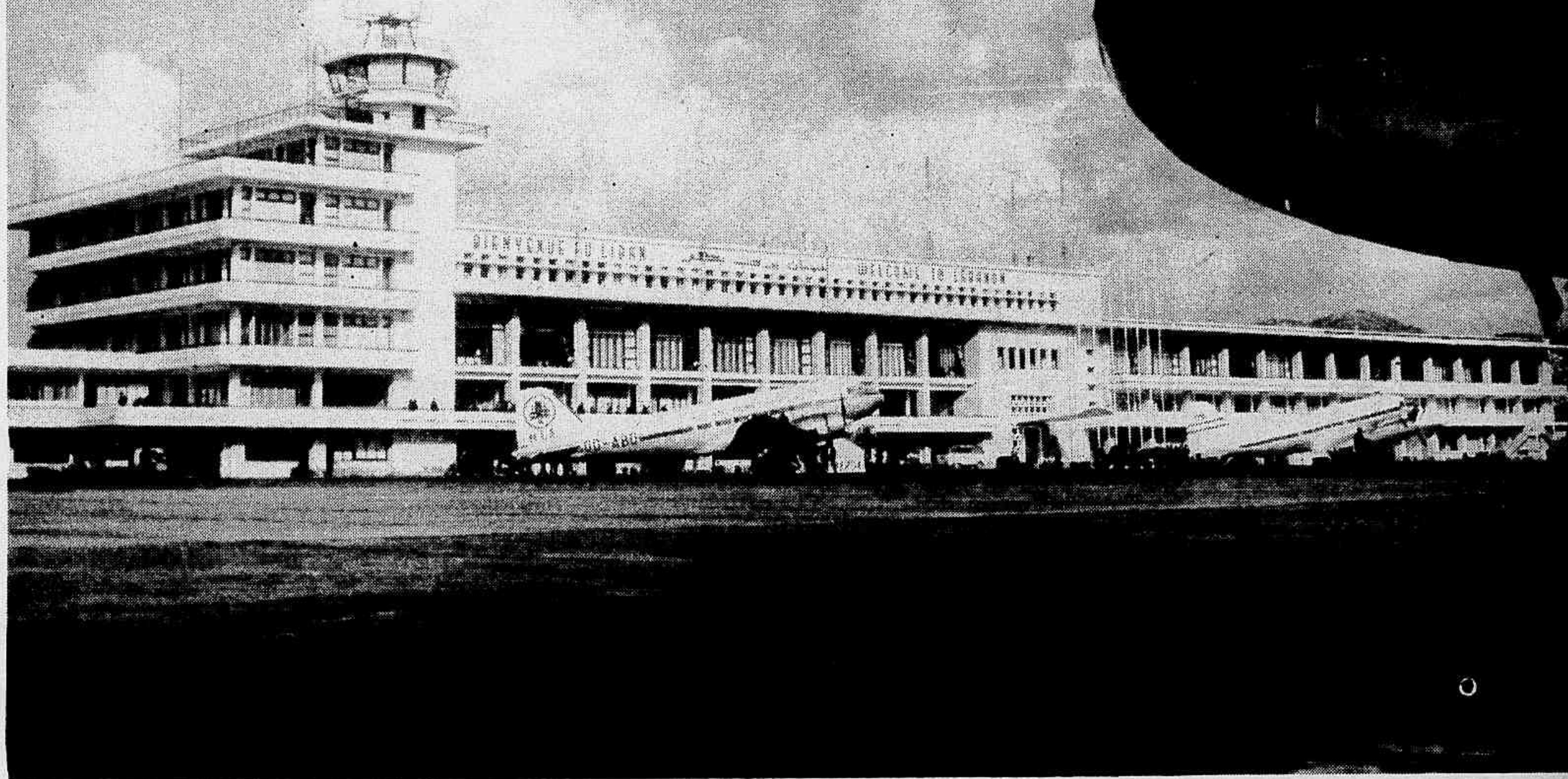
O que de mais desagradável pode acontecer a um recém-chegado a terra estranha, é desembarcar num fim de semana. Domingo fica sendo, para o desconhecido, um dia perdido e, além de perdido, massante. Não há relações novas, não se podem encontrar os amigos ou aqueles para quem levamos credenciais, porque todos os meios de comunicação desapareceram.

Eis porque, às nove da manhã desse domingo, apenas horas depois de ter desembarcado, procurei um carro de praça e ordenei que rumasse com destino a Djouné. Era portador de uma carta para a família de gente amiga aqui no Rio, e porque se tratava de uma família presumi encontrá-la. Sempre era uma esperança — a última que morre — de não perder completamente o domingo... Só dentro do carro, vim a saber que Djouné fica distante quinze quilômetros do hotel, mas não me arrependi. Por quinze libras libanesas fui conhecer a maravilhosa Praia de Kastlik, e pela primeira vez meus olhos pousaram na imagem de Nossa Senhora do Líbano, colocada no topo da montanha Harissa e fazendo lembrar o nosso Cristo Redentor.

Ali perto, fica também a residência de Cher Bichara Kury, ex-presidente da República. E' o

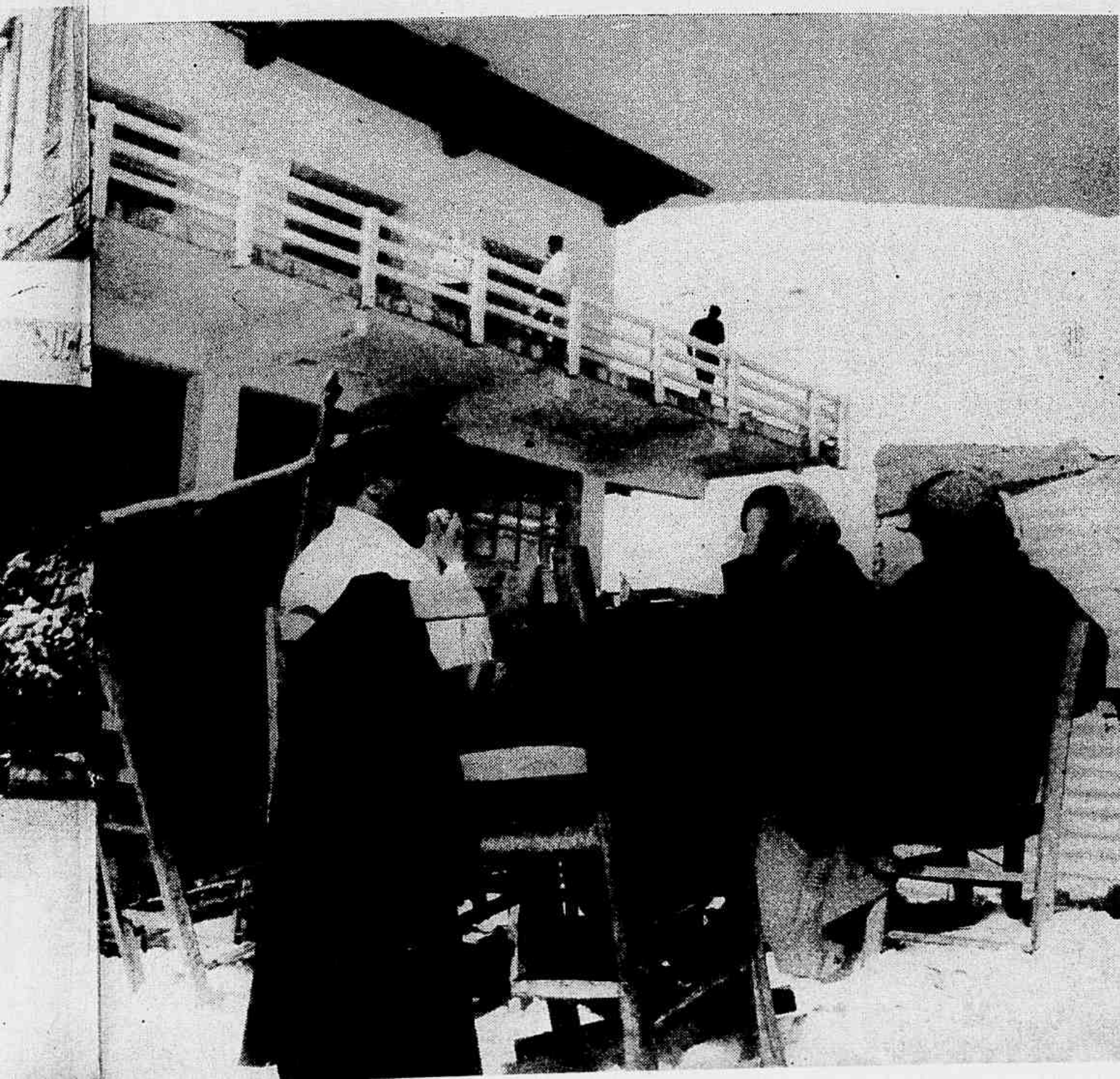
NÃO É FÁCIL ENCONTRAR vestígios do velho Oriente na requintada capital do Líbano. Aqui estampamos um mercado de frutas e verduras.





O AEROPORTO DE BEIRUTE. — Construído em linhas moderníssimas e confortáveis, recebe a visita de aviões de todo o mundo. Porta de entrada para o Oriente Médio, o Líbano está em dia com os principais melhoramentos de aviação comercial e compete com os melhores aeródromos.

para
ções.



«chauffeur» quem vai apontando as belezas do percurso e os lugares clássicos. Não posso deixar de me emocionar ao saber que ali, um pouco adiante, nas areias daquela praia — diz a lenda — foi onde São Jorge, do alto da sua montaria, enfiou a lança no dragão que contra ele investia... E começo a sentir que o Oriente Médio me reserva um mundo de grandes surpresas. Essa foi apenas a primeira.

x x x

O que foi o meu primeiro dia no Líbano, não se pode resumir nestas linhas. Será bastante dizer que ao contrário das minhas profecias, esse domingo acabou por tornar-se um dos mais agradáveis e divertidos de toda minha vida. No lar dos Bouchabiki, a família a quem me recomendavam parentes e amigos do Rio, fui recebido como um familiar que se revê depois de longa e saudosa ausência. Ali saboreei a minha primeira refeição típica — um delicioso kibi de forno, com feijão libanes, cerveja típica, vinhos e licores cada qual mais deliciosos. Para fim de festa, um café que não provocava saudades do Brasil, talvez por ser feito pelo nosso processo...

Mas o que me surpreendeu, terminado o banquete — pois foi banquete, acreditem — foi o gesto cordial do anfitrião, depositando-me nas mãos, um pijama. Para quê esse pijama? — indaguei.

— Para fazer a sesta. Esse é um nosso costume e além de tudo o amigo deve estar cansado da viagem...

Estava, realmente. O quarto de hóspedes, permanentemente à espera de alguém que o ocupe, era situado em lugar silencioso e agradável. Minha primeira sesta em Beirute, depois

SENTADO SOBRE A NEVE, junto aos cedros, essa família aguarda o momento de praticar o «skie» e faz um pequeno lunch. O frio é forte!

VIAGEM MARAVILHOSA À TERRA LIBANÊSA



VELHO LIBANÊS DA REGIÃO do Chouf, com suas roupas típicas e o inseparável bastão. Porém, nas modernas cidades, pouco aparece.

dessa festa culinária, acabou por convencer-me de que os árabes não vêm aprender nenhum requinte de hospitalidade em nossa terra. Eles trazem de lá o curso completo.

x x x

E a partir de segunda-feira, tudo foi um interminável rodopio de excursões, visitas e atenções recebidas. Desde logo observei que a arte de fazer turismo está realmente apurada no Líbano, onde um Commissariado de Turismo existe para trabalhar com eficiência invejável para nós, brasileiros. Em menos de quatro horas, faço uma visita ao Ministro de Informação, sou recebido pelo Presidente do Conselho de Ministros e novamente me surpreendo ao saber que fui considerado hóspede do governo. Quando volto ao hotel, a gerência traz ao meu conhecimento a notícia. Tudo foi providenciado apenas em horas. E na manhã seguinte, e nas posteriores, sempre um intérprete me acompanhou, colocando ainda à disposição do jornalista brasileiro, a condução necessária para qualquer visita aos arredores.

Aprecio a maneira cordial porque os funcionários do Commissariado de Turismo me vão mostrar os seculares Cedros. De volta, eles insistem em levar-me a Trípoli, sempre lamentando que a minha escassez de tempo não lhes permitisse organizar um roteiro de passeios e visitas, mais apurado.

Vamos às ruínas de Baalbeck, e não esquecerei tão cedo as pedras monumentais — as maiores do mundo — que ali se levantam, reduzindo a proporções mínimas qualquer ser humano. Não esquecerei também aquele fabuloso almoço em Zahle, numa tormentosa manhã de chuva, mas nem por isso menos bela, tantos os encantos naturais da região.

x x x

Em Baalbeck, contam-me que o Kaizer Gui-

lherme II, ao visitar aquelas ruínas, esmagado pelas suas proporções de gigante, saiu-se com esta:

— Por mais forte que seja, qualquer Imperador há de julgar-se insignificante ao defrontar-se com estas colunas tão monumentais...

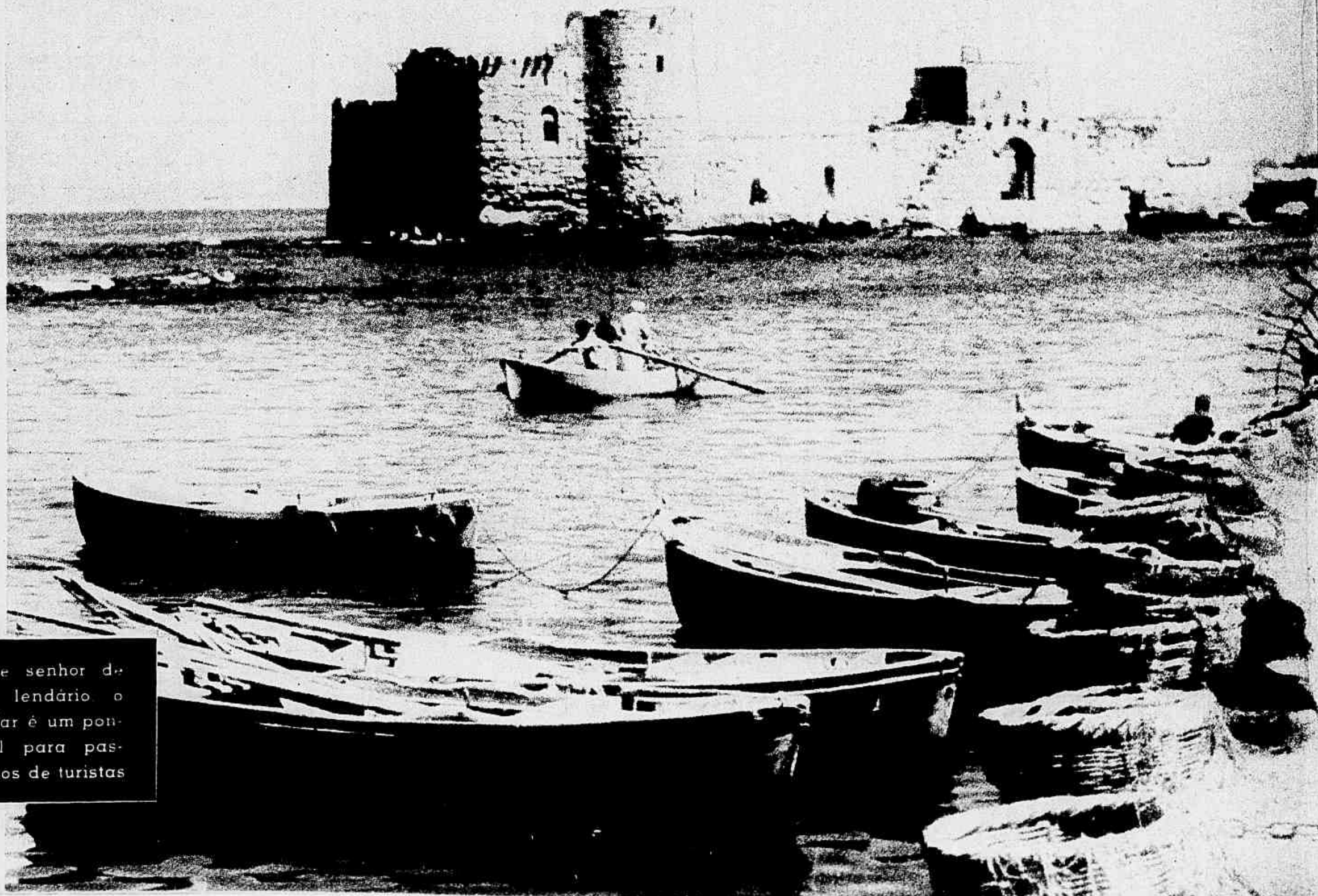
x x x

A privilegiada posição geográfica do Líbano o estimulou desde o alvorecer de sua história, a desempenhar um papel de mediador entre o Oriente e o Ocidente, a dedicar-se ao comércio no sentido mais amplo da palavra, posto que o tráfico de mercadorias fazia-se sempre acompanhado de intercâmbios culturais. Isso é o maior orgulho do povo libanês: sua cultura. As lendas de Ísis e Osíris, os relatos mitológicos de Eupálinos, de Cadmus e da Europa, o que são — dizem os libaneses — senão os testemunhos populares, romaneados e vivos, das relações de toda espécie, estabelecidas entre o Líbano de um lado e, do outro, pelo Egito, a Grécia e outras regiões africanas e europeias?

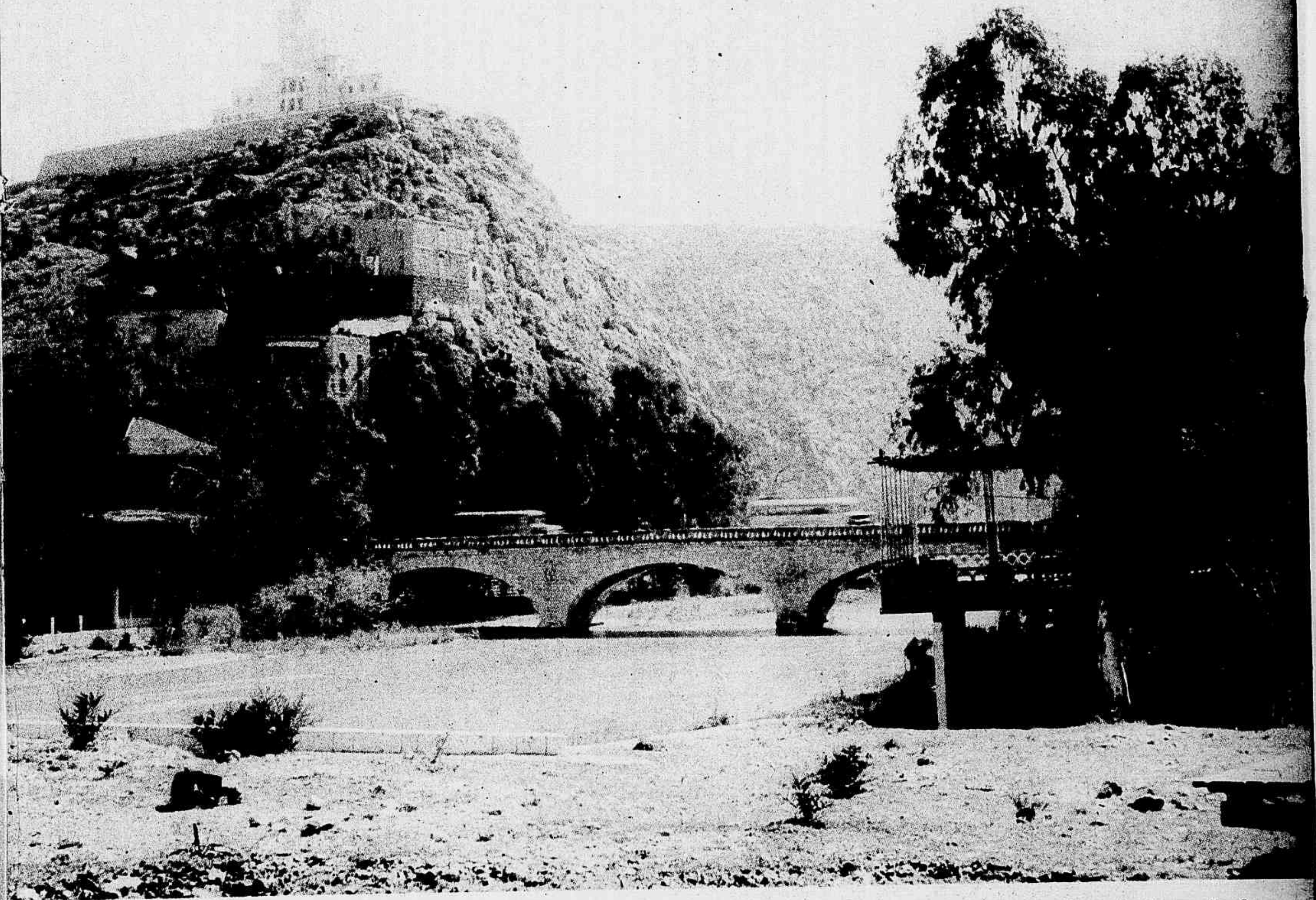
Como cidade universitária, Beirute perpetua uma linha de tradições históricas. Velhos e característicos monumentos conservam e são por sua vez a prova de uma vitalidade atual que evoca os tempos da célebre Escola de Direito de Berúto. Fiel ao seu passado prodigioso, é hoje a jovem capital libanesa, o centro cultural incontestável dessa parte do mundo em que se localiza o berço de tudo o que há de mais venerável.

x x x

A grande costa libanesa, tão decantada pelos livros, não deve sua expansão apenas aos homens que a fizeram célebre. O tempo, os elementos e, hoje, as grandes obras de engenharia, ressaltaram sua prodigiosa beleza, que o turis-



HISTÓRICO e senhor de um passado lendário o Castelo do Mar é um ponto aprazível para passeios marítimos de turistas



NOTRE DAME DO LÍBANO — Monumento da Virgem, Nossa Senhora do Libano, voltado para o mar, que faz lembrar o Cristo do Corcovado. Os libaneses de volta do Rio, sentem apertar as saudades da terra que os recebeu como segunda pátria, quando fitam a imagem nas alturas.

ta começa a penetrar desde quando empreende a primeira jornada, nos arredores de Beirute. E no entanto o litoral libanês mede apenas 250 quilômetros da fronteira da Palestina à da Síria. Mas o percurso que se faz através da história, o encanto de suas paisagens, o exuberante de seus quadros, tudo isso converte esse curto trajeto, em uma peregrinação das mais prolongadas e atrativas.

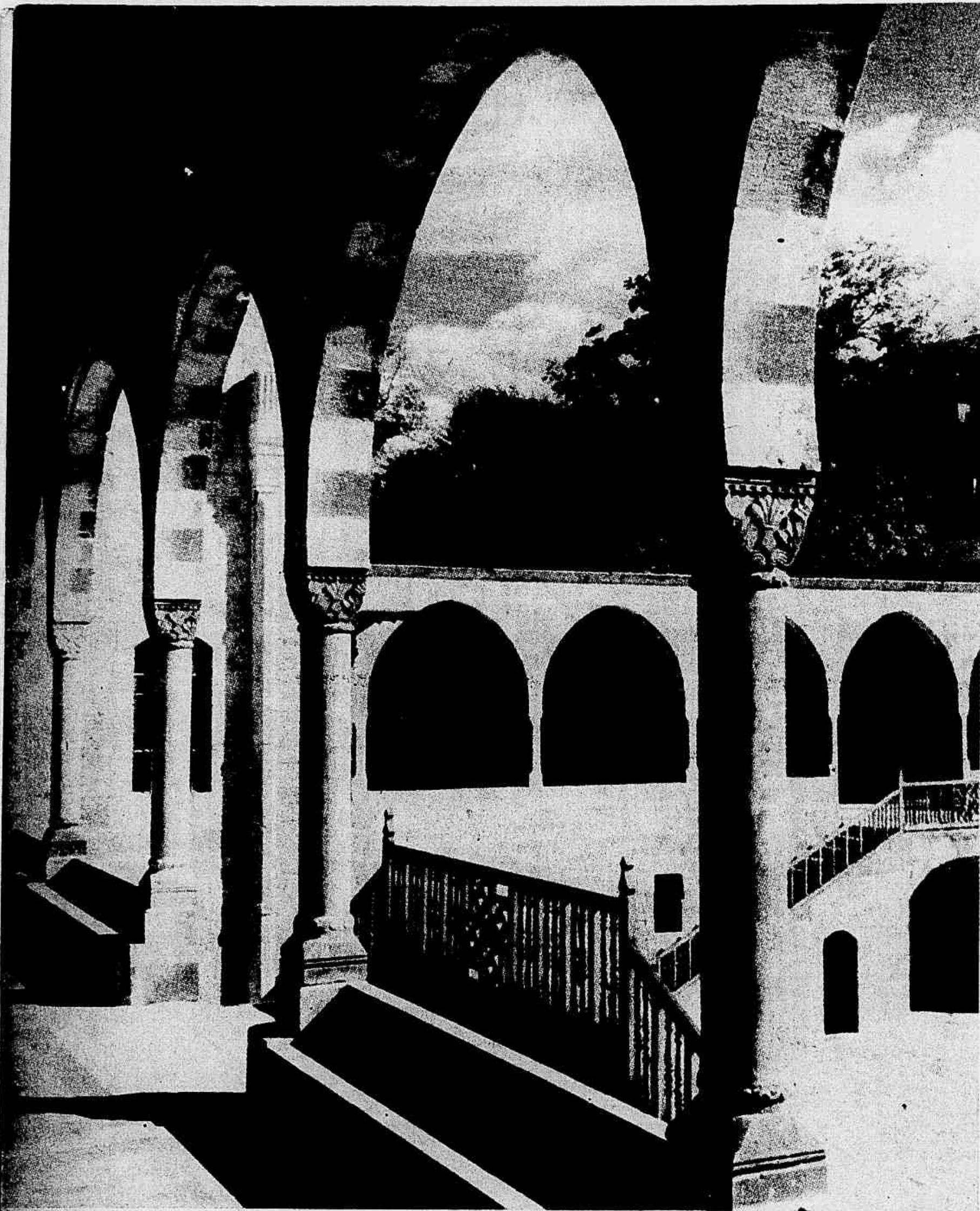
Para o estrangeiro, o Líbano é uma República Marítima, cujo imenso horizonte dá a sensação da grandeza e a ansia de aventura de seus filhos, excita com seu clima vivo e temperado, seu espírito de inventiva; para o estrangeiro, o Líbano é o alfabeto, o vidro e a púrpura, são as cidades ilustres de Tiro, Sidón e Biblos, são os comerciantes marítimos e intrépidos que sulcavam com suas quilhas o Mediterrâneo. O visitante do Líbano, ali encontra essas lembranças em meio a um cenário que permanece imutável e onde tudo fala da humanidade em grande escala.

x x x

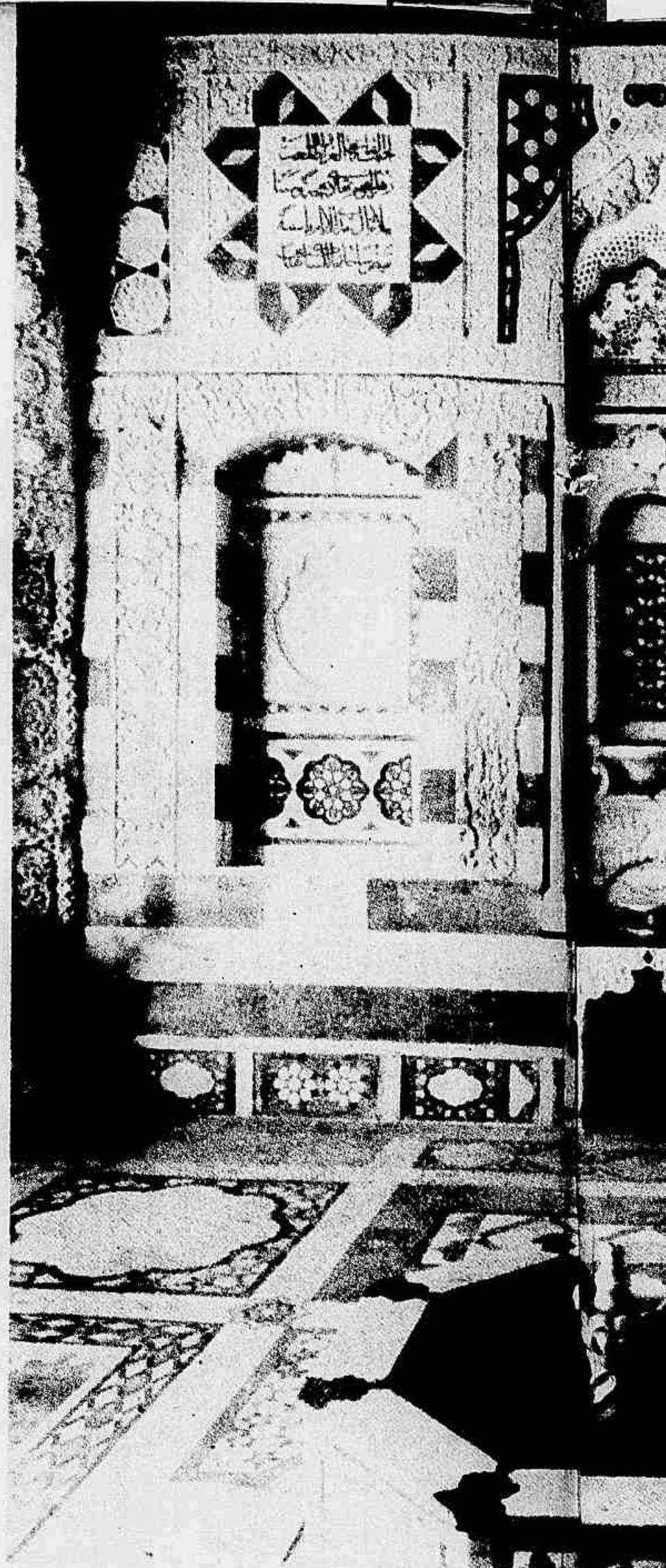
Baalbeck é um conjunto de época romana. Primeiro o templo colossal da tríada heliopolitana, chamado de Júpiter, que nos assombra e deslumbra. Sua base é feita de três pedras, as maiores do mundo. Vem depois o templo de Mercúrio, chamado de Baco, com sua riquíssima decoração interior. O peristilo, com formosos artesanatos de arabescos, que deram origem

AS LARANJAS DO LÍBANO não são deliciosas: são as mais deliciosas que se podem saborear, verdadeiros manjares vindos do céu.

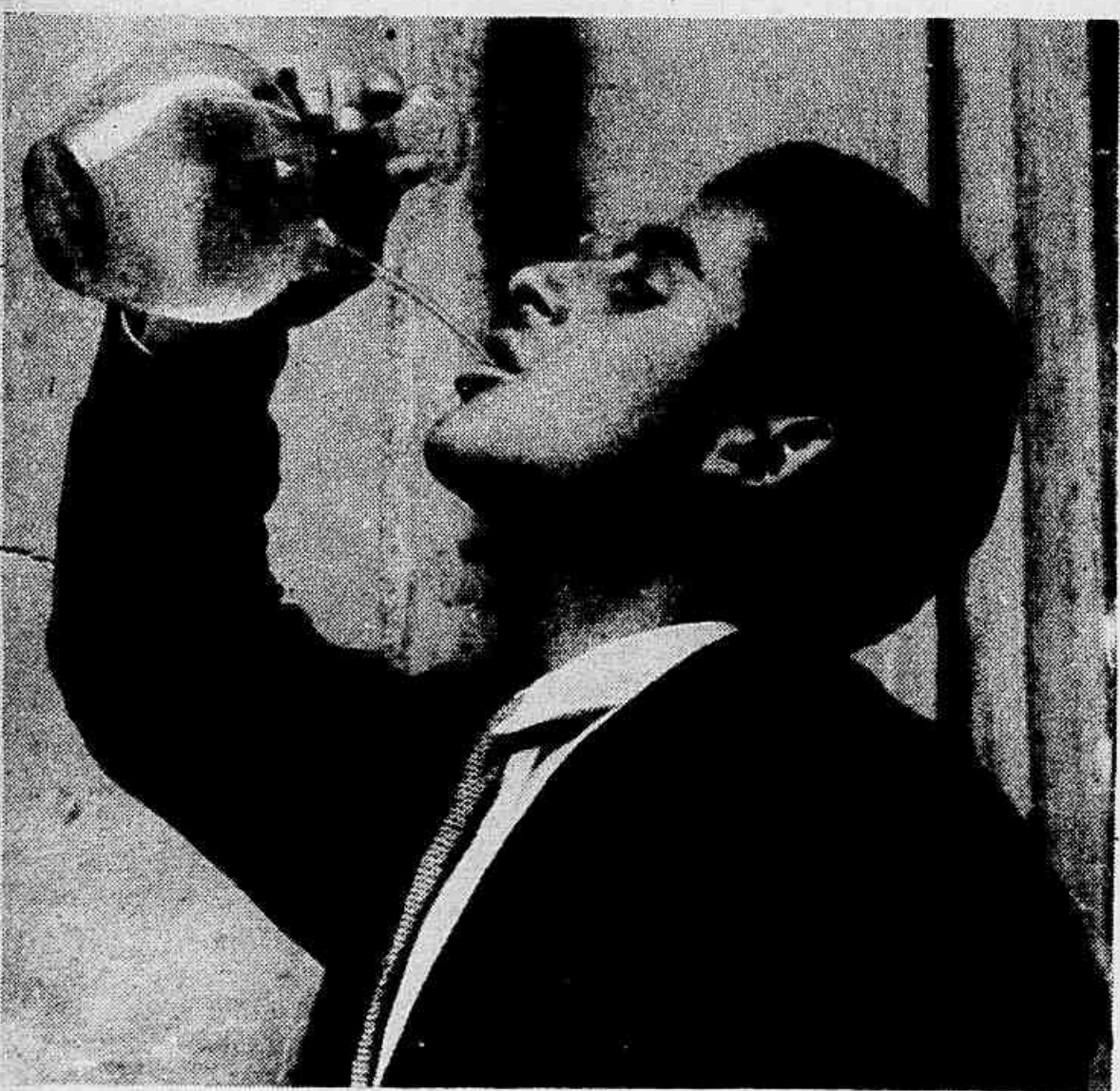




O PALÁCIO DE BEITEDDIN, um primor de puro estilo árabe, faz honra aos artífices da dinastia dos Maán, e do Emir Besir, dos Sehab. Foi restaurado em 1944 e transformado em residência de verão do Presidente da República.



FINOS MOSAICOS e esculturas adornam as salas do Palácio de Beiteddin. A região montanhosa do sul encarna como nenhuma outra a



ASSIM bebem água os libaneses, em bilhas higiênicas, sem permitir que os lábios contaminem a vasilha. O fio de água salta, direto, do interior da bilha para a boca.

aos arabescos da arte muçulmana, é impressionante. Outro templo, pequeno mas elegante, de forma pentagonal bastante rara, é o chamado templo de Vênus.

Nos arredores da cidade, vê-se uma extensa necrópole e uma imensa cantaria de época romana. Nas imediações da acrópole, estão as ruínas de uma mesquita da época Omeya e não distante do manancial de Ras el-Ain, as ruínas de uma mesquita puro século XIV.

Finalmente, na própria fonte, levanta-se um Ninfeu da época romana, transformado pela época árabe. Porque fenícios, romanos e árabes, misturam-se e sucedem-se nessas esmagadoras visões do Passado.

x x x

Fora desse setor da rodovia Beirute-Damasco, os centros melhor organizados e instalados para o veraneio, são os de Metn. Todos estão ligados por uma estrada de montanha sumamente pitoresca, que se eleva progressivamente até os pés de Sannin. Beit-Méry, Brummana, Baabdat, formam uma série quase ininterrupta de bonitos hotéis e de graciosas habitações ocultas entre os pinheirais. Um pouco mais longe, há o importante povoado de Bikfaya com as mais belas flores e as frutas mais saborosas. Mas essa localidade é ainda famosa pelas suas águas medicinais. Toda a classe de doenças — estômago, fígado, rins, intestinos, etc. — são alivia-

VIAGEM MARAVILHOSA À TERRA LIBANESA

matiz antigo: as ruas estreitas de El-Minã, Jan e outros pontos onde o visitante que procura a Trípoli das tradições árabes, tudo isso encontra, fielmente, no original.

x x x

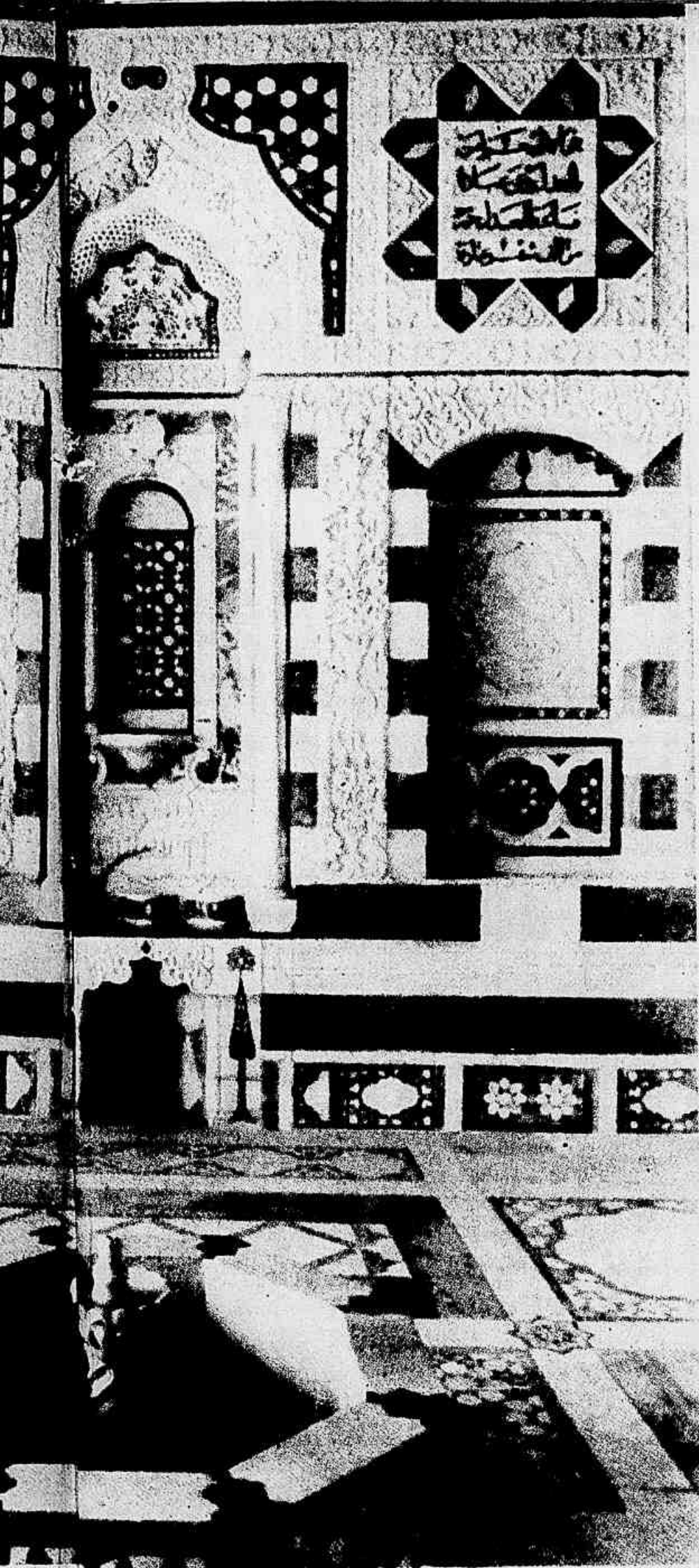
E' assim o Líbano, um país onde as tradições mesclam-se com o que de mais moderno e progressista se pode desejar. E onde o mar tem papel preponderante, porque graças a êle desde os tempos mais remotos o Líbano deu de si mesmo o que poderia ter de melhor: seus próprios filhos, essa plêiade de homens e mulheres que se lançaram através do mundo, na conquista pacífica de um pedaço de terra à luz do

sol, plantando alto a bandeira da família, como para mostrar a pureza e o vigor do tronco de sua origem.

E também porque êsse mar recebeu quase sempre o mesmo que o próprio Líbano tem recebido, quer dizer — Tudo.

x x x

Há muito a que dizer dessa minha viagem das mil e uma noites, em menos de duas semanas, à terra libanesa. Nela tudo é deslumbramento, paz e — por que não dizer? — inteligência. E de tanto o que ver, não é demais repetir o que já aqui foi dito: Dois olhos não chegam para abranger a tôdas as maravilhas do Líbano.



história da unidade libanesa e ali se encontra êsse palácio, rodeado de uma beleza sem igual. E' uma das visitas obrigatórias de todo turista.

das nas fontes de Na'as, de Ain Rihani, de Hach Eliás e de muitas outras. Finalmente, chega-se à majestosa esplanada coberta de pinheiros e Dhur Chueir e do «Bois de Boulogne», frente ao «anfiteatro» de Sannin. E' um «Bois de Boulogne» que nada fica a dever ao autêntico francês.

O Cedro, cantado pela Sagrada Escritura, e pela Liturgia, símbolo da força e da hospitalidade, converteu-se no emblema do Líbano. Sua madeira serviu para construir as quilhas que fizeram a fortuna dos Fenícios assim como foi utilizada no Templo de Jerusalém. O bosque sagrado, onde se erguem para o espaço, os grossos troncos, de proporções realmente fabulosas, é objeto de visitas, de romarias de todos os viajantes ao Oriente. Durante o inverno, êsse lugar é o preferido pelos esquiadores. Ali estive-meis justamente quando a neve cobria a encosta das montanhas. E' algo de indescritível.

x x x

Trípoli domina o pequeno porto de Homs, que se comunica com o aeródromo, a estação ferro-carril e com o porto maior. Porta da Ásia em direção ao Alepo e Mosul, Palmira, Bagdad e o Golfo Pérsico, é um laço de união entre o Oriente e o Ocidente, do ponto de vista econômico, assim como Beirute sob o aspecto cultural.

Ao industrializar-se e ao modernizar-se, alguns de seus bairros ficaram invejáveis. Assim mesmo, Trípoli conservou em outros bairros, seu



VERÃO E INVERNO são estações distintas, que modificam por completo o panorama das montanhas: Plantações e agricultura desenvolvida nos «plateaus», durante o verão, e neve que proporciona os desportos adequados, quando vem o inverno.



NOVOS RUMOS PARA A POLÍTICA AÇUCAREIRA

Projeto do deputado Pontes Vieira disci-

plinando a cobrança de taxas pelo

Instituto do Açúcar e do Alcool

A apresentação do projeto 979/56, de autoria do Deputado José Pontes Vieira, da representação do P.S.D. de Pernambuco na Câmara Federal, repercutiu intensamente, e de modo favorável, nos meios açucareiros nacionais, tendo em vista que "a sua aprovação virá consolidar, substancialmente, a ação do Instituto do Açúcar e do Alcool como órgão defensor e controlador da produção açucareira em todo o país" (palavras do Sr. Amaro Gomes Pedrosa, presidente da autarquia).

● UNIFICAÇÃO DAS TAXAS: A FINALIDADE DO PROJETO

A finalidade do projeto é a unificação das taxas atualmente em vigor que incidem sobre a produção açucareira nacional, sem novos encargos tanto para o produtor como em relação ao consumidor.

O projeto 979/56 está intimamente ligado ao minucioso estudo elaborado no início de 1954 pelo Conselho Nacional de Economia que, em suas conclusões, reconhece que a "multiplicidade de taxas que o Instituto cobra atualmente deve ser substituída por uma taxa única "ad valorem", e o seu autor teve em mira a fixação dessa taxa em lei, ficando compreendida no preço mínimo do produto.

● CRITÉRIO MAIS RACIONAL

"O meu intuito, — diz o Deputado Pontes Vieira, justificando o seu projeto, — é o estabelecimento de um critério de taxaço mais racional, que já é praticado ou está sendo proposto para as demais autarquias econômicas: a "ad valorem" e com a vantagem de unificar os ônus devidos pela produção à política de defesa do complexo agro-industrial da cana de açúcar."

● DEFESA DA PRODUÇÃO AÇUCAREIRA

Para que se tenha um melhor conhecimento do problema, faz-se mister que se proceda a um exame das causas que provocaram a intervenção do Estado, através do Instituto do

Açúcar e do Alcool, na política açucareira. Em virtude da grave crise de 1929, ocasionada pela superprodução existente, o governo brasileiro, seguindo o exemplo de outras nações, compreendeu que, por imperativos de ordem econômica e pela incapacidade dos produtores, sob ameaça de ruína total, de se recuperarem pelos próprios esforços, era necessário o estabelecimento, sob o patrocínio do Estado, de um plano de defesa da produção açucareira, orientado por uma ação coordenadora e direcionista.

Dai, a criação do Instituto do Açúcar e do Alcool com a finalidade de equilibrar economicamente as empresas, sendo-lhe atribuída a faculdade de arrecadar uma taxa de Cr\$ 3,00 por saco de açúcar produzido, para efeito de, intervindo no mercado, adquirir o produto sempre que o preço do mesmo tendesse a cair abaixo do mínimo estabelecido. Com a elevação geral dos preços das utilidades, entretanto, essa arrecadação tornou-se insuficiente, demonstrando-se a necessidade de se substituir a taxa fixa por uma taxa "ad valorem".

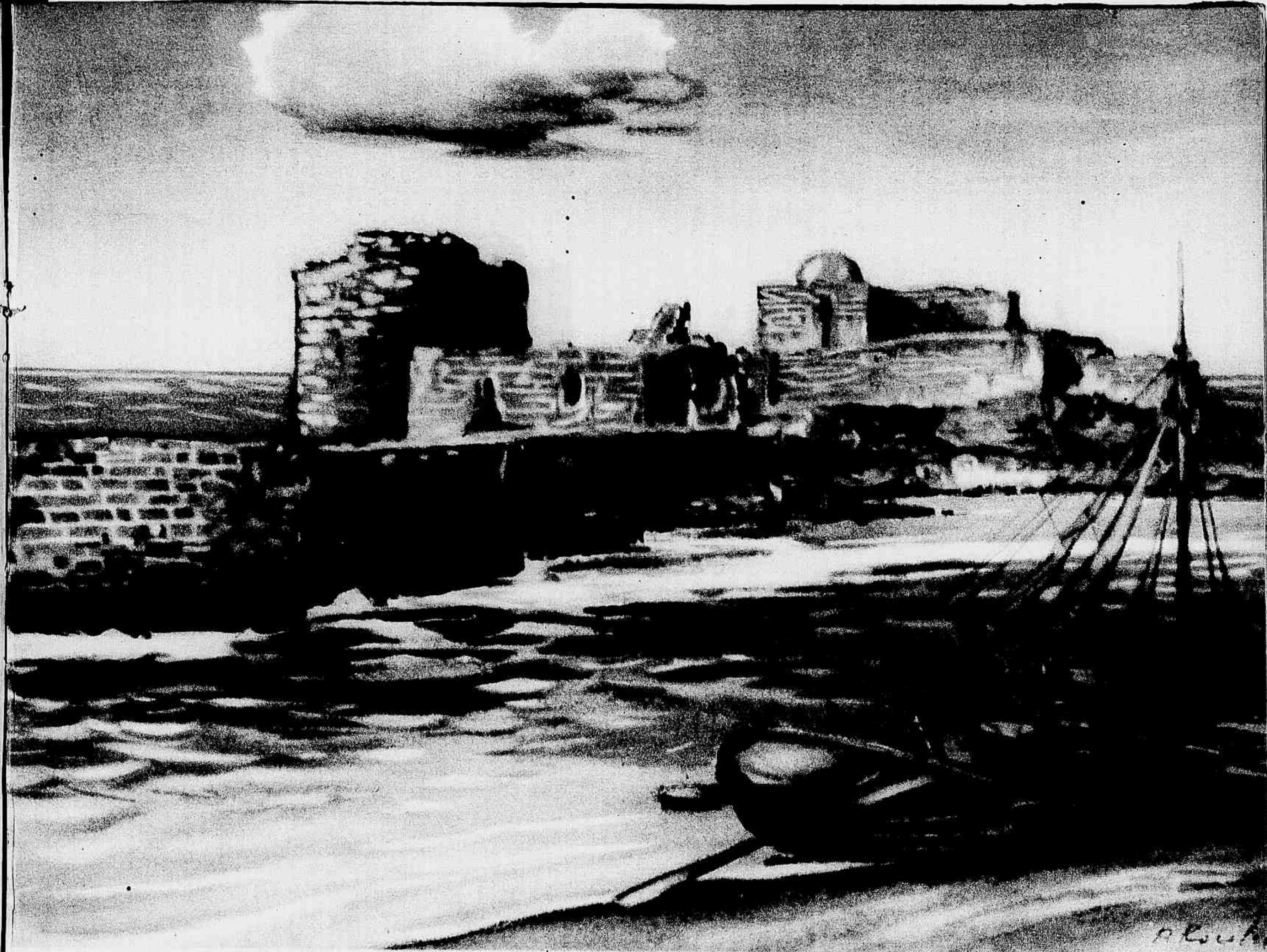
● AMPLIAÇÃO DOS SERVIÇOS ASSISTENCIAIS

Reconhecendo a situação criada, o decreto-lei nº 3.855, de novembro de 1941, art. 148, deu ao Instituto do Açúcar e do Alcool as atribuições de sobretaxar a produção quando necessário à ampliação do trabalho assistencial sob a sua responsabilidade.

● TAXA "AD VALOREM"

Dúvidas surgiram, todavia, sobre a capacidade do Instituto para criar essas sobretaxas e contribuições, havendo, pois, necessidade de se solucionar o impasse.

Decidindo a controvérsia, surge, agora, o projeto do Deputado Pontes Vieira que, unificando as taxas e fixando a tributação "ad valorem" em 7 %, sem aumento do preço do açúcar e sem ônus para o consumidor, possibilita novos rumos e perspectivas para a política açucareira nacional.



SAÍDA — O Castelo do Mar.

AS BELEZAS FABULOSAS DO LÍBANO

♦ Não há exagero quando se afirma que dois olhos não são bastantes para ver e fixar tôdas as belezas do Líbano. Para onde nos voltamos, para onde rumarem nossos passos, há panorama deslumbrantes, ruínas fabulosas, de par com as mais harmoniosas manifestações de progresso, que se oferecem, ricos e esbanjadores, à nossa sensibilidade. Baalbeck, por exemplo, é um conjunto de época romana. O templo colossal da tria-da heliopolitana, chamado de Júpiter, é de uma esmagadora majestade. Na sua base, há três pedras consideradas as maiores do mundo, medindo 19 x 4 x 4 metros. Ali podem admirar-se seis colunas de grande elevação, elegantes conjuntos semicirculares e retangulares, pátios retangulares e hexagonais, que necessitam ser vistos e pormenorizados não em minutos, mas em horas.

Já em Beirute, deparamos com uma cidade moderníssima, pôrto de mar que há trinta anos começou a ser dos mais ativos e é um dos melhores equipados do Mediterrâneo Oriental. As grandes artérias de Beirute refletem a surpreendente vitalidade da capital e de seu povo.

Zahle é outro encanto, um verdadeiro poema onde o visitante brasileiro vê-se recebido como um amigo ou um irmão. Na primavera e no verão, a vida é um perene encantamento, e as festas campestres repetem-se, para alegria do seu povo e dos seus visitantes.

A estrada de rodagem que liga Beirute a Damasco (Síria), reúne outro aprazível passeio para o turista. E o Cedro, cantado pela Sagrada Escritura, e pela Liturgia, símbolo de força e de hospitalidade, converteu-se no emblema do Líbano. Sua madeira serviu para construir as quilhas que fizeram a fortuna dos Fenícios, assim como a armação do Templo de Jerusalém. O bosque sagrado, onde se erguem para o céu os seculares troncos de proporções espantosas, é objeto de visitas, ou melhor, de romarias de todos os viajantes ao Oriente. E no inverno, é também o ponto obrigatório para os esquiadores, ano após ano em número maior.

CS.





LÍBANO

TRIPOLI

O Castelo de Saint Gilles. Um dos panoramas de maior deslumbramento do Líbano.

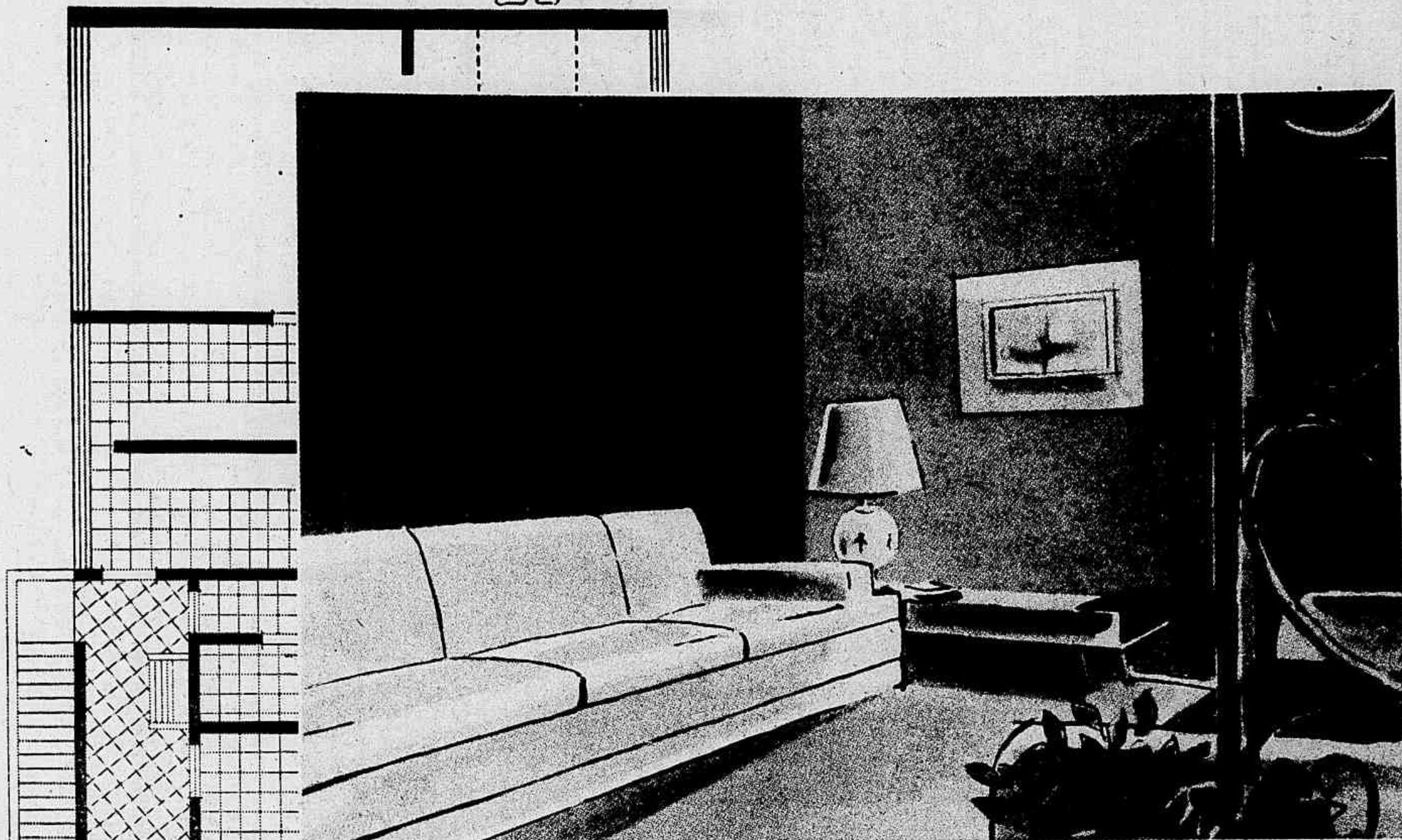


LÍBANO

BAALBECK — As ruínas fabulosas, do Líbano, mostram o Heliópolis dos Romanos.

em seu lar ...

ambiente de Beleza e Distinção!



com as
insuperáveis tintas



Tinta a óleo, fosca, para interiores. Lavável, proporciona luxuosos e belicimos acabamentos, avulados, em cores alegres.



Tinta de emulsão, fosca, para interiores. Dá ao seu lar mais beleza... FLATEX é solúvel em água, facilimo de usar e de secagem rápida.



Tinta a óleo, brilhante para pinturas perfeitas de interiores e exteriores. É lavável e de grande poder de cobertura. Cores firmes e modernas.

acabamentos
perfeitos,
uniformes e
deslumbrantes

DISTRIBUIDORES
EXCLUSIVOS

MESBLA

Para revenda ou distribuição no interior,
queira dirigir-se à Filial mais próxima.

RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - PORTO ALEGRE - B. HORIZONTE
RECIFE - SALVADOR - PELOTAS - INTERO - VITORIA - MARILIA



Entrincheirado em livros e papéis soltos, Jamil Almansur Haddad aumenta a sua produção literária.

LIRA ORIENTAL NA POESIA DO BRASIL

EM SÃO PAULO NASCEU, EM SÃO PAULO SE FORMOU, EM SÃO PAULO SE FÊZ ESCRITOR ★ UM POUCO DE JAMIL ALMANSUR HADDAD, QUE FOI CONTAR MUITO DO BRASIL NO ORIENTE

PRIMEIRO, foi «Alkamar, a minha amante». Isso, em 1935.

— E depois?

Depois, Jamil Almansur Haddad foi repetindo doses de poesia e colorindo-as: «Orações Negras», que arrancou prêmio da Academia Brasileira de Letras, «Poemas» (orações roxas, novas orações negras e orações vermelhas), além de «Primavera na Flandres», «A Lua do Remorso» e traduções e adaptações, dentre as quais «Cântico dos Cânticos» e os «Rubaiyat», de Omar Khayyam, de cuja nova edição surpreendemo-lo com provas tipográficas na mesa.

◆ UM HOMEM ENTRE LIVROS

Nem São Paulo estava de garoa, nem o poeta estava de lira na mão. Fazia frio, era verdade, mas o Alamêda Lorena se abria no abraço paulista capaz de levar-nos até a Jamil, escondido entre livros amontoados em prateleiras, nos desvãos dos móveis e até no assoalho. O homem se destaca dos livros alheios e é por nós colocado diante dos seus próprios livros: «História Poética do Brasil» e «O Amor do Pensamento Humano», de antologia e crítica, e ensaios literários que realizam introdução às poesias de Gonçalves Dias, viajam pelo «romantismo brasileiro e as sociedades segretas do tempo» até se deterem na «Revisão de Castro Alves».

— E' esta — diz-nos o escritor — uma das obras que mais acato, se me é permitido fazê-lo.

◆ O INTELLECTUAL SURGINDO...

Os pais de Jamil Almansur Haddad — Melhem A. Haddad e Saada Haddad — formaram na corrente imigratória libanesa do princípio do século. Chegaram ao Brasil e enfrentaram a luta que outros patriotas seus enfrentaram. E foi em São Paulo que lhes nasceu Jamil. O menino manifestou logo uma rebeldia ao comércio. E isso ficou de lado. Aceitaram as inclinações do rapaz e deixaram-no fazer-se homem, fazendo-se médico pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Fêz-se médico e fêz-se escritor. E fêz-se, também, professor de literatura da mesma Universidade.

◆ UM ENCONTRO E UMA VIAGEM

O nome de Jamil Almansur Haddad é, hoje, um testemunho da contribuição árabe para a diversificação das letras brasileiras. Com a sua bagagem de obras e militando no magistério mais do que na clínica, ele suporta uma inequívoca responsabilidade pelo valor da nossa intelectualidade. Na sua vida entre livros e gente, Jamil acabou por encontrar o próprio romance, bitolando-o pelas medidas do espírito fornecidas pelo Destino: casou-se com Helena Silveira, também escritora e, ainda, repórter. E ambos, em 1955, foram ao Oriente Próximo. Helena demorou-se por lá uns sete meses e Jamil Almansur Haddad um ano, lecionando literatura nas Universidades Libanesa e Síria, onde encontrou professores formados pela Sorbonne como companheiros.

◆ RETOMADA DE HISTÓRIA

Fala-nos Jamil Almansur Haddad:

— Percebe-se que há uma tendência marcante de ocidentalização no Oriente. Particularmente, nos países árabes se nota a evolução de tal processo como um imperativo da retomada de contacto com a História, depois das lutas que os seus povos tiveram de enfrentar, como decorrência da vida com raízes aprofundadas nas primeiras terras da civilização. Mas Jamil Almansur Haddad ressalva que na admissão de tal ocidentalização, os árabes não desfiguram a sua conduta social e cultural. Sempre buscam uma conciliação de valores e tendências por intermédio do sentido humano.



O destino uniu-os em tudo. Até nas letras. Jamil Almansur Haddad e Helena Silveira (nome que conserva nas reportagens) converteram o lar em academia.

CÂNTICO DOS CÂNTICOS QUE NÃO É DE SALOMÃO

*Teu corpo estrelado
e crepuscular
é dália? é bordado?
é estrela polar?
Óleo derramado?*

*É morte? É noivado?
É terra ou é ar?
Vou todo extraviado
porque vou a amar.*

*De Haifa ou Damasco
esta noite chegou?
Só sei que ela é um frasco
que o amor derramou...*

De JAMIL ALMANSUR HADDAD

IMPORTAÇÃO — EXPORTAÇÃO

CASA MOURÃO

URBINO TEIXEIRA & CIA. LTDA.

VIDROS — CRISTAIS PARA VITRINAS

OFICINA DE BISOTAÇÃO — ESPELHAÇÃO

COMPLETO SORTIMENTO DE METAIS PARA VITRINAS
ESPECIALISTA EM INSTALAÇÕES COMERCIAIS E
REFORMA DE CLARABÓIAS



Avenida Presidente Vargas, 1878 — Telefone: 43-4095

Depósito: Rua do Senado, 327 (Fechado) — Tel.: 32-2558

RIO DE JANEIRO

COMPANHIA DE SEGUROS ALIANÇA DA BAHIA

SEGUROS DE INCÊNDIO, TRANSPORTES E ACIDENTES
PESSOAIS

CIFRAS DO BALANÇO DE 1955

Capital e Reservas	Cr\$ 250.372.554,90
Receita	Cr\$ 245.295.307,20
Ativo em 31 de dezembro	Cr\$ 488.126.902,50

SINISTROS PAGOS NOS ÚLTIMOS 10 ANOS CR\$ 314.801.441,50

Sede: SALVADOR, ESTADO DA BAHIA

DIRETORES:

DR. PAMPHILO PEDREIRA FREIRE DE CARVALHO — Presidente
DR. FRANCISCO DE SA
ANISIO MASSORRA
JOSE ABREU
DR. JAYME CARVALHO TAVARES DA SILVA

Agência Geral no Rio de Janeiro: Ruas São José, 90, 15°
e Rodrigo Silva, 7 - Loja

Telefone: 52-6146 — Gerente: Arnaldo Gross

MÚSICA

BOLIVAR COSTA

UMA ORQUESTRA EXEMPLAR

◆ Um conhecido matutino carioca noticiou há alguns dias, de maneira tanto ou quanto chistosa, a organização, entre nós, de uma orquestra de amadores. O nome do conjunto é Orquestra Sinfônica de Amadores do Rio de Janeiro. De seus quadros fazem parte pessoas das mais diferentes profissões, credos políticos e religiosos, posições sociais, raças, cores, etc. Assim é que entre os violinistas, encontram-se um general, dois advogados e um dentista; as flautas estão sob a responsabilidade de um major do exército e de um fuzileiro naval; um bancário toca violino, um aeroviário violoncelo, enquanto que um soldado raso se encarrega da trompa. A batuta acha-se em poder de um advogado, que é o compositor e maestro Alfonso Martinez Grau.

E o melhor é que o referido matutino não perde tempo em doutrinar no sentido do estreito oficialismo vigente quando inocula que a trompa do soldado sempre toma posição de sentido diante do violino do general, seguindo, com exemplar disciplina, a lei geral que informa a hierarquia e obedecendo cegamente ao propalado «princípio da autoridade». Ora, ninguém desconhece o fato de que, numa orquestra sinfônica, o papel de uma trompa seja de maior visibilidade que o de um violino isoladamente. É que este instrumento, com por cento gregário, acha-se individualmente limitado pela ação total do grupo a que pertence. E existem mesmo certas peças sinfônicas em que o brilho eventual de um solo de trompa empana completamente a algazarra constante do conjunto dos violinos! É por isso que recomendamos ao advogado-maestro Martinez Grau que tenha muito

cuidado na escolha do repertório para a orquestra que pretende dirigir com espírito democrático. E por falar em espírito democrático, achamos que se o ilustre maestro quiser «por à prova o famoso axioma, segundo o qual «todos são iguais perante a música», que escolha para uma das apresentações do seu original e simpático conjunto sinfônico, um «Concerto para Trompa e Orquestra»... Se não aparecer ninguém alegando «quebra de hierarquia», ou coisa que o valha, então aqui estaremos para reconhecer e proclamar que, afinal, no Brasil, «todos são iguais... pelo menos perante a música». Não se pense, todavia, que a aceitação dessa eventual condição de inferioridade por parte do nosso general seja uma coisa de sete cabeças. Isto seria prevenção. Tanto mais porquanto é possível que o nosso condecorado violinista da Orquestra Sinfônica de Amadores do Rio de Janeiro seja um homem despidido dessa doentia vaidade pessoal que alguns dos seus colegas têm manifestado de maneira tão estranha...

Seja como for, e por mera medida preventiva, aconselhamos ao advogado-maestro muita habilidade e firmeza na sua difícil tarefa de impor a harmonia em todos os setores da atuação de sua orquestra. Por causa da ausência desses dois requisitos essenciais é que o «grande regente» da imensa orquestra nacional está sendo tachado de inexpressivo e de joguete nas mãos do «spala» que, em qualquer circunstância, fala sobre o «respeito à hierarquia» e manda que o seu regente repita constantemente seus pontos de vista a respeito do célebre «princípio da autoridade»...

NOTICIÁRIO

Sob o patrocínio da ABC e Pro-Arte, o famoso pianista alemão Rudolf Firkusny apresentou-se no Teatro Municipal, interpretando obras de Bach, Schubert, Chopin, Camargo Guarnieri, Ravel, Debussy e Prokofieff.

Comemorando o bicentenário do nascimento de Mozart, o Centro de Desenvolvimento artístico promoveu no auditório do Conservatório Brasileiro de Música, um "Festival Mozart" com a participação do soprano Regina Silveira, dos pianistas Marçal Romero e Aurélio da Silveira e da violinista Amarilis Leite Guimarães.

Felizmente encerrou-se a Temporada Lírica Nacional, com "Aida" de Verdi, na interpretação de Wanda Spósito, Maria Henriques, Alfredo Colóximo, Lourival Braga e Newton Paiva. A regência esteve a cargo do maestro Santiago Guerra. Esta temporada foi uma das mais fracas dos últimos tempos. Nada apresentou que merecesse elogios honestos.

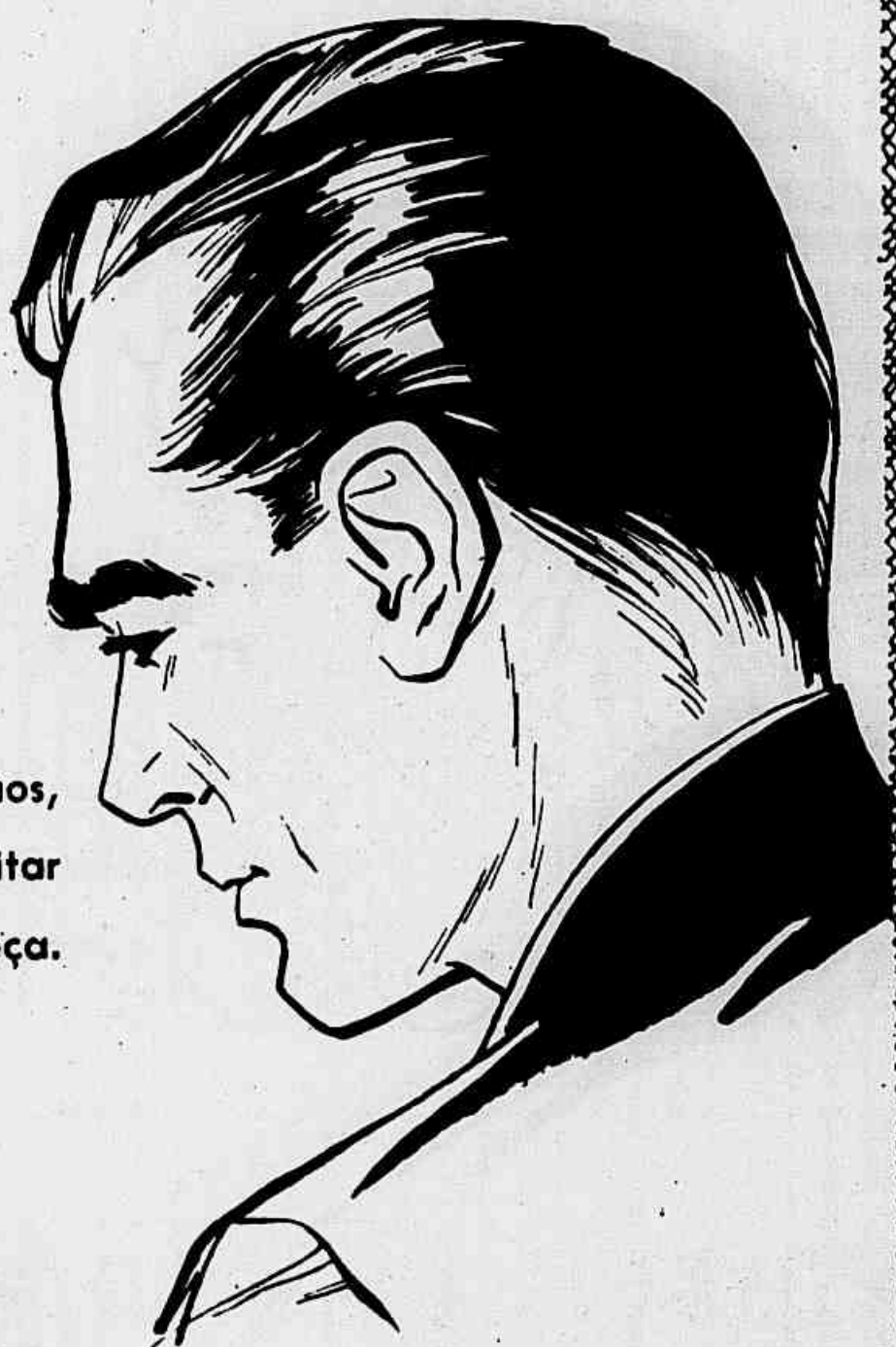
E Tamará Toumanova reapareceu no Teatro Municipal. Houve muito entusiasmo por causa do "Lago do Cisne". Realmente, o virtuosismo correspondeu aos aplausos, ou vice-versa.

Não permita que "ÊLE" fique careca

— Se você vem notando que os cabelos "dêle" estão caindo pouco a pouco e que nenhuma providência foi tomada para deter essa queda, esteja certa de que, mais cedo ou mais tarde, "êle" ficará calvo.



Está em suas mãos, entretanto, evitar que isso aconteça.



Sugira - "lhe" o uso diário da Tricomicina e diga - "lhe" que você acredita na ação da Tricomicina

* **porque** algumas substâncias contidas em sua fórmula fortalecem as raízes capilares e asseguram aos cabelos perfeita fixação ao couro cabeludo;

* **porque** outros elementos, também contidos na Tricomicina, atacam e eliminam a caspa e a seborreia, evitando assim o enfraquecimento dos cabelos;

* **porque** desde o seu aparecimento até hoje a Tricomicina tem beneficiado a milhares de pessoas, conforme provam os atestados que periodicamente são publicados na imprensa e também

* **porque** a Tricomicina é um produto de qualidade, preparado cientificamente sob a orientação e fiscalização diretas do seu descobridor.



Loção **Tricomicina**

* Combate a calvície — * Detém a queda dos cabelos — * Elimina a caspa

À VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS DO BRASIL



Baalbeck ostenta para o presente os custosos templos do passado. A pedra toma forma de testemunha de história que ainda não foi totalmente contada. E, talvez, jamais o será.

DEPOIS DAS MIL E UMA NOITES...

**BEIRUTE, PORTA ABERTA, NO MEDITERRANEO,
PARA OS NEGÓCIOS DO OCIDENTE COM O
ORIENTE ★ O CAFÉ É NOSSO, MAS O VEN-**

**DEDOR NÃO ★ QUEREM VER O BRASIL DE
HOJE NAS TELAS ★ A AMEAÇA DA GUERRA
COM ESTOPIM MOLHADO DE PETRÓLEO...**

Texto de JOSÉ ASMAR

A chuva, que nos ameaçou por todo o trecho do litoral Norte de Beirute a Enfé, colheu-nos, finalmente, em Trípoli. E antes de iniciar a subida para a neve que forra o chão dos Cedros Gigantes, a 1.950 metros de altitude, semi-cercados por montanha que tem um ponto de mais de 3.000 metros, entramos num Café Brasil. O nome valeu a atração. E, também, a pergunta sobre o que nos serviam:

— Este café é mesmo do Brasil?

O homem disse que sim. E avançou:

— Mas nos chega por intermédio de exportadores ingleses...

Um caso, aliás, igual a tantos outros que o nosso país tem a resolver, dentro da esfera dos novos mercados que precisa de aproveitar.

TELA FRANCA

Ainda em Trípoli achamos interesse em relação ao cinema brasileiro. Passara por lá «Os Cangaceiros». Os orientais apreciaram a técnica, o enredo, a fotografia, a música.

— O público deseja, do Brasil, filmes documentários atuais — ob-

servou, mais tarde, um poderoso exibidor, que só nesse grande empório libanês possui três cinemas instalados num só edifício.

Justificou o seu empenho de conseguir esses documentários lembrando que no Líbano e noutros países árabes, para os quais distribui películas, há numerosas famílias que têm parentes radicados no Brasil e que aspiram conhecer, ao menos pelo cinema, as metrópoles, as cidades, os bairros, os distritos, os povoados e as roças onde eles se encontram. O mesmo trabalho poderia ser feito no Líbano moderno, parlamentarista e independente.

PONTO DE ENCONTRO

Beirute é heterogênea. Já ergueram arranha-céus entre sobrados orientais, suportados por arcadas que precederam os «pilotis» sobre os quais se assenta a arquitetura dos nossos dias. As ruas são, às vezes, tortuosas. Apertam-se, como prova de antigüidade, ou alargam-se nas partes novas, como sinal dos tempos. A numeração das casas ainda não se tornou preocupação administrativa. Os carteiros e os moradores conhecem as ruas o suficiente para não permitir que al-

guém ou alguma coisa deixe de chegar ao enderêço porventura sem placa. Como Trípoli, é toco mercantil. Como capital, leva a vantagem: torna-se ponto de encontro para homens de negócio do Oriente Médio e do Extremo Oriente com os homens de negócios do lado de cá. No «Le Capitole», hotel de dez andares cujo conforto ultrapassa muito o de alguns de primeira classe no Rio, vimos, no «roof» em que uma orquestra internacional tocava o nosso samba, desde o visitante da Arábia Saudita, no seu traje branco e esvoaçante, até o japonês que aproveitou a ocasião para trazer tôda a família. E ali estavam americanos e europeus. Uns que se moveram dentro da sua Ásia. Outros que ali chegaram pela bôca do Mediterrâneo. E tanto uns como outros para tirar proveitos dos contactos.

ARRUMANDO A CASA

Ao chegar a Beirute, cada estrangeiro tem uma espécie de «pistolão» no pôrto ou no aeroporto. É um funcionário do Comissariado de Turismo, que está às ordens para facilitar a entrada no país, onde vai no mínimo gastar alguma coisa.

O domínio francês legou ao Líbano uma vantagem: a de quase todo mundo falar o francês. Isso facilita sobremaneira não só a formação intelectual da sua mocidade como as relações com os adventícios. O jornal de maior tiragem dos trinta e tantos editados em Beirute é em francês. É «L'Orient», com circulação em todo o mundo árabe. Também «Le Jour». E ainda «Le Soir». E mais «Le Matin», como «La Revue du Liban et de l'Orient Arabe» que nos apresenta fatos sociais, literários e artísticos. Há igualmente os de língua inglesa. Porque o inglês é familiar à elite.

— Para ensinar bem o francês e o inglês aos que primeiro terão contacto com os turistas — disse-nos então Michel Touma, diretor do Comissariado — cuidamos de manter cursos especiais para motoristas, carregadores, cabeleireiros, etc., principalmente para pessoal de hotéis.



Notre Dame do Líbano, a padroeira de um povo que prima pela ordem e que se orgulha de um passado de bravura e humanismo.

Aproveitou para informar que o número de hotéis considerados dignos de receber turistas vai para 500, já. Quando vimos Michel Touma, tivemos a impressão de que se tratava de um homem puramente britânico: encanecido, sorridente, «gentleman», traje à mo-

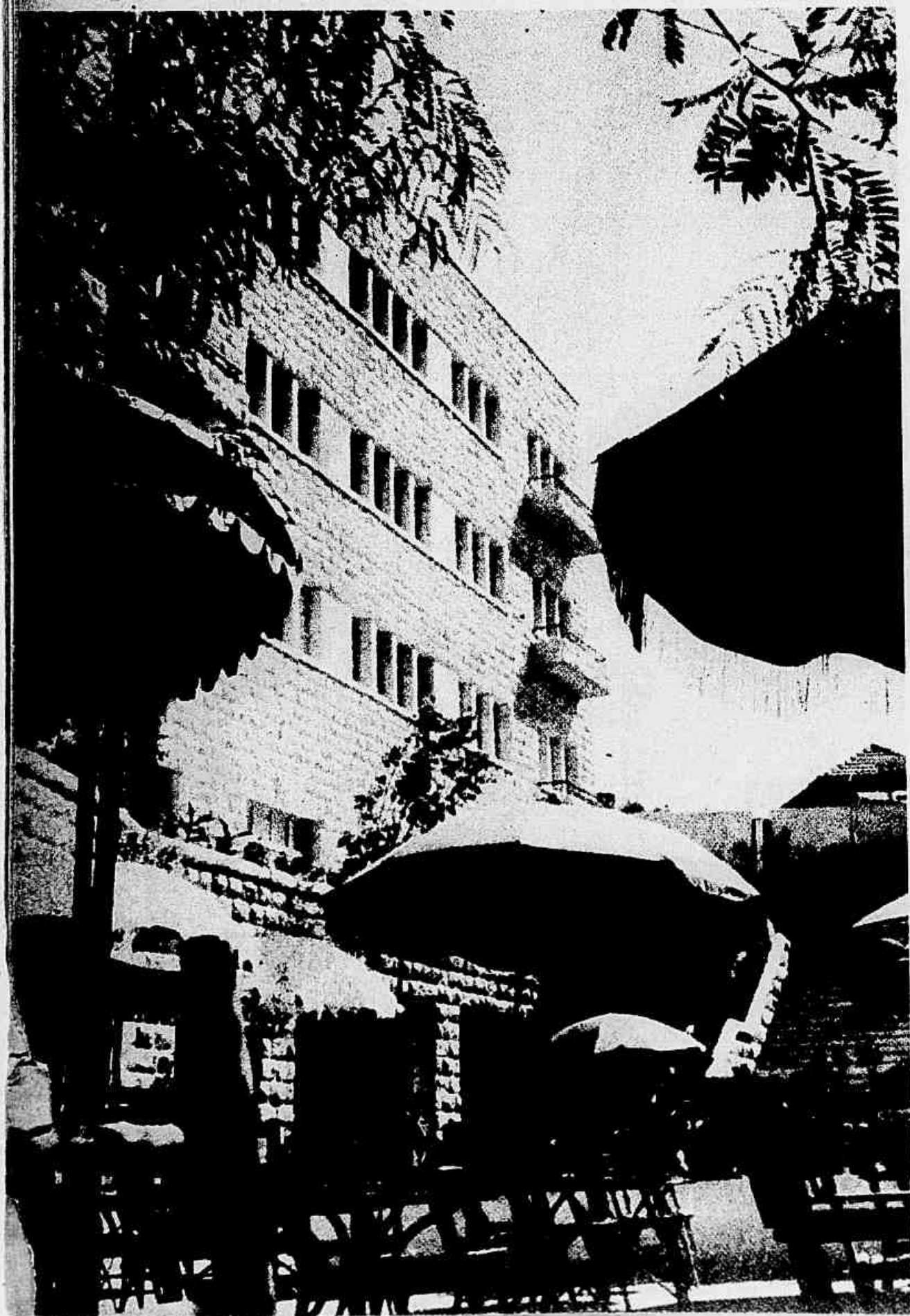
Trípoli sob chuva. O céu tomou a sua cor de chumbo, os carros comprimiam água fria nos paralelepípedos, e o povo se quisera, tem aí na praça um estabelecimento que tem o nome de Brasil e que oferece café nosso patricio, sim, senhores.



DEPOIS DAS MIL E UMA NOITES



Beirute possui meia centena de hotéis, alguns rivalizando com os melhores das grandes capitais européias. Os libaneses têm uma noção prática e eficiente de turismo.



derma, de cachimbo e fala pausada. Mas viemos a distingui-lo melhor: além de anfitrião, trabalhava umas dezesseis horas por dia, ajudado pelo dinamismo de Raoul Azzi. Eles podem distanciar-se dos postos que ocupavam quando os conhecemos. Entretanto, o exemplo vai continuar, pois a orientação de M. Touma produziu, no começo, cem milhões de cruzeiros num ano, com o turismo. Eis o seu ponto de partida:

— Viajei muito. Observei o que agradava ao visitante. E observei muito mais o que lhe faltava, para sentir-se como se estivesse na própria casa.

Com atribuições de controlar preços de restaurantes, bares e hotéis — pois o descontrôle dos preços destruiria antes o seu serviço —, o Commissariado de Turismo do Líbano tem o prestígio da ação governamental, apressando, em dez anos de independência, o asfaltamento de estradas para os alvos turísticos, como as montanhas nevadas e enfeitadas de cedros; Baalbeck, a Heliópolis da História Antiga, «Cidade do Sol» construída pelo Império Romano de Sétimo Severo e Caracalla, com as ruínas dos seus templos a oferecer indagações mudas à argúcia dos que se julgam sábios agora, pois lá estão, inexplicáveis, pedras pesando toneladas, superpostas sem se saber de que jeito o foram: Trípoli e o Castelo de St. Gilles, a responderem pelo que lhes fez o poder destruidor do Sultão Malek; Tiro, com seu castelo de Beaufort; Biblos; Nahr-El-Kelb; e Beit-Ed-Dine, onde fica o palácio de verão do Presidente da República e no qual se instalaram, no passado perdido, os emires e também o viandante Lamartine, para dizer que dali se levava inspiração do mar, das montanhas e do céu. E há estrada notável para Saída, ex-Sidon, com o castelo das Cruzadas pisado até por Alexandre, o Grande. Ou, sem se afastar muito do centro beirutano, o turista pode ir à orla da baía



A neve cai sempre na região dos cedros. Põe a paisagem mais a gosto de cartão postal. Eis aí um recanto que o Líbano capitaliza para a sua indústria do turismo.

Os edifícios modernos vão ficando entremeados de prédios antigos, em Beirute. A capital libanesa adquire um aspecto de composição oriental e ocidental, capaz de agradar a todos os visitantes. Allah a conserve.

de S. Jorge, exatamente no local em que o Santo Cavaleiro travou luta com o dragão.

Eis, num traço, um pedaço do painel que o Comissariado de Turismo do Líbano capitaliza com inteligência.

UM ESPECTRO

Se alguém pisar a terra libanesa, ou a síria, pensando encontrar mulheres vestidas como se ainda ilustrassem as «Mil e Uma Noites», terá uma decepção. As belas árabes se trajam como as nossas belas de cá. Frequentam buates e animam as noites nas casas elegantes. O véu, no rosto, hoje é usado apenas pelas muçulmanas. Mas as suas saias pretas não vão aos tornozelos nem as deformam.

Como pormenor de diferença dos ocidentais, os homens às vezes acrescentam somente o tarbuche, o seu chapéu colorido, sem abas. Nas aldeias, com as casas de pedra e sempre com hortas em degraus cortados no monte, os homens usam uma espécie de sobretudo e calças que começam folgadas e terminam com a boca estreitíssima.

E' este o povo que encontramos submetidos à constante ameaça de guerra.

— Uma guerra que será menos nossa do que dos que a estimulam — assegurou-nos um advogado, em Damasco, onde nos comovemos diante de um grupo esfarrapado de crianças árabes expulsas da Palestina.

As ameaças da deflagração se estendem pelos anos afora. Um caso de polícia de fronteira serve para noticiário alarmante, em todo o mundo. O Líbano não tem Exército. Mas tem diplomacia. A Síria, sim, fortaleceu-se militarmente. Com ela o Egito. Com ele todas as demais potências que formaram a Liga Árabe. Observadores identi-

ficam, na questão árabe-israelita, o estopim de uma guerra mundial. O petróleo do mundo árabe entra na história.

Há esperanças de que o perigo de arrastar a todos no turbilhão de fogo e sangue signifique fator bastante para que a ONU, evite o desencadeamento da guerra.

UM TRATADO EM MARCHA

A crise um dia terá de acabar. Mesmo com ela, o povo comporta-se estóicamente. Não é motivo para suspender os seus negócios.

Referimo-nos no início à venda do nosso café por intermediários. E' que faltava um acôrdo comercial do Brasil com o Líbano. A vinda do Presidente Camille Chamoun ao Rio de Janeiro teye, dentre outros, o objetivo de firmar com o nosso Governo um Tratado de Amizade, Comércio e Navegação. Isso, a 12 de maio de 1954. Um ano depois, 13 de maio de 1955, o Presidente da República enviou mensagem ao Congresso Nacional, submetendo-lhe à consideração aquele Tratado. Nesse ínterim, o Legislativo libanês o aprovou, por sua parte. E só agora, após dois anos, a matéria se acha em fase final no Senado, onde o sr. Atílio Vivacqua, relatando-o na Comissão de Constituição e Justiça, emitiu parecer favorável.

As viagens para o Oriente já estão facilitadas. Por mar ou por ar. A Panair costuma apanhar um passageiro no Galeão, aos primeiros minutos de uma quinta-feira, e deixá-lo no aeroporto de Beirute às últimas horas da tarde de sábado. Alberto Haddad, que é no Líbano um cicerone para os brasileiros e no Brasil um animador de intercâmbio com os libaneses, chegou a organizar aqui e lá a sua empresa de turismo «Brasília». Sangues dos dois povos já se fundiram. Um já come a comida do outro. Cantam a mesma canção. E vai-se, afinal, reencontrando as rotas fenícias. Felizmente.

LIVRARIA

FRANCISCO ALVES

EDITORA PAULO DE AZEVEDO LTDA.



ARTIGOS DE PAPELARIA E MATERIAL ESCOLAR



LIVREIROS E EDITORES



RIO DE JANEIRO
RUA DO OUVIDOR, 166

SÃO PAULO
292, RUA LIBERO BADARÓ

BELO HORIZONTE
RUA RIO DE JANEIRO, 655

O uso do cheque proporciona
CONTRÔLE — SEGURANÇA — EFICIÊNCIA
ABRA UMA CONTA NO

Banco Financial Novo Mundo S. A.

Enderço Telegráfico: «MUNBANCO»

MATRIZ: Rua do Ouvidor, 71/73 — Caixa Postal 919 — Telefone: 52-2010 — Rio de Janeiro.

AGÊNCIA: Rua Figueiredo Magalhães, 22 — Telefone: 37-9399 — Copacabana.

AGÊNCIA MEIER: Rua Dias da Cruz, 170 — Loja 1.

FILIAL: Rua João Bricola, 37 — Caixa Postal 8159 — Telefone: 32-6121 — São Paulo.

AGÊNCIA: Rua 15 de Novembro, 142 — Telefone: 2-5110 — Santos.

**EM S. PAULO HOSPEDE-SE
NO MODERNÍSSIMO**

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280.00 — Casal 380.00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Electr. «PRINCIPEHOTEL»



ARTES

JOSÉ ROBERTO



FERNAND LÉGER: Estudo para a «Grande Parada» (1951).

◆ MORREU MARIE LAURENCIN

A FAMOSA, bizarra e talentosa Marie Laurencin, que assinou poemas com o nome de Louise Lalanne, e que assistiu, no «Bateau-Lavoir», ao nascimento do cubismo, sem se tornar jamais uma pintora cubista, conservando-se sempre uma artista fortemente original, acaba de falecer, em Paris — cidade onde também nasceu —, aos 71 anos de idade. Dela é a seguinte frase, que vale por poderoso retrato psicológico:

«Amo o luxo. Orgulho-me de ter nascido em Paris. Conheço todas as árias de «Silvye». Não gosto de discursos nem de admoestações, de conselhos ou mesmo cumprimentos. Como depressa, ando depressa, leio depressa. Pinto vagarosamente».

Em seu livro «Picasso et ses Amis», Fernand Olivier narra a seguinte passagem sobre Marie, então aos vinte anos, e que fôra visitar o atelier de Picasso, levada por Apollinaire:

«Querida ver tudo, visitar os cantinhos mais recônditos. Tudo, com um sangue-frio e uma pachorra extraordinários. Curiosa, colocava uma lente sobre os olhos, para ver melhor. Talvez cansada, sentou-se tranquilamente em dado instante. Parecia tomar parte na conversação, que acabou por interromper, com um grito agudo e inarticulado... Todos se calam, espantados... Olham para ela... «E' o grito do Grande Lama», explica-nos, gentilmente...»

◆ RETROSPECTIVA LÉGER EM PARIS

O Museu de Artes Decorativas de Paris está expondo, presentemente, cerca de cem telas de Fernand Léger, outro grande pintor há pouco desaparecido, tal como Dufy, Ma-

tisse e Utrillo. Essa é certamente a exposição mais importante dedicada a Léger, desde a mostra especial na Bienal Paulista.

◆ A FUNDAÇÃO KRESS

Samuel H. Kress foi o maior benemérito da National Gallery of Art de Washington. Com sua morte, sua fabulosa coleção de pinturas e esculturas veio a constituir a Kress Foundation, que é sem dúvida uma das maiores coleções particulares de todos os tempos. Ainda recentemente, a fundação expôs, na National Gallery, suas mais recentes aquisições: cinquenta telas e vinte e quatro esculturas de todos os tempos e escolas! Do conjunto fazem parte Cimabue, Ghirlandajo, Boticelli, Da Vinci, Ticiano, Memling, Grünewald, Holbein, Goya, Van Dick... Entre as esculturas, Nino Pisano, Bernini, Houdon, etc. O novo diretor da National Gallery é o senhor John Walker, recentemente nomeado para o

cargo que até bem pouco foi de David E. Finlay, o qual nele se conservou por cerca de vinte anos.



MEMLING — Detalhe de «A Apresentação ao Templo», adquirido recentemente pela Kress Foundation.

◆ EXPOSIÇÃO EM S. PAULO

NO CLUBINHO dos Artistas, situado no edifício dos Arquitetos, à rua Berto Freitas, 306, em S. Paulo, inaugurou-se, no dia 2 de junho, uma exposição de esculturas e desenhos da artista alemã Charis Brandt, de há muito radicada entre nós. Charis, que ainda há pouco

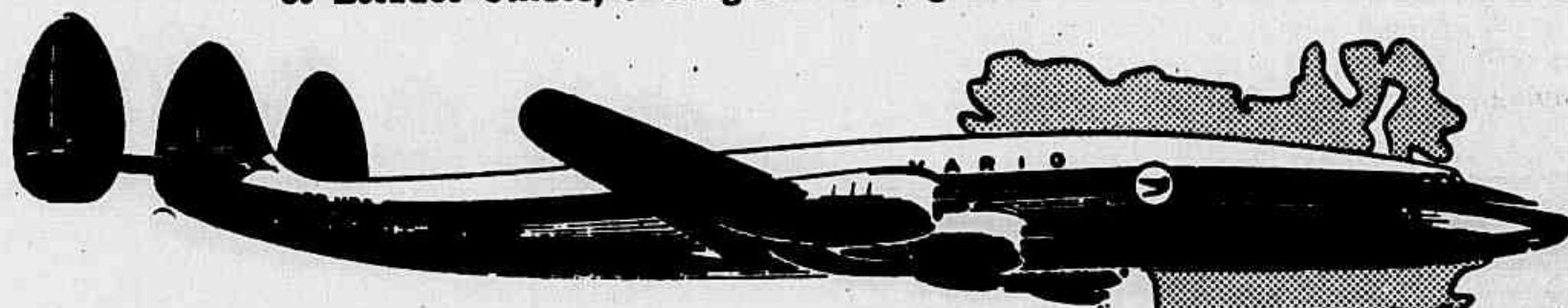
excursionou pelo norte, em viagem de estudos, teve ali a oportunidade de executar grande número de desenhos. São esses desenhos que, com mais diversas peças de escultura, são agora oferecidos ao público bandeirante.



viaje com luxo e conforto no

Super-G Constellation

Pela primeira vez, na rota do Atlântico, estes modernos quadrimotores cruzam os céus da América, estabelecendo ligação rápida e direta do Brasil para os Estados Unidos, o Uruguai e a Argentina.



À disposição dos passageiros, cabinas de luxo... poltronas reclináveis... saleta-de-estar com serviço de bar... cozinha internacional com refeições quentes... e no esmerado serviço de bordo — a tradicional cortesia Varig!



VARIG

NOVA YORK

TRUJILLO

BELEM

RIO
S. PAULO
P. ALEGRE
MONTEVIDEO
B. AIRES

Agora, o lar. Ficou para trás a fase das andanças de baú e mala às costas, por estes brasis. E quando descança, aos domingos, Tanus Jorge Bastani troca idéias com a sua animadora, dona Sarah Zaidan Bastani. A cadela alemã Gita assume, então, atitude de constante ouvinte.

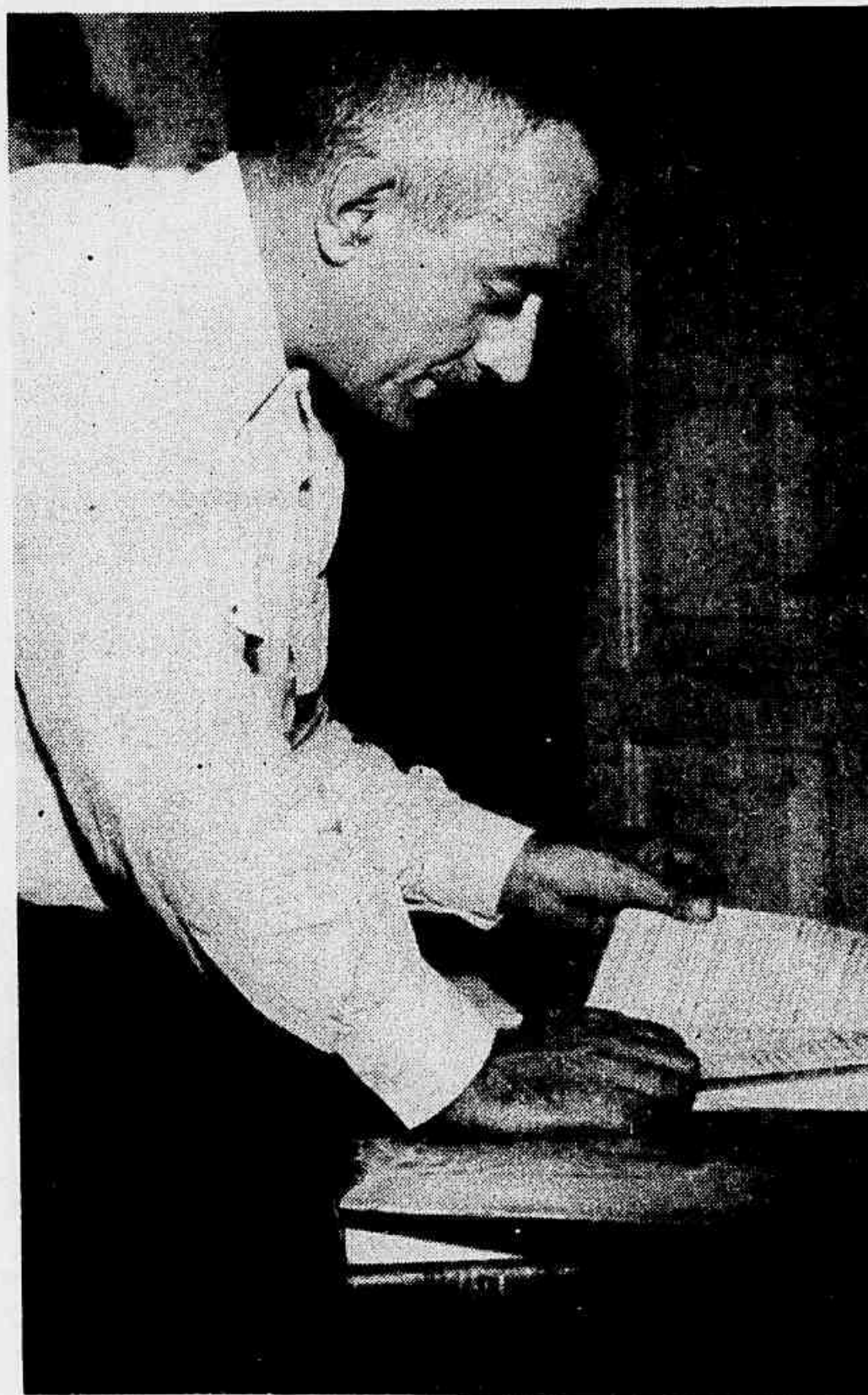
MASCATE BANDEIRANTE COMERCIAL

PARA emigrar, hoje em dia, um cidadão preocupa órgãos de governo, exige consultas às necessidades reais do país para onde deseja ir e tem, de antemão, garantidos recursos capazes de facilitar-lhe a adaptação ao meio. Chegando ao ponto de um trabalhador já emigrar com emprego certo e com passagem paga.

Mas no começo foi tudo difícil demais. O emigrante tinha de sujeitar-se aos percalços, por conta própria, desde o instante em que juntava a família, deliberava sobre o rumo e, com as economias minguadas, corria para o porto e embarcava de qualquer maneira nos desvãos dos navios sem pressa e menos velozes.

A ESTIRPE FENÍCIA TROCA DE HEMISFÉRIO

O Brasil, com o seu tamanho e a sua demografia escassa, se tornou um ímã para as gentes que não cabiam mais nas suas terras longínquas. E algumas dessas gentes herdaram o espírito da novidade. Como o libanês, filho dos audazes fenícios. Sem ninguém e nada que o comparassem nos primeiros passos no Brasil, o libanês, como o sírio, veio lutar como podia. E



Tanus Jorge Bastani herdou, da sua vida de mascate, a curiosidade pelas coisas da terra. E entregou-se, já advogado e escritor, a uma intensa pesquisa das minas brasileiras.



RECORDAR, EIS O QUE BASTANI GOSTA DE FAZER, COMPULSANDO AS SUAS «MEMÓRIAS DE UM MASCATE». DONA SARAH COMPANHA-O.

O FENÍCIO QUE TROCAVA DE HEMISFÉRIO,
QUANDO SE TRANSFORMAVA EM CAMELO,
DAVA-SE MAL... ★ A BIOGRAFIA DE UM
BANDEIRANTE DIFERENTE ★ O "TURCO" NÃO
É TURCO ★ UM ABRAÇO COM O "JECA-TATU"

detendendo a subsistência com um trabalho duro e penoso, foi-se embrenhando pelo país, mascateando — e, sem saber, entrando para a História.

Um exemplo? Há centenas. Pergunte-se em cada cidade de qualquer Estado se ali não foi parar um desses homens. Como? Talvez sejam casos compridos. Vararam fronteiras, a pés, em lombo de burro e a pé de novo. E acabaram fixando-se no lugar. Superada a fase do comércio ambulante, estabeleceram-se.

Hoje, a colônia árabe soma umas quatro centenas de milhares de almas, entre nós.

JÁ TEM BIÓGRAFO

Pois Sua Senhoria o Mascate já tem biografia pronta, por obra de Tannus Jorge Bastani, que escreveu as suas memórias de juventude.

Bastani presta-se, assim, para ser citado como um exemplo de consequência da imigração libanesa. Seu pai — Jorge Mançur Bastani — veio em 1895. Rumou para o Rio Grande do Sul. Mascateou. Voltou ao Líbano.

HOMENAGEM DE MAURICIO CHAME

ELZA
HAUCHE

•
RODOLFO DANTAS, 26 LOJA
TELEFONE : 37-5801

TECIDOS JORGE ADAYME S. A.

FUNDADA EM 1921

TECIDOS EXCLUSIVOS
POR ATACADO

CAIXA POSTAL 2714 — TELEFONES: 43-4274, 43-9878 e 23-4074
RUA DA ALFANDEGA, 225 — End. Teleg. VIRGINIA
RIO DE JANEIRO — BRASIL

casou-se, voltou ao Brasil. Seus filhos nasceram todos aqui. Tanus, garoto, teimou em ser mascate. Fugiu para o Rio de Janeiro. O Rio, porém, já era grande e o vendedor ambulante não era mascate. Era mesmo camelô. E ele se deu mal:

— Eu comprara algumas bugigangas na Rua da Alfândega e uma mala de viagem. Fui revender nos subúrbios. Um tipo mal-encarado me agarrou com tudo e carregou-me para o Distrito Policial do Méier. Reclamei, implorei e o muito que consegui foi ser pôsto em liberdade. Sem nada. O fiscal levou para os filhos os fogos de artifício que compunham parte da minha primeira mercadoria.

Com essa lição, Tanus resolveu romper chão mineiro e com mala e baú às costas, acostumando-se ao péso, saiu de Queluz, onde reviu os pais, para Vilas dos Almeidas, Catas Altas, Ituverava, Moinhos, Gagê, Joaquim Murtinho, Ouro Branco, Engenhoca, Passagem, Tiririca e outros lugares em que as suas quinquilharias constituíam necessidade.

A VIDA MUDA DE JEITO

Eis como o rapaz cresceu e foi adiante. Agora, Tanus Jorge Bastani é advogado no Fôro do Distrito Federal, formado pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Experimentou a vida de estudante nas pensões do Catete, fixou-se aqui e já escreveu vários livros, dentre os quais «O Líbano e os Libaneses do Brasil», «O Cedro que Tomba» (poesias), «Memórias de um Mascate» e prepara romances e um volume de profundas pesquisas, que já duram quase quinze anos: «Tesouros de Minas Abandonadas do Brasil».

Douto em coisas árabes, até na cozinha, explica-nos:

— A origem do vocábulo mascate vem da língua árabe. Quando os portugueses, auxiliados pelos libaneses cristãos, tomaram a cidade de Mascate, na Arábia, porto situado na costa Sul do Golfo de Oman, no ano de 1507, conservaram-na sob o seu contróle até 1658. Os portugueses que seguiam para aquela cidade levavam mercadorias para barganhas e, quando voltavam, eram chamados de «mascates». Até então, o mascate era conhecido por «Matraca», vocábulo também de origem árabe, «El-Mátrac».

E observa a expressão adquirida pelo mascate nos albores da nossa História, quando chegaram, em Pernambuco, a fazer mêdo e produzir guerra desencadeada pela nobreza que se encastoava em Olinda.

POR QUE OS CHAMAM DE «TURCOS»?

A conversa de Bastani com o repórter assume um tom didático. Também, pudera! O homem já fundou clubes literários, recreativos, revistas, mexeu com tudo neste mundo, inclusive amestrar uma cadela pastora alemã, a conversar com o periquito Chuquinha e insistir em fornecer filosofia ao gordo papagaio Godofredo, um tipo burguês da categoria avícola.

— Você, com essa fisionomia, deve ter sido sempre chamado de «turco»...

Bastani diz que sim. E fornece justificativa àqueles que chamam o árabe de turco sem saber que este não é árabe:

— Isso vai por conta do Império Turco. Durante o jugo otômano e depois do massacre de 1860, os libaneses que emigravam eram portadores de um passaporte fornecido pelas autoridades turcas. Apesar de ser declarada nesse documento a verdadeira nacionalidade do portador, ele era sempre denominado «turco», por haver sido a Turquia que lhes dava a permissão oficial para a viagem e por ser a única Nação do Oriente Próximo conhecida do Brasil-Colônia e do Brasil-Império. Como turco era igualmente conhecido qualquer mortal oriundo daquela região oriental, fôsse ele egípcio, persa, sírio, palestino ou libanês. Fato idêntico é a confusão que se faz entre a etnografia libanesa e síria, embora sejam o Líbano e a Síria dois países independentes entre si, mas bons vizinhos.

O «TURCO» ABRAÇOU O «JECA»

Na maioria, os libaneses e sírios (estes em menor número) que se embrenharam pelo interior do país se distribuíram entre o comércio, a indústria e a agricultura. Entretanto, é interessante assinalar que, nos seus contactos com os homens da zona rural, com os moradores de beira-de-estrada, ou beira-de-caminho, o libanês evidenciou o seu espírito confraternizador. O «turco» mascate passou a ser o primeiro amigo estrangeiro do caboclo. Às vezes o caipira começava por achar graça do sotaque do forasteiro e terminava por acolhê-lo na sua casa, com um pouso bom. E' que os gostos e as inclinações de um eram iguais às inclinações e aos gostos do outro. Desconfiança é desconfiança. Confiança é confiança. E, errando nas falas, acertaram no soerguimento das cidades que vão enchendo de nomes o mapa do Brasil.

Um mundo de fantasia em gosto e cores!



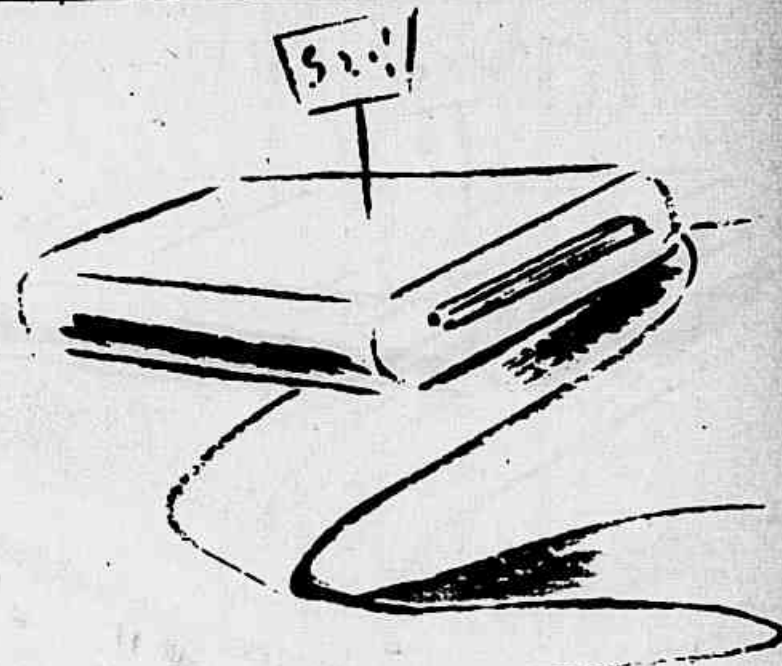
A Imperatriz das Sedas

7 casas para melhor servi-la

Largo de São Francisco, 23
Luiz de Camões, 12
Carolina Meier, 19
Arquias Cordeiro, 336
Frederico Meier, 14
Dias da Cruz, 33
Visc. de Pirajá, 156.



GRANDE CONCURSO DA IM-
PERATRIZ DAS SÉDAS, COM VA-
LIOSA DISTRIBUIÇÃO DE PRE-
MIOS, EM COMBINAÇÃO COM
A TV TUPI, NO PROGRAMA DO
TEATRO DE AIMÉE, AOS SÁBA-
DOS ÀS 22,15 HORAS.



O POLVO

Novela de FEDOR GLADKOV

Desenho de LLAMPAYAS

(Continuação do número anterior)

EU ria de puro contentamento — Vou falar-lhe dos espias de Kovaliov, irmão. Ele os organizou como um verdadeiro agente da *okhrana*. (*) Prometeu-lhes toda sorte de prêmios: a um, acesso; a outro, inamovibilidade; a um terceiro, todas as garantias possíveis. E assim, sucessivamente. Por meio deles ficava Kovaliov bem informado sobre cada defeito da nossa organização: omissões insignificantes, coisas pequeninas, tudo... até desvios de documentos. Outro dia, na Federação, aturdiu-me ele com esta tirada: «Em vossa fábrica reina o caos; negligência e incapacidade completas para resolver as mais insignificantes bagatelas». E despejou, em seguida, todo o lixo dos seus informes: «Eu — disse — como trabalhador honrado e atento, como bom comunista, sei na ponta da língua tudo que ali se passa. Trabalhadores como vós e vosso diretor, hei de marcá-los com ferro em brasa. Ainda assim, você pode ser-me útil. Juntos poderemos, creio, extirpar esse cretino enfático». Ele fingia sinceridade e contou-me seus planos infernais. Quando o deixei, era como se sáísse de um banho a vapor. Passei um péssimo dia, não preguei os olhos durante a noite e na manhã seguinte fui ao Conselho Fabril com um pouco de febre. Que se passa entre nós? Em que tempo vivemos? Como pôde propagar-se, entre nós, semelhante imundície? E que idiota, que malvado traidor tinha sido eu! Como cheguei a ficar tão cego e, sobretudo, como cheguei a ser um miserável? Aniuta e eu estamos em conflito. Ninguém se entende. A que ponto chegamos! O que fomos e o que somos agora!

Naquela noite acordamos em não fazer barulho, observar os operários e aguardar os acontecimentos.

E nossa história tão fértil em lances dramáticos. A palavra de ordem era esta: «Cada um em seu posto e... olho vivo!»

Recebi um telegrama da direção do «trust» reclamando minha presença para uma questão urgente. Não sei por que, aquele telegrama inquietou-me. No pedaço de papel, eu via o rosto de Kovaliov com suas lindas melenas semelhantes dos tentáculos do polvo. Fui procurar Andriuscha. Mostrei-lhe o despacho e ele ficou sombrio. Fixou-me, depois, um olhar chispante.

— Se tiver precisão, telegrafe-me.

Tomei o trem, rumo da capital. Moscou sempre produziu em mim um misto de inquietude e satisfação. Amo Moscou. Na sua massa amontoadada e amplamente superposta, cortando o horizonte; em sua desordenada acumulação e dispersão, nas fabulosas cercanias do Kremlin e do bairro chinês, na sinuosidade das ruas, becos, recantos perdidos, nas rampas de difícil acesso e descidas vertiginosas, na pressa das pessoas, no estripito dos carros, na velocidade dos automóveis, na resistência das suas velharias, em toda essa trama alucinada e palpitante, há algo de atraen-

— Camarada Muchine, você acaba de ser transferido para o «trust». Vai trabalhar em novas condições num posto de maior responsabilidade. Sua tarefa já foi combinada com o Comitê Central.

Parecia-me que lhe custa pronunciar aquela frase. Eu estava aflito. — Devo dizer à direção do «trust» que não posso abandonar a fábrica, não concordando com o que foi combinado.

O homem ergueu, ríspido e surpreso, uma das sobranceiras prateadas; mas o rosto persistiu imóvel e voltado para o papel.

— Sua réplica é improcedente, camarada Muchine. O interesse do Estado não pode ficar à mercê de interesses individuais. Você tem que obedecer, sem qualquer objeção. Faça o favor de entregar os negócios da fábrica ao novo diretor, ainda esta semana.

— A quem ordena você que eu entregue os negócios?

— Ao camarada Kovaliov.

Mal podia conter-me.

— Também isto foi combinado com o Comitê Central?

— Sim, foi.

— Pois não lhe posso entregar a direção da fábrica!

— Por que?

— Há muitas razões. Vou ao Comitê Central. Não posso concordar com isso!

— É necessário que você explique do que se trata.

— Kovaliov é um aventureiro, um miserável! Os operários não o deixarão transpor os umbrais da fábrica!

— Olhe, camarada, isso não é uma razão. Aqui não há lugar para simpatias ou ressentimentos pessoais. Você é um antigo membro do partido, um economista experimentado; no entanto, está a dizer disparates. Considero-o bastante disciplinado para se submeter às decisões do partido e dos seus órgãos dirigentes.

Sai do escritório com uma tempestade na alma. Corri ao Comitê Central. Receberam-me mal.

— Isso não é possível, camarada. Cresceram de mais as suas asas. A gaiola já é pequena para você. Tenha a bondade de obedecer e calar-se, querido amigo!

Vi, claramente, que me escondiam o motivo que os incitava a me alijarem do posto. Disse-lhes claramente, cara a cara, e recebi a seguinte resposta:

— É necessário uma vassoura nova. A velha não faz outra coisa senão recolher varreduras.

— Não abandonarei a fábrica, de nenhuma maneira. E esse aventureiro, eu o atirarei escadas abaixo.

— Você se tornou ali um ditador. É preciso que trabalhe em outra atmosfera.

Naquele mesmo dia escrevi uma carta urgente a Saratov. Lá, no Comitê Executivo Regional, havia um meu companheiro da frente de combate. Roguei me informasse sobre Kovaliov.

Regressei à noite para a nossa vila, e, da estação fui diretamente à casa de Andriuscha. Estivemos juntos até pela manhã e não chegamos a nenhuma conclusão.

Ao cabo, porém, de três dias, ocorreu o seguinte:

Abriu-se a porta e, com seu porte altaneiro, entrou... Kovaliov. Trazia na mão uma pasta enorme e recheada. No seu rosto, um pouco pálido, refletiam-se a arrogância e a febril solicitude de um ministro.

Apenas divisei-o, saltei da cadeira e gritei:

— Fora daqui!

Pensam que ele se foi? Pois sim... Era como se nada tivesse acontecido: nem um músculo do seu rosto se alterou. Seus olhos fixavam a parede. Com movimentos calculados e cadenciados, aproximou-se da mesa e sentou-se numa poltrona. Colocou a pasta sobre os joelhos. E de novo minhas vistas caíram sobre as suas mãos inquietas e as mechas de cabelo que tinham alguma coisa de irresistível e sinistro.

— Camarada Muchine...

Sua voz era suave, segura, acentuando e separando bem as palavras. E outra vez notei-lhe a inensa confiança em si, que chegava ao des-pudor.

— Camarada Muchine... Faça-me o favor de entregar os negócios.

Não o ouvi mais. Só me recordo que cresci até o teto, que meu coração encheu-me o peito, que avancei a passo de gigante e minhas mãos vibraram com uma força descomunal. Recordo-me que o agarrei pelo pescoço e arrastei-o até a porta como se arrasta um cão. Levei-o por entre

RECORDO-ME DE QUE O AGARREI PELO PESCOÇO E ARRASTEI-O ATÉ A PORTA, COMO SE ARRASTA

te, que embriaga, empolga, absorve os sentidos. Voltava sempre para casa ébrio de Moscou, e minha vertigem durava muito tempo. Tinha, ali, amigos excelentes; ali ouvira Lenine — inolvidável tempestade que se me desencadeava na alma — falar nos congressos do partido e dos Soviets; ali, com o fuzil ao ombro, marchando nas fileiras do Exército Vermelho, passei diante do próprio Ilitch; ali, no torvelinho obstinado e poderoso, vivi os melhores anos da minha vida.

Desta vez, porém, ali saltava de novo, mas com uma sensação de fastio e mau-estar. Moscou me parecia antipática, hostil, enfarruscada. Notei-lhe logo a negligência, a sujeira, a inquietação tormentosa. O céu estava úmido, podre, deixando cair uma chuva irritante. Transitar pelas ruas era trabalhoso, difícil. Pela primeira vez senti-me, ali, isolado e um pouco enfermo.

O presidente do «trust» orgulhoso, formalista, cabeça de prata e dentes de ouro, muito franzino, com cara cor de madeira, parecia-me uma espécie de fenche. Severo, taciturno, quase mudo. Assim me recebeu ele. Com a sua expressão sombria, de profundo aborrecimento, sem levantar o rosto, disse lânguidamente:

as empregadas da expedição, encolhidas de medo, e atirei-o pela escada abaixo.

O ruído do boque deixou-me surdo; quase perdi os sentidos.

Ao voltar à sala de expedição, reinava ali um silêncio tumular. As pessoas circunstantes, aturdidadas de medo, pareciam meio mortas. Até as máquinas de escrever haviam cessado o seu tac-tac nervoso. As dactilógrafas tornaram-se invisíveis, como se a terra as tivesse tragado. No meu cérebro febricitante todos os diabos piruetavam freneticamente. Parei em meio do sala, afundei as mãos nos bolsos da calça e ordenei, com uma calma sinistra:

— Que se opresentem aqui todas as criaturas e confidentes desse aventureiro! Que se apresentem por bem, se não quiserem por mal!

Pus-me a passear pela sala, sem conseguir acalmar o meu espírito. Era evidente que, castigando aquele indivíduo, eu procurava dar a mim mesmo plena satisfação. Entretanto, no mais íntimo do meu ser escondia-se o arrependimento: não o devia ter feito. Devia ter procedido de modo hábil e diplomático, humilhando-o, tratando-o como a um irmão, recordando-lhe o passado duvidoso. Pressentia, claramente, uma



UM CÃO, LEVEI-O POR ENTRE AS EMPREGADAS DA EXPEDIÇÃO, E ATIREI-O PELA ESCADA ABAIXO.

coisa: que depois deste escândalo, eu não podia continuar, pois mais tempo, na fábrica. E era evidente que novas complicações surgiriam. Teria que me haver, de novo, com a Comissão de Contrôlo. E também experimentava a sensação de que tudo viria a dar no mesmo: de uma ou de outra maneira, tinha que cortar o nó da questão. O golpe fôra demasiado violento e o pó que se erguera formava grossas nuvens. Depois dessa explosão, alguém mais teria que «esperrar». Embora o que importava era não prolongar por mais tempo aquela tortura.

Iniciou-se uma comédia repugnante. Tôda trêmula, com um ar de gata espantada, veio da sala de expedição uma das taquígrafas, muito jovem, com uma linda boquinha, rapariga densoga e superficial. Chorava hipòcritamente, balbuciando histérica:

— Peço-lhe que me escute, Gregório Ivanovitch... Por Deus, consinta que me justifique...

Silencioso, com as mãos nos bolsos, coloquei-me diante dela, disposto a ouvi-la.

— Gregório Ivanovitch... dê-me a sua palavra que nada dirá ao meu marido... Não rompi com ele... Assediou-me... Era superior às minhas

forças... Coloque-se em minha situação. Estou nas suas mãos, completamente. Ajude-me...

— Escreva você isso o mais detalhadamente possível.

— Como vou fazer isso, Gregório Ivanovitch? Que pensa você? Tôda a rua ficará depois sabendo e estarei perdida.

— A rua não saberá de nada.

— Se escrever... de todos os modos vai você me pôr para fora daqui... deixar-me sem trabalho... horrível...

— Deixe-se de indecisões. Já lhe disse...

— Gregório Ivanovitch! Que será de mim? Oh! como é horrível! Você já amou e por isso compreenderá, Gregório Ivanovitch...

(*) — Okhrana: Polícia defensiva fundada na Rússia, em 1881 para combater o terrorismo. Suas atividades atingiram o máximo no período de 1906 a 1917. Nota da L.A.B.

(Continua no próximo número)

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

♦ APÓS RECEBER de Stalin incumbência assaz delicada parte Kapitza em uma viagem através de toda a Rússia, procurando, nas prisões, os físicos e cientistas de que necessita para cumpri-la. O aparecimento do célebre físico em inúmeras penitenciárias soviéticas dá ensejo a que se diga que também ele, outrora favorito de Stalin, caiu em desgraça e está igualmente condenado à prisão.



maior parte dos que trabalham neste posto de O.K.B. é constituída de ex-sentenciados à morte ou à prisão perpétua, agraciados. Um pequenino grupo cumpre penas de 5 a 10 anos. Froll Sakolov, coronel do N.K.V.D., é o chefe da O.K.B., e o coronel Rialko, seu assistente. São os únicos seres «livres» naquela multidão de prisioneiros de toda a espécie, com exceção, é claro, dos próprios guardas.

Quando o trabalho vai em meio (o dia é de doze horas de trabalho, sem descanso) os dois chefões tonitruam uma ordem: **Smirno! Vstai!**

Trata-se de uma visita de autoridades de importância, coisa que acontece com frequência.

Agora mesmo, acaba de penetrar na sala uma delegação de personalidades: Stanislav Redens, vice-ministro e chefe da N.K.V.D. de Moscou; Mattvei Berman, chefe dos «Canais de Interesse Geral»; e vários outros altos dirigentes do N.K.V.D.; de menos proeminência que aqueles.

Que se teria passado? A resposta parece ser o último visitante, que não envergava uniforme, como os demais, mas que é facilmente notado por sua colossal estatura. Visivelmente, ele está um pouco à parte do grupo militar. Quem é?

«Não se pode guardar areia numa peneira», diz velho provérbio. Sabe-se, no O.K.B., que os dois sábios Dorfmann e Kourtchatov foram libertados, após breve aparição no Kremlin. A despeito dos altos muros de Lubianka, e do mutismo dos cientistas, sabe-se muito mais, na prisão, do que aqui fora seria possível saber, pelas agências e por simples raciocínios.

KAPITZA ENCONTRA SEU BIÓGRAFO NA PRISÃO

O nome de Kapitza já varou os espaços de ponta a ponta da União Soviética. E' evidente que se trata de pagar alguma desfeita pessoal do cientista a Stalin. Até ele, até o homem que era tido como o favorito do ditador, terminará por cair em desgraça.

Para aquela súbita aparição de personagens, qual seria o motivo? Pelo menos, para ela só uma explicação pode ser dada: algo de muito importante está em jogo. Que o grande físico é prisioneiro, não há dúvida alguma: a ausência de seu grande cão Jermak é disso prova segura. E os raros condenados que o conhecem, não se enganam de modo algum.

Na sala, todos os olhares estão pousados sobre a sua figura. Kapitza, porém, parece não prestar atenção em ninguém. Em passo cadenciado, os visitantes deixam a sala. Suas saudações mecânicas parecem dirigir-se a Kapitza, que não obstante não as retribui.

Já não há dúvida: Kapitza é prisioneiro, prisioneiro de Stalin. Já os verdugos desaparecem, Kapitza é deixado sozinho. Foi assim que ou- rora Toupoulev chegou. Não houve qualquer espécie de cerimônia, mas



O ENIGMÁTICO KAPITZA

Por M. A. BIEW

(CAPÍTULO IV)

Ilustração de RAMÓN

Especial para a REVISTA DA SEMANA Copyright Keystone e Pierre Horay

logo após a notícia correu, de que o famoso Toupoulev se encontrava preso. Agora era a vez de Kapitza.

O recém-chegado vai de mesa em mesa. Fala com um antigo camarada, depois com um desconhecido. Cada vez, é uma pergunta precisa que formula. E o que assim fala, deve forçosamente possuir direitos para tanto. Contudo, que relação pode ter o seu ramo de atividade científica com as pesquisas aeronáuticas que são levadas a efeito no O.K.B.? Enfim, não se sabe. Tudo é possível a um talento excepcional. Kapitza já realizou tudo. Ei-lo, agora, em plena O.K.B., como técnico em aviação, ou, talvez, como pesquisador de raios cósmicos.

Uma coisa é certa: seja qual for a natureza de suas funções, ali entre eles, Kapitza está preso.

O físico está parado, agora, diante da mesa de um engenheiro. Esse é o único dos presentes que usa o uniforme de oficial da Marinha. Kapitza o observa, com olhar crítico.

— Naturalmente, és inocente. Outra vítima?

- Talvez. Não sei. Como poderia sabê-lo?
- O que fazes por aqui? Aterrissagem forçada, não é verdade?
- Isso mesmo. Como foi que adivinhou?
- Presta atenção no trabalho. Não deves ser dos melhores técnicos do local...
- Nem dos últimos tampouco.
- Talvez sejas melhor aproveitado como engraxate.
- Que quer dizer com isso?
- Cabe a ti decifrar. Fá-lo como desejares. Pensas que não te conheço? És Asiatic, não?

Compreendi, então. Porque eu, o jovem engenheiro, que agora escrevo essa série, sou Asiatic. Conheci Kapitza antes de entrar, ele, na Rússia, e fui eu, inclusive, quem o levou até Stalin, certa vez. Como poderia pensar que o cientista célebre lembrar-se-ia de um ou dois encontros rápidos como os nossos tinham sido, a ponto de identificar-me entre tantos rostos que a prisão tornara iguais?



— Agora, já sabes em que estima és tido. Estás definitivamente fixado, não é verdade? Dize-me então se aprecias esse trabalho que te é confiado, e que de maneira tão ruim executas.

O próprio modo rude com que Kapitza me tratava denotava que ele tinha confiança em mim. Não tinha muito a lhe dizer, mas enfim, arrisquei:

— Vou lhe contar a história. É breve: um pequeno passeio pela Espanha. Não fazia frio, nem nada. Pediram-me com delicadeza que voltasse à Rússia, o que foi aliás feito. Aí fui apanhado por dez anos. Rolei por aí agora, um pouquinho em Kolyma, outro em Bagadan, etc. Mandaram-me experimentar aviões na zona polar. Depois, fui incorporado a uma seção do O.K.B., e, como cobaia, ainda aqui me encontro atualmente — como pode ver. Estou encarregado de experimentar a proteção contra o frio, nos vôos de grande altitude. Também sou uma espécie de piloto...

— Espero, porém, que saiba guiar aviões melhor do que maneja aparelhos de física... Isto, francamente, seria de um perigo mortal.

COMO ENCONTRAR UM SÁBIO

Essas palavras, na boca de Kapitza, não deixavam de ser uma espécie de elogio. Encorajado, prossegui:

— Pelo contrário. Não sou eu quem dirige os aeroplanos. Sou mecânico e navegador. Faço o mesmo que fazia na Espanha. Aqui, muito tenho que aprender com um Rafalovitch, hoje desenhista, amanhã construtor de aviões. Emprego da melhor maneira possível meu tempo. Poderia acaso ter professores mais sábios que Magdessiev? Que Bourisan ou Edelson? Como Zorin?

Dir-se-ia que me orgulho de minhas amizades. E, realmente, esses nomes são sobejamente conhecidos nos círculos científicos do mundo inteiro.

Kapitza me ouviu aparentemente indiferente em saber que tantos famosos cientistas russos encontram-se igualmente prisioneiros. Depois, aborrece-se, porque isso o toca, no fundo.

— Basta de palavórios, velho derviche. Citas um bom número de nomes. Podes porém provar-me que seus proprietários são eles mesmos?

A pergunta não tem nada da estranheza que parece ter. É que muitos cientistas famosos vinham para o O.K.B., sob nomes falsos, que não des-

sem às massas a impressão de que toda a elite intelectual russa estava apodrecendo nas prisões. Quem poderia ser profeta, para reconhecer, escondido sob o nome ultra-vago de Trochikine ou de Toupoulev, ou sob o apelido de Boublik, o marechal Rokossovsky, conhecido no mundo inteiro?

— Não. Eles usam outros nomes. Porém...

— Em verdade, não passas de um grande farsante. Pensas acaso que me enganas? Bem sei que por toda parte se procura Rafalovitch e Bourisan. Tuas histórias não me interessam nem um pouco. Vem comigo.

— Para onde?

— Não pergunte mais nada. Acompanhar-me-ás, unicamente. A menos que não tenhas amor à pele.

Tudo então se aclarou a meus olhos. Se Kapitza está ali, na prisão, é para escolher mais alguns cientistas caídos em desgraça, livrando-os da prisão, tal como fizera com dois sábios professores em Lubianka. Porém, como todos eles levam nomes supostos, e como Kapitza não tem confiança nos relatórios oficiais, ocupa-se em percorrer o mundo de condenados, pessoalmente. Assim se explica porque o rumor de sua codenação espalhará-se tão rapidamente.

Na seção do O.K.B. em que está Toupoulev, Kapitza toma nota, mentalmente, de uma dúzia de nomes de famosos cientistas, dentre os quais sobressaem os de Alexandre Kostakov, mais tarde célebre como inventor do «órgão de Stalin», e o do engenheiro Gourovitch, que mais tarde colaborará na criação dos famosos aviões M.I.G.

Nada poderia indicar que eu faria parte da leva de salvados da prisão da O.K.B. Eu apenas estava feliz em poder indicar a Kapitza alguns cientistas renomados, que eu nem sabia, terminariam por ser libertados, graças à interferência do físico. Assim foi que fiquei vivamente surpreso ao saber que também eu tinha sido escolhido.

PRISÕES BEM FREQUENTADAS EM LENINGRADO

Kapitza estava pronto para partir, duas horas depois. Minhas tarefas como observador ártico, tarefas que levariam ainda uns quinze dias para concluir, são interrompidas sumariamente. Partimos todos.

(Cont. no próximo número)

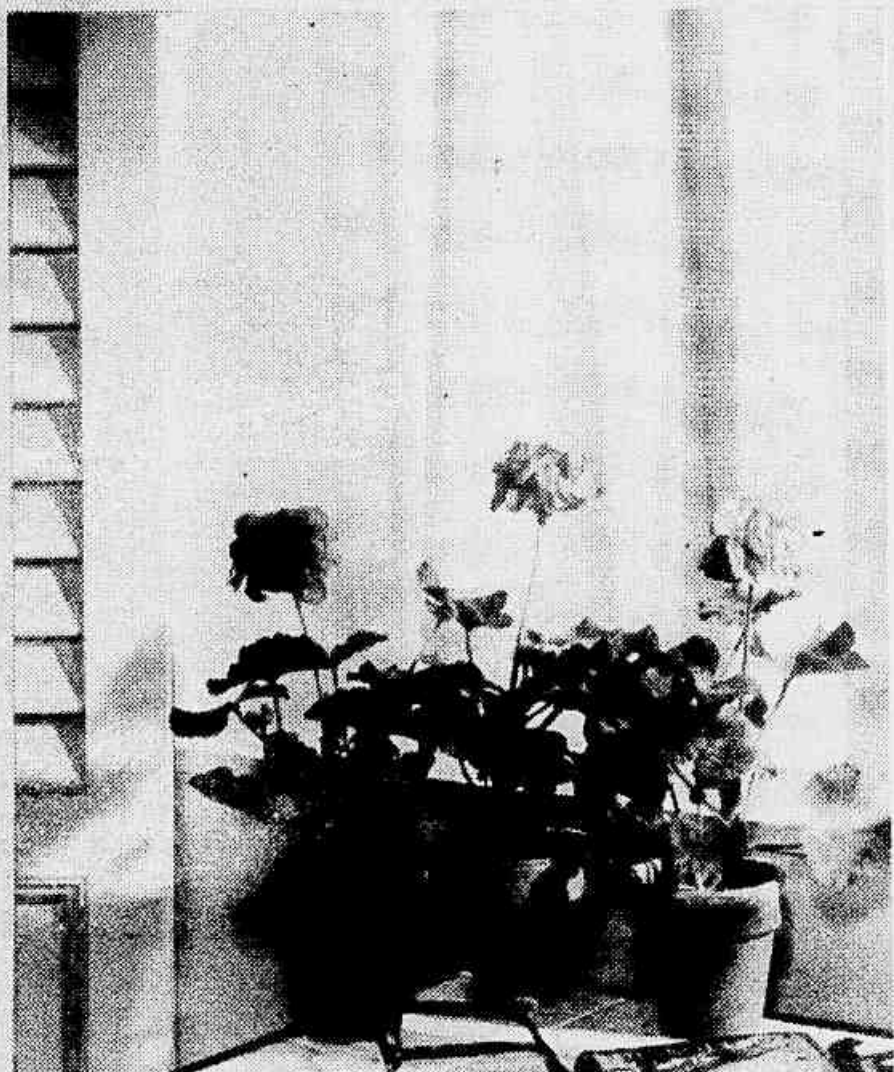
CONVERSA DE MULHER

LYGIA JUNQUEIRA

(Desenho de JAIRO)

VAMOS PLANTAR GERÂNIOS?

◆ Dentre as flores em vasos preferidas para a ornamentação do lar, destacam-se os gerânios, de cultura fácil mesmo no nosso clima, ainda que se dêem melhor em altitudes mais elevadas. Uma leitora desta seção pergunta como de uma muda desenvolvida obter alguns pés. Nada mais fácil. Podar-se bem a planta e, mais tarde, cortar-se os brotos novos com um pedacinho do caule velho. Esses brotos são plantados em vasos com terra vegetal arenosa. Quando tiverem criado raízes é conveniente transplantar as novas mudas, duas ou três vezes, e sempre para vasos maiores. Terra vegetal, terra argilo-arenosa e esterco de curral bem curtido, com um pouco de farinha de osso, é o ideal para o bom desenvolvimento dos gerânios. Em vasos de um palmo de boca as plantas adultas estarão muito bem acomodadas. Quando em flor, suportam bem a atmosfera do interior das habitações, porém não a fumaça de tabaco. Esta última faz cair as folhas quase que imediatamente. Também é conveniente evitar o ar encanado.



WEEK-END NO BAR

Algumas leitoras pedem receitas de bebidas «deliciosas e alimentícias» para as crianças. Eis algumas:

★ Em banho-maria derreta 15 «marshmallows» em 1/2 xícara d'água. Junte uma xícara de bananas bem amassadas (pode passar no liquidificador) e 2 colherinhas de suco de limão. Misture bem, ponha para esfriar na geladeira. Quando bem frio ou gelado tempere com açúcar a gosto e sirva em copos altos com uma boa colher das de sopa de creme de leite batido.

★ Ponha numa panela 10 «marshmallows» juntamente com uma xícara de leite. Deixe dissolver em banho-maria. Quando isso se der, junte uma boa colher das de sopa de chocolate em pó e uma colherinha de essência de baunilha. Tempere com uma pitadinha de sal e açúcar a gosto. Sirva com creme de leite batido, depois de bem gelado.

★ Ponha 5 colheres das de sopa de açúcar numa panela no fogo, para caramelar. Quando estiver escuro junte uma xícara d'água fervendo e deixe no fogo mais um minuto, mexendo sempre. Junte 15 «marshmallows» e mantenha a panela em banho-maria até que se dissolvam bem. Tire do fogo e junte uma colherinha de essência de baunilha e 1/2 xícara de nozes picadinhas. Deixe esfriar, e, como os anteriores, sirva com creme de leite batido.



SETE ERROS CAPITAIS

◆ Podemos resumir em **sete** os defeitos que namorados, noivos e maridos declaram ser «intoleráveis» nas mulheres, e que podem matar irremediavelmente qualquer amor.

TER SEMPRE A ÚLTIMA PALAVRA — Dar opinião sobre todos os assuntos quer sejam cu não de sua conta, acreditando sempre que está com a razão absoluta. Falar continuamente sobre os seus anteriores êxitos amorosos, esportivos ou intelectuais, sem dar tempo «a ele» para dizer o que quer.

FAZER CENAS de ciúmes ou outras. Estas acusam um temperamento difícil em que impera o mau gênio, a irritabilidade e a incompreensão.

DESORDEM — Nada é pior que uma mulher de aparência descuidada e que procura remediá-lo penteando-se repetidamente ou retocando o baton em público. Também se inclui o descuido com o desenvolvimento intelectual, pois a ignorância nunca é atraente.

EXCESSO DE POSSE — Muitas vezes a mulher enamorada deseja ser o centro exclusivo da vida daquele a quem escolheu. Ora, a primeira sensação desagradável do homem que ama e é amado é de que está sendo tolhido em sua liberdade. É preciso deixá-lo viver como quer, pois nada se lucra tentando modificá-lo.

DESCONTENTAMENTO — A perda de controle emocional e a repetição contínua de frases como esta: — «Eu merecia uma vida melhor». «Nada fazes para me tornar feliz», etc., condenam à falência qualquer matrimônio.

FALAR MAL de outras mulheres, muitas vezes suas próprias amigas. Ser vaidosa e invejosa.

EXCESSO DE EFICIÊNCIA — Resolver tudo sozinho com absoluta segurança na própria eficácia e sem nem ao menos consultá-lo. Essa é uma qualidade magnífica para uma secretária, porém, nem sempre desejável numa noiva ou esposa.

SUA BELEZA

A *maquagem* inteligentemente aplicada pode fazer muito para sua beleza. Porém, você tem que contribuir também com alguma coisa de si mesma, de sua personalidade, para não ter a aparência de apenas uma boneca bem pintada. A sua maneira de olhar, a sua voz, o seu sorriso é que darão «alma» à sua fisionomia. Também o seu caráter e a sua maneira sempre correta de agir contribuirão para sua aparência. Nenhum tratamento, nenhuma massagem, poderá dar aos lábios e aos olhos a linha sedutora e o brilho de um sorriso sincero, cheio de bons pensamentos.

O melhor meio de equilibrar o seu peso e não deixar a gordura acumular-se onde não deve é (além da ginástica) pesar-se diariamente. Uma pequena balança de banheiro ajudará muito. A verdade é que as gramas são mais fáceis de serem eliminadas que os quilos.

É importantíssimo reservar um dia na semana para cuidar de sua roupa. Todos os botões devem ser revistos e repregados quando necessário; alguns vestidos serão lavados ou mandados lavar a seco; os trajes escuros serão escovados, pois não devem ter o menor vestígio de poeira ou pó de arroz; as golas claras e punhos devem ficar imaculados. Uma mulher elegante trata minuciosamente da boa ordem de seu guarda-roupa.

É um erro pensar que se sua pele não é boa é «de família». Os defeitos que apresentam a pele são na sua maioria devidos à maneira errada de se alimentar ou a uma vida muito sedentária, e, esses sim, podem ser um defeito de sua família. Trate de mudar seu modo de vida, cuidando melhor de sua alimentação e saúde. Além disso, inicie um tratamento local da pele. Não há defeito que não possa ser curado.



AGUA PURA
SAÚDE SEGURA

VELAS



SENUN

ESTERILISANTE

FABRICADAS
PELO PROCESSO SENUN

LEIAM

**ESPORTE
ILUSTRADO**

★
**TÔDAS AS
QUARTAS-FEIRAS**

PREÇO CR\$ 5,00



**ÓLEO
DE PEROBA**

surgiu para dar vida nova aos
seus móveis velhos e vida
longa aos seus móveis novos.

"REVISTA" HÁ 50 ANOS

1º de Julho de 1906

JUNHO, MEZ VERMELHO

● SOB ESSE título, a REVISTA DA SEMANA publicava, há cinquenta anos passados, uma reportagem ilustrada por J. Montepin, caricaturista, em que se focalizava a incidência de crimes no Rio de Janeiro. Eis um trecho do anônimo repórter:

Essas que se foram, semanas lugubres de crimes, enfecharam na cadeia dos seus dias as mesmas series sangrentas de assassinios e suicídios, que veem ha já seis mezes volvidos, tecendo em derredor deste anno uma lenda terrivel de infortunios. No dia 15 — uma mulher terrivel, desordeira e vagabunda, armada de uma faca de sapateiro, feriu gravemente um pobre rapaz, mostrando assim, para quanto prestavam os seus instictos sanguinarios. No mesmo dia deu-se outro crime no Retiro Saudoso. Elysio Gomes, mata covardemente a Henrique Alonso, por uma futilidade — por um simples balão de papel. Dia 17, outro, na rua Theodoro da Silva, não menos perverso pelas circunstancias de que o revestiram. Ahi, foi a policia a principal criminosa. Dia 18 na estação da Piedade, um italiano de mão sangue, em poucos minutos, deixou em campo dous homens feridos. Embora não parasse nesses a sequencia dos casos sinistros da segunda serie do mez vermelho, que foi junho e guardamos para o numero porvir, da REVISTA DA SEMANA, a reprodução de outros factos que tingiram de sangue o noticiario dos jornaes.

CARTAS DE UM TABAREO

Querido Compadre.

Rio, ultimo de junho.

A mais importante nota da semana, do mez, do anno, do seculo! — o apparecimento d'O MEZ, o brilhante magazine, de que te tenho fallado. Aprecia-o e manda-me dizer com franqueza tua opinião sobre a galante publicação, destinada, estou certo, a ser a menina dos olhos de todo homem de espirito. Outro assumpto que tem tambem estado na ordem do dia é a controversia levantada a proposito da mensagem sobre os negocios de Matto

Grosso, que (seja dito entre parenthesis) cada vez mais se complicam.

Muito se tem fallado do exodo parlamentar. Não sei se gostas de semelhante assumpto: eu é que não gosto; por isso, passo adiante... Avultaram os accidentes, devidos á impericia na construcção de andaimes. Os pobres operarios, victimas da ineptia de mestres pouco escrupulosos, deixaram talvez filhos que hoje choram as suas desditas na orphandade. E até á primeira.

Teu Bermudes.

SÔBRE SARDOU

Início de um artigo sôbre o teatrólogo Victorien Sardou, que aliás está sendo representado, com grande successo, no Ginástico, actualmente: «No mundo literario, Victorien Sardou é outra vez, com o ruído exito da sua comédia nova o homem do dia. As suas anedoctas estão em voga». Cinquenta anos depois, pelo menos para o público do Ginástico, Sardou («Divórcio para Três») continua sendo o homem do dia...

O CORPO DE BOMBEIROS — 1856-1906

Começam hoje os festejos com que o Corpo de Bombeiros commemora o jubileu de sua organização. Não é preciso dizer que a «Revista da Semana» reproduzirá na sua proxima edição tudo quanto occorrer nesta justa com-

memoração tudo quanto os bravos dominadores das chammas prepararam com o esmero que lhes é característico. Em verdade, não sabemos nem ninguem até hoje sabe, de corporação que se lhes avante em disciplina, em valor, em pericia, e, o que é mais, na extrema solicitude com que sacrificando a sua propria existencia, ligada não poucas vezes á existencia de numerosa familia, elles correm a salvar heroicamente vidas e propriedades. Registrando, com o nosso orgulho de brasileiros, o jubileu do Corpo de Bombeiros, não podiamos por amor á justiça e á verdade esquecer os serviços relevantes e o zeloso cuidado com que o sr. tenente coronel Feliciano Benjamin de Souza Aguiar vem se portando a frente desse corpo, a cujas gloriosas tradições estão perpetuamente ligados os nomes dos que desde o saudoso Marechal Conrado Niemeyer, veem impondo o serviço nacional de extinção de incendios á consideração incondicional do povo.

TECHNICA PUBLICITARIA

● Eis um exemplo de como NAO redigir um texto de publicidade:

O Tenente —?

Ella — Si apesar do seu ar sarcastico, está fallando serio, lhe darei a resposta quando, graças ao Pilol, lhe tenha crescido o cabelo, pois os calvos não me attraem.

(Encimava esse lindo diálogo um desenho ainda mais lindo, deixando ver em primeiro plano uma jovem, e ao fundo um militar, inteiramente calvo, retorcendo os bigodes e sorrindo de maneira ultra-cretina).

PIADA SEM INFLAÇÃO

Um sujeito encontra um desconhecido, dirige-se para elle com a maior semcerimonia e diz-lhe:

— Pode me emprestar cinco mil réis?

— Mas eu não o conheço...

— Por isso mesmo; os que me conhecem já não me emprestam vintem...



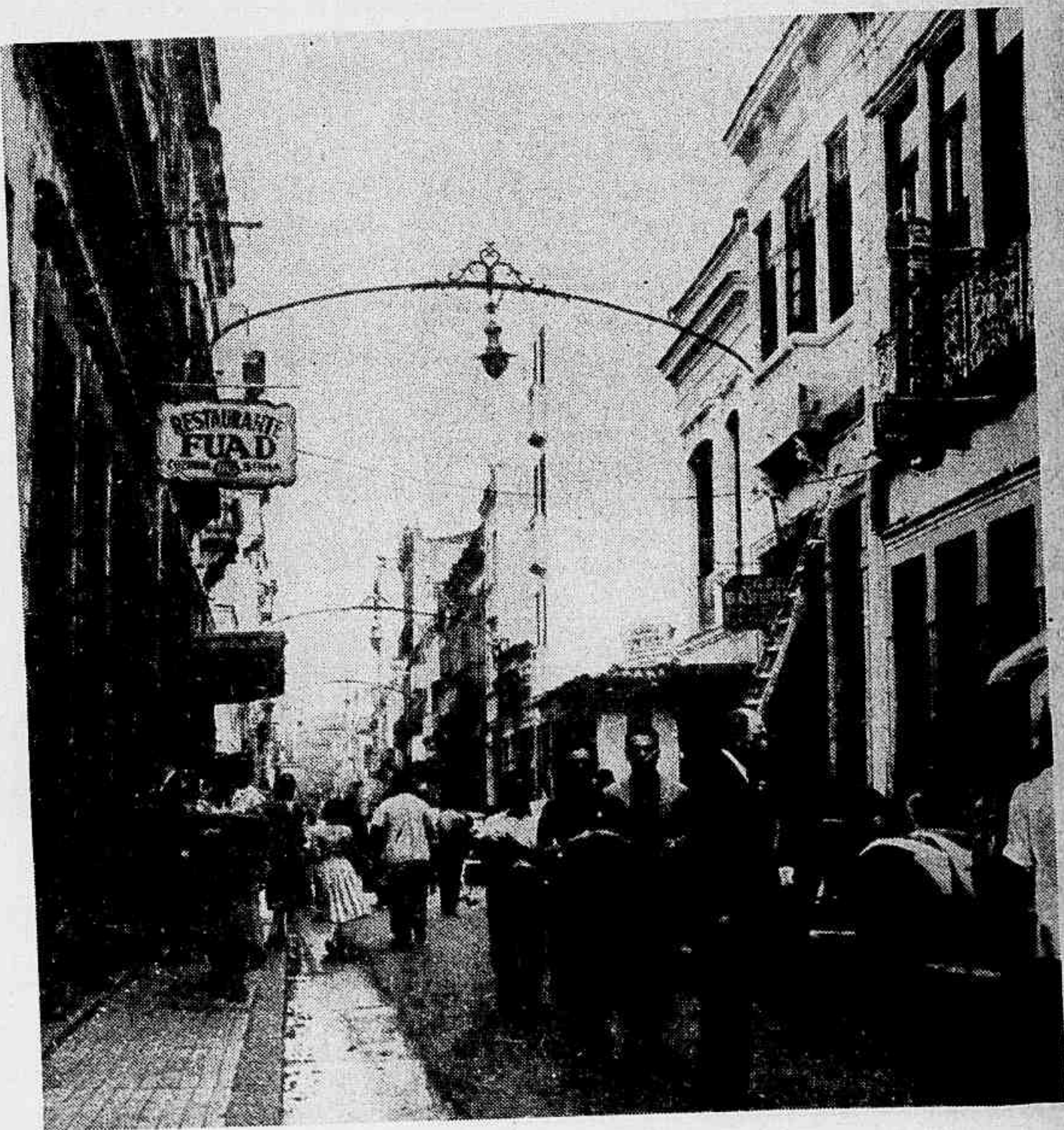
E possível que tenha sido um que chamou os outros. Ou, talvez, que uns e outros fizessem, pela vizinhança, atenuar as dificuldades dos primeiros contactos com a cidade em que se fixaram. Seja lá como fôr, o certo é que sírios e libaneses se tornaram, no Rio e em São Paulo, moradores quase totais de certas ruas. No Rio, embora haja uma rua República do Líbano (ex-do Núncio), dominaram enormes trechos das Ruas da Alfândega e Senhor dos Passos. E em São Paulo, a Rua 25 de Março adquiriu um aspecto tipicamente árabe, muito buliçosa e enfeitada de mercadorias, como convém ao povo que nela predomina.

Rua da Alfândega (Rio)

ÊLES OCUPARAM (pacificamente) TRECHOS DE RUAS...



Rua 25 de Março (S. Paulo)



Rua Senhor dos Passos (Rio)

Todos pintam melhor

com

tintas, esmaltes e vernizes

INTERNATIONAL!

SÍMBOLO DE QUALIDADE E TRADIÇÃO



Sociedade Anônima

Composições **"International"** (do Brasil)

TINTAS, ESMALTES E VERNIZES PARA TODOS OS FINS

Rio: Avenida Rio Branco, 50
São Paulo: Av. 9 de Julho, 50

IA-1602



SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE 30 DE JUNHO E 6 DE JULHO DE 1956
(HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo de:

- ★ **CARNEIRO** (21/9 — 20/10) — Não se interponha, não sirva de árbitro, não intervenha nem fique no meio termo em coisa alguma. Seja radical e extremista nas atitudes. Nada de paliativos. Do contrário nada conseguirá durante a semana.
- ★ **TOURO** (21/10 — 20/11) — Os influxos planetários da semana predisporão o leitor à violência e ao desmando. Por coisas insignificantes, o leitor estourará e poderá mesmo ir aos extremos. Controle-se como puder.
- ★ **GÊMEOS** — (21/11 — 22/12) — Não espere a passagem da fortuna por sua porta. Antecipe-se e vá ao seu encontro. Durante a semana estará em voga o rifão: DEUS AJUDA A QUEM CEDO MADRUGA. Não retarde, pois, as providências que tiver de tomar.
- ★ **CÂNCER** (23/12 — 20/1) — Seja claro e faça esforço para ser bem compreendido. Durante os próximos sete dias o ambiente será de confusões e de dúvidas para as pessoas influenciadas pela Lua. É este o seu caso.
- ★ **LEÃO** (21/1 — 20/2) — Os astros lhe prometem uma semana inteiramente favorável aos negócios e ao ambiente doméstico. Haverá melhor produção no trabalho e paz na família. Poderá fazer ou receber visitas.
- ★ **VIRGEM** (21/2 — 22/3) — Os negócios imobiliários serão mais vantajosos na semana entrante, havendo mais favorabilidade nas compras do que nas vendas. Os financiamentos serão facilitados. Os negócios serão processados normalmente.
- ★ **LIBRA** (23/3 — 20/4) — Não faça modificações na sua organização nos próximos sete dias. O novo período será desfavorável às novidades, aos empreendimentos e às iniciativas de certo vulto. Fique onde está e deixe passar a onda má.
- ★ **ESCORPIÃO** (21/4 — 20/5) — Fuja do ambiente político ou social. Isole-se como puder e evite a manifestação do seu pensamento sobre a atual conjuntura política, especialmente a militares. Andarão à procura de bodes expiatórios. Não queira ser um desses indefesos sofredores.

- ★ **SAGITÁRIO** (21/5 — 23/6) — Recomendamos ao leitor a maior cautela no que fizer durante a semana. Todo cuidado será pouco, visto ser muito propício o novo período à perda de dinheiro. Poderá mesmo ser furtado. Não ande tarde da noite.
- ★ **CAPRICÓRNIO** (24/6 — 22/7) — O período favorecerá as diligências que puser em prática para o necessário reajuste de sua vida doméstica ou conjugal. Haverá facilidade até mesmo, na obtenção de apoios influentes.
- ★ **AQUÁRIO** (23/7 — 21/8) — O ambiente da semana favorecerá os negócios financeiros e econômicos. O leitor poderá conseguir o empréstimo de que tiver necessidade. Haverá facilidade de crédito. Experimente para comprovar.
- ★ **PEIXES** (22/8 — 20/9) — Uma semana fria, sem entusiasmo, eis o que espera o leitor. O ambiente dos astros vai dispô-lo a uma grande abstinência e não adiantará forçar a situação. Os esforços que expender, numa direção qualquer, serão inúteis.

OS NOMES DA SEMANA

Junho, 30	—	Eufrásio	—	Hermengarda.
Julho, 1	—	Salústio	—	Joana.
" 2	—	Benevenuto	—	Quitéria.
" 3	—	Romualdo	—	Sebastiana.
" 4	—	Venceslau	—	Diomena.
" 5	—	Rômulo	—	Sílvia.
" 6	—	Mário	—	Marina.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio dia de Greenwich

Junho, 30	8° 28' 38"	(Signo de Câncer)
Julho, 1	9° 35' 50"	" " "
" 2	1° 33' 3"	" " "
" 3	11° 30' 15"	" " "
" 4	12° 27' 28"	" " "
" 5	13° 24' 41"	" " "
" 6	14° 21' 54"	" " "

NOTA — As efemérides e as tábuas astrológicas de que nos servimos são preparadas para o hemisfério norte. Nas previsões para o hemisfério sul, temos de invertê-las para que os prognósticos correspondam à realidade, como acontece em relação aos fenômenos cósmicos. Observamos, neste particular, a doutrina e a técnica do Colégio Astrológico de França, único centro, em todo o mundo, de astrologia verdadeiramente RACIONAL E CIENTÍFICA.

A FORMAÇÃO DE ALAGOAS

EDUARDO TOURINHO

O mapa de Cantino, em 1501, assinala o rio S. Francisco que era o **Pará** dos tupis. E' provável que a expedição André Gonçalves-Américo Vespúcio, nesse ano vinda de Portugal para inspecionar a costa brasileira marginasse Alagoas, em 1817 desmembrada de Pernambuco na condição de comarca.

Na «Fisiografia» alagoana, Moreira da Silva atribui ao atual Estado trinta mil quilômetros quadrados de território limitado — ao norte — por Pernambuco e, a oeste e ao sul, por Sergipe e pela Bahia. É, no interior, seco, mas tem muitos alagadiços na zona litorânea. A Maceió dos dias presentes era **Maçai-ô-k**: — o que aterra a lagoa. «Yara-guá», era Jaraguá: — enseada grande de canoas. Pajussara era «Pay-u-cára»: — abrigo do mar.

Ignora-se quem primeiramente varou as brenhas alagoanas. Mas foi Tomás do Bonfim Espínola quem, em 1522, fundou Penedo. Em 1560, somente, a gente de Duarte Coelho conquistou a terra. Uma expedição foi chefiada pelo donatário de Pernambuco; a outra, pelo fidalgo de origem teuta, Cristóvão Luís de Vasconcelos, que se apossou da região de Pôrto Calvo. Mas em 1556, em Cururipe — nos baixios de D. Rodrigo — foi ao fundo a nau «Nossa Senhora da Ajuda» que transportava a Lisboa o bispo D. Pero Fernandes Sardinha, indisposto com o governador D. Duarte da Costa. Devoraram-no os Caetés e, do naufrágio, apenas três pessoas escaparam: dois índios da Bahia e um português que falava a **língua geral**. Como terrível represália, foram as expedições organizadas por Duarte Coelho para a conquista das Alagoas.

x x x

Em 1561, mantiveram os incolos escambo com navios da Gália. E, nas proximidades de Maceió, estabeleceram o Pôrto dos Franceses. Dominaram Alagoas, depois, os holandeses da Companhia das Índias. Os arruinados fortes de Camaragibe, Pirapoera e Penedo atestam esse domínio. Conferiram-lhe, então, um escudo; duas asas espalmadas encimando — num pergaminho aberto — três tainhas sobre a legenda «Alagoa ad austrum».

Alagoana era o enigmático Calabar, que lutou contra os lusos ao lado dos flamengos conduzindo-os a múltiplas vitórias. Desumanamente, executou-o Matias de Albuquerque em Pôrto Calvo a 22 de julho de 1636. Três dias depois, mandou-o van Skopp, sepultar com honras de comandante.

O maior quilombo que o Brasil viu foi, em Alagoas, a República de Palmares, na Serra da Barriga, a vinte léguas do Atlântico. Por sessenta e sete anos viveu. Resistiu a vinte e cinco expedições entre 1654 e 1674. A «Troya Negra» desafiava, então, o poder do Reino. Ao ser destruído por Domingos Jorge Velho, Bernardo Vieira de Melo e Sebastião Dias abrigava Palmares uma população de quarenta mil almas entre negros e índios. O último Zumbi — que se chamava Sueca — foi executado em Cêra Real dos Macacos. Pelo macabro troféu que foi sua cabeça decapada recebeu — como prêmio — André Furtado de Mendonça a gratificação de cinquenta mil réis. Foi em 1695.

x x x

Para coibir o tráfico de pau-de-tinta, em 1673 — foi ordenado ao capitão-general Alonso Furtado de Mendonça o povoamento da atual Maceió e a construção de um forte no pôrto de Jaraguá. O colono, entretanto, tinha todas as preferências pelas margens do S. Francisco, onde achava maiores recursos para viver. Assim, em fins do século XVIII Maceió não era mais do que um arrabal. Um banguê ocupava o lugar em que, depois, levantou-se o sobrado da Câmara. Onde está a Catedral — erguida em 1840 — havia sob a invocação de S. Gonçalo a capelinha do Engenho de que era proprietário o capitão Apolinário Fernandes Padilha. Em 5 de dezembro de 1815 Maceió foi desmembrada da antiga Vila das Alagoas. Espraiou-se, então, por sete léguas de costa. Em 1839 tornou-se a capital da Província, com grande mágoa dos habitantes da cidade das Alagoas.

Em 1833, conheceu a cabanada com princípio numa sangrenta poracé celebrada em torno de vinte engenhos incendiados.

A Tavares Bastos — então juiz de direito de Vila Nova de Sergipe — deveu-se a deposição do presidente Agostinho das Neves, um homem limpo que ele alcunhou de «Neves Preto». Assumiu ele, então, o poder na Cidade das Alagoas. Uma vitória efêmera. Por Cansanção de Sinimbu foi Maceió elevada a capital da Província.

Entre 1818 e 1889, governaram Alagoas sessenta e um presidentes e setenta e oito vice-presidentes que assumiram, temporariamente, as funções. Dois, apenas, alagoanos. Um, era português e outro houve que era argentino naturalizado: D. Nuno Eugênio de Locio e Seibliz. Entre os melhores, contam-se: Sebastião de Melo Póvoas, que transformou o En-



SÍMBOLO DE ALAGOAS é o «Gogó da Ema», cujo nome lhe vem do tor-mato exótico, e que há poucos meses ruiu, carcomido pelos anos. Ergue-se (pois foi de novo erguido) numa praia próxima a Maceió.

genho Maçayó em vila; Seibliz, que evitou o fuzilamento dos alagoanos envolvidos na revolução pernambucana de 1817; Cândido José de Araújo Vieira, que criou o serviço de Correios na Província; Silva Neves, que transferiu a capital para Maceió; José Bento da Cunha Figueiredo, que construiu a sede da Câmara e o Farol de Maceió; Sá e Albuquerque, que muito trabalhou para a extinção do cólera-morbus; Gonçalves Campos, que criou a Biblioteca Pública e enviou ao Paraguai 3.719 recrutas. Entre eles, os oito irmãos Fonseca — entre os quais os heróis Deodoro e Hermes — e Floriano Peixoto; Cunha Figueiredo Júnior, que criou o Instituto Histórico e a Escola Normal e doou a capital alagoana de valiosos melhoramentos.

x x x

E' sobre o açúcar que, principalmente, repousa a economia de Alagoas. Conta agora com numerosas usinas, noutro tempo banguês. O recenseamento de 1920, atribuiu-lhe uma população de quase um milhão de almas. Hoje terá duplicado o número de seus habitantes. A República teve em Ricardo Brennand seu maior propagandista. Em 21 de novembro de 1890 possuía Constituição redigida, que a Câmara — no ano seguinte — votou. O primeiro governador republicano foi Pedro Antônio da Fonseca. Um jornalista governava-a em 1930: Alvaro Paes, que o movimento então desencadeado no país derribou. Sucederá, no poder, o outro jornalista notável: Costa Régio.

CINE-ROMANCE



parece daqui! Volta depressa para as selvas levando sobre essa cabeça estúpida, o peso da maldição!

De La Marck empalideceu. Com uma fúria que ninguém pôde conter, sacou a adaga que trazia consigo e por várias vezes a enterrou no corpo do bispo, que caiu ao solo entre convulsões e goliadas de sangue. Em poucos instantes ali ficou estendido e sem vida.

— Lembranças ao Conde Guilherme de La Marck! estrugiu no silêncio da capela a voz quente de Quintin. Trago comigo os saúdes e as homenagens do vosso bom amigo o rei Luís de França.

x x x

Isabel abriu desmesuradamente os olhos, fixando-os em Quintin com uma nova esperança de salvação. Ouvindo o rugido dos canhões, o jovem escocês havia voltado as rédeas da sua montaria para o castelo, temendo com razão que algo de muito mau estava ali acontecendo.

De La Marck sorriu vagamente ao ouvir o nome do rei, sem saber exatamente do que se tratava porque seu cérebro ainda estava envoltos nos vapores do álcool.

— Sou portador das felicitações do rei pelos vossos êxitos, e de seus votos de congratulações pelo vosso matrimônio, continuou Quintin. S. Majestade insiste, contudo, em que todas as formalidades da praxe devam ser obedecidas. Por exemplo, destinou a noiva pelo menos uma hora para a confissão de suas faltas? Assistiu porventura à missa pre-nupcias?

E acercando-se de Isabel, tomou-lhe uma das mãos retirando-a suavemente de sobre a mão de De La Marck, enquanto este fazia os maiores esforços para reconhecer o intruso.

— Tive a sorte de trazer comigo um sacerdote, que está esperando lá fora, juntou Quintin.

Pouco a pouco conduziu Isabel até à porta, enquanto De La Marck continuava a olhá-lo com firmeza ainda procurando reconhecê-lo. De súbito, um gesto brusco provocou uma ruga no semblante do foragido.

— Eu te conheço! gritou a Quintin, que se apressou em empurrar a formosa condessa para fora da porta. Prendam esse miserável! vociferou De La Marck, dirigindo-se aos seus sequazes, que se arrojaram sobre Quintin, cercando-o por todos os lados.

Isabel correu para um aposento do castelo em que havia uma escada secreta, a qual os conduziria, a ambos, ao exterior, seguida muito de perto por Quintin, que lograra desembaraçar-se de seus perseguidores.

Enquanto a condessa procurava ansiosamente o botão secreto que abria a entrada da escada, Quintin movimentou-se em busca de outro caminho para a fuga. Observou então que a plataforma do campanário ruia por terra envolta em chamas. Afortunadamente para ele, seus perseguidores cruzavam nesse momento a referida plataforma, e o peso dos mesmos apressou a queda. Todos caíram com ela, envoltos em labaredas. Só De La Marck permaneceu de pé sobre um bloco de pedra que saía do muro, tendo ao alcance da mão a corda de um dos sinos. Os dois homens encararam-se. De La Marck empunhou uma acha de combate que levava ao cinto e com a outra mão segurou-se ao extremo da corda de um dos sinos, jogando-se em direção a Quintin. O audaz cavalheiro apressou-se em contra-atacar seu adversário, sem demora, mas sua espada fêz-se em pedaços ao chocar-se com o aço duro da acha, ficando portanto sem outra defesa senão um fragmento da espada e o punho da mesma. De La Marck alçou sua pesada arma de combate disposta a desferi-la sobre a cabeça do seu rival. Quintin retrocedeu passo a passo, até chegar ao abismo de chamas, que o impedia de continuar na sua retirada, e quando o outro se aproximou para dar-lhe o golpe fatal, conseguiu firmar-se em outra das cordas do campanário, impelindo-se ao extremo dessa corda e arrojando-se ao espaço, fora do alcance de De La Marck.

Agora podia ouvir-se o tanger dos sinos, que pareciam dobrar a Fina-dos, à medida que os dois adversários se mexiam de um para outro lado, cada qual preso à sua corda, desferindo golpes mortais no inimigo, sem nenhum deles lograr eliminá-lo por completo. Uma das cordas se enredou acidentalmente no braço livre do bandido e quanto maiores eram os esforços por ele feitos para se desvencilhar, mais a corda o envolvia, embaraçando todos os seus movimentos. Nessas agitadas

Quintin segurou-se à corda do campanário e de espada em punho, deu um salto ao outro lado do abismo, enquanto os sinos badalavam, lúgubres, testemunhas sonoras do sangrento encontro ali desenrolado.

A COROA E A ESPADA

GLUCKMEISTER arrastou o bispo para o recinto onde se encontrava De La Marck, o qual arrogantemente, embora cambaleando, permanecia ao lado de Isabel.

— Case-nos imediatamente! gritou De La Marck apenas viu o bispo.

Este, aturdido, procurou mover ligeiramente os lábios mas não acertou em pronunciar palavra.

— Velho idiota! Não sabes que eu sou o Conde Guilherme De La Marck e que esta mulher é a Condessa de Marcroy? Casa-nos imediatamente! vociferou o renegado enquanto simultaneamente aplicava uma sonora bofetada no sacerdote.

Isso fêz que se restaurasse a fibra do bispo que, recuperando sua dignidade, falou claro e incisivo:

— Bêsta de Ardennes! Porco das selvas! Acabas de profanar a Casa de Deus! Pensas também desafiar as suas leis? Maldito animal, desa-

sacudidelas, o foragido só conseguiu enredar-se na corda em torno à cintura, e, minutos mais tarde, todo seu corpo começou a agitar-se em convulsões de morte, ficando por fim preso ao extremo de um dos cordéis, enquanto os sinos ressoavam de maneira lúgubre, acompanhando com suas vibrações plangentes, o macabro espetáculo que as labaredas iluminavam com fantásticos tons coloridos...

x x x

Angustiado pela cadeia de trágicos acontecimentos que sua fuga do corte dos Borgonha havia ocasionado, a Condessa Isabel resolveu regressar antes que outras vidas se perdessem por sua causa. Quintin o acompanhou e quando os dois se aproximaram do castelo de Borgonha, viram-se imediatamente detidos.

Quintin conseguiu licença para ver Lord Malcolm por alguns instantes, mas o velho embaixador não estava disposto a ajudá-lo.

— Afinal, tudo isso não passou de uma fuga autêntica... disse o embaixador. E nesse caso, nada posso fazer. Só te resta escapares daqui.

— Escapar e deixá-la prisioneira? Não, isso nunca! exclamou o cavaleiro cujos instintos de nobreza voltavam a revelar-se.

— Lamento muito, mas não posso ajudar-te em coisa alguma, continuou o velho. Borgonha já não mantém boas relações com a Escócia. Lord Crawford morreu.

— Lord Crawford morreu? gritou Quintin surpreso.

— Sim. Teu tio morreu repentinamente. Deves resignar-te a essa má notícia. Procura salvar-te quanto antes, porque o rei Luís de França traiçoeiro Borgonha e assassinou o bispo de Lieja. Além disso, teve a imprudência de vir à corte e Carlos o mantém como prisioneiro.

x x x

Quando o rei Luís de França compareceu ante um grupo de nobres para ser julgado pelos seus delitos, negou firmemente qualquer cumplicidade na morte do bispo de Liège. Para reforçar a sua acusação, Carlos apresentou uma testemunha: um sacerdote que havia ficado ferido durante o ataque ao castelo por De La Marck.

— Meu bom padre, inquiriu Carlos, porventura teréis presenciado com vossos próprios olhos a chegada do emissário do rei?

— Sim, excelência. Com meus próprios olhos replicou o sacerdote.

— Eu não enviei ninguém! gritou Luís.

— E quais foram as palavras do emissário? prosseguiu Carlos.

— Disse ser o portador das felicitações e dos cumprimentos de Sua Majestade pelos triunfos e conquistas de Guilherme De La Marck.

— Mas repito e sustento que não mandei emissário nenhum! Isso é tudo mentira! insistiu Luís.

Nesse momento de Creville apareceu no salão de audiências acompanhado por Quintin. O sacerdote, ao vê-los, pôs-se de pé apontando Quintin, disse:

— Este é o homem! Eu o vi em pessoa!

— Diz-lhes quem és realmente, implorou Luís.

— Sou Quintin Durward, respondeu o jovem, e estou aos serviços de Sua Majestade.

— Durward, por favor! Nega que foste a Liège a meus serviços...

— Pelo contrário, Majestade. Digo e sustento: fui a Liège por ordem de V. Majestade.

Carlos voltou o rosto num gesto triunfante para Luís.

QUINTIN DURWARD CAPÍTULO V

Quintin Durward.....	ROBERT TAYLOR
Isabel, Condessa de Marcroy.....	KAY RENDALL
Rei Luís XI.....	ROBERT MORLEY
Hayraddin.....	GEORGE COLE
Carlos, Duque de Burgundy.....	ALEC CLUNES
Conde Guilherme de La Marck.....	DUNCAN LAMONT
Bailarina Cigana.....	LAYA RAKI
Conde Felipe de Creville.....	MARIUS GORING
«Screenplay» por ROBERT ARDREY — Novelização por GEORGE FROESCHEL — Direção de RICHARD THORPE — Produção da Metro Goldwyn Mayer.	

— Estás vendo? Embusteiro miserável e covarde!

E dirigindo-se a Quintin:

— Chegaste a Liège quando o bispo era assassinado, não foi?

— Sim, excelência.

— Proclamaste claramente vossas funções de enviado do rei Luís, pois não foi?

— Exatamente, excelência.

Luís não suportou mais: pondo-se de pé, gritou:

— Durward, como foste capaz de cometer essa vilania? Como?

— Para destruir De La Marck em vosso nome, majestade, respondeu Quintin sem ocultar seu desprezo pela dúbia personalidade do rei. Depois, avançando dois passos, retirando da sacola que trazia à cintura, um objeto redondo que fez cair aos pés de Carlos, enquanto todos os presentes lançavam exclamações de terror, ele sorriu. O objeto redondo era a cabeça de De La Marck.

Luís aproximou-se de Quintin, dizendo-lhe:

— Meu bom servidor... és um escocês por demais honrado... e o meu mais leal amigo!

— Aqui onde me vês, interrompeu Quintin, já renunciei a todas essas coisas.

(Cont. na página 74)

Isabel sentia-se ameaçada, sem uma defesa que lhe inspirasse confiança. Por onde andava Quintin? Sem ele, estava ainda mais só e abandonada.





LUSTRES — SANCAS — PLATFO-
NIERS e ornamentações de gesso
em geral.

Faça uma visita à nossa grande
e variada exposição — Serviço
rápido por pessoal competente,
sob a responsabilidade de re-
nomado técnico espanhol.

FUNEZ & DIAZ

RUA BARATA RIBEIRO, 369-A

Orçamentos sem compromisso

**João Issa
& Cia. Ltda.**

**TECIDOS POR
ATACADO**

**Rua da Alfândega,
221/223**

Enderêço Telegráfico «ISSA»

Tel. 43-1197

RIO DE JANEIRO



Ulisses Guimarães



Mário Eugênio

MÊDO

♦ O medo é filho da fraqueza e da incerteza, razão pela qual não pode ser brasileiro. Entretanto, desgrazadamente, o Brasil é hoje uma nação medrosa. E' a fobia da moda. Medo do presente, medo do futuro, medo de comunismo, medo de soldado e medo de ter medo... Por que? A resposta nós a encontramos, há anos, quando em visita a um país amigo e vizinho. Lá as revoluções eram mais freqüentes que as chuvas e a criança da nas escolas nunca chegava a decorar o nome do Presidente da República, tal a rapidez da sucessão... Lembro-me bem da palestra que mantive com um agente de estrada de ferro. O homem falava de seu país com orgulho e patriotismo. Dizia das belezas naturais, das grandes florestas e chegava a chorar quando se referia a este ou aquele vulto da história pátria. Mas quando lhe pedi que me falasse dos homens que no momento detinham o poder em seu país, ficou murchinho como rosa em mão de criança e respondeu: «Não se tem tempo de admirá-los, não se chega nem mesmo a conhecê-los tal a pressa com que passam». E nada mais disse, nem a favor nem contra. Não haveria mesmo o que dizer...

Este é hoje o retrato do Brasil. Os governos permanecem nos postos por tempo inferior àquele que uma peça teatral fica em cartaz. E o pior é que ninguém tem mais noção de disciplina. Ministros são surpreendidos com entrevistas e manifestos de subordinados, simples oficiais de gabinete sabotam decisões importantes sepultando no fundo das gavetas ordens emanadas de cima, as denúncias falsas pululam como gergens no charco e as autênticas nunca são levadas a quem de direito. E a fobia do medo campeia solta. Receio de tudo e de todos como se estivéssemos atravessando uma via escura da Idade Média e um vulto nos seguisse em atitude suspeita. E' preciso reagir! E' preciso que se aprenda a confiar em presidentes, em ministros (que sejam capazes) e no critério do resto dos homens que cuidam da coisa pública. E' preciso, sobretudo, que os tubarões da exportação do café, os mesmos que acumulam milhões de dólares no exterior, que os tubarões da indústria antes de ter medo do confisco cambial, lembrem-se de regularizar seus negócios para que dêles também deixe o governo de ter medo. Vamos, de vez por todas, erguer a cabeça, respirar fundo e repetir com vizes:

— «O BRASIL TEM UM ENCONTRO MARCADO COM O FUTURO. NOS O LEVAREMOS LÁ».

CAFÉ COM LEITE E VATAPÁ

O deputado Mário Eugênio e sua esposa ofereceram a diversos amigos magnífica feijoada, preparada no melhor estilo (e paladar) de Presidente Prudente. A ela compareceram, respectivamente acompanhados de suas esposas, os senhores Waldyr Lisboa (mineiro e diretor do Banco Hipotecário), Joaquim Figueiredo (mineiro e gerente do Banco de Minas Gerais), Carneiro Giffoni (mineiro e Pres. da Legião Amigos de Juscelino), Altino da Silva Ribeiro (baiano e alto funcionário do M. da Fazenda), Thomas Corbett (diretor superintendente do Banco do Comércio de São Paulo e paulistano), Arnaldo D'Ávila Florence (paulista de Pinhal e diretor do Banco do Comércio de S. Paulo), José Flauza da Silveira (cidadão interestadual dada a sua condição de alto funcionário da Viação Cameta). Também os senhores Osman Mendonça (Mar de Hespanha com H e alto funcionário do B. Brasil), Ruy Veloso (mineiro e elemento de destaque da Secretaria da Fazenda de seu Estado) e Renato Spinola Santos (mineiro e gerente do Banco de Crédito Real). Convidado, este repórter compareceu, apreciou a feijoada (e também a boa palestra dos presentes) e só perdeu em gastronomia para o anfitrião deputado e para o sr. Altino Ribeiro. Este último repetiu, sob os olhares contentes da sra. Mário Eugênio (d. Mirza sobre presidir uma recepção) nada menos de três magníficos pratos, tão altos e volumosos que fariam inveja ao próprio Pão de Açúcar.

COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 70,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

EM PORTUGAL: A venda na Livraria Clássica Editora Praça dos Restauradores nº 17 — Lisboa



- RIO -

Camisas

Gravatas

GONÇALVES DIAS, 40

Lojas 27 e 29

TELEFONE 42-6628

FERRAMENTAS?

Compre
numa casa
especializada!



IRMÃOS UNIDOS S.A.
FABRILAS E FERRAMENTAS
AVENIDA GOMES FREIRE, 156
TEL. 52-5715 — 22-8116
RIO DE JANEIRO



São Paulo acaba de dar um grande exemplo de coragem administrativa: o governo do Estado vem de remeter ao Ministro da Viação os nomes dos ramais ferroviários que deverão ser suprimidos por deficitários e substituídos por rodovias. No Brasil, a covardia nesse sentido é de fazer vergonha: as ferrovias cheias de penduricalhos deficitários e ninguém tem coragem de agir funcionalmente.

QUANDO esta revista estiver circulando, já terá sido escolhido (e empossado) o novo Delegado Regional do Imposto de Renda em São Paulo. JK perderá muitos amigos caso a referida escolha não recaia no sr. Altino da Silva Ribeiro, tesoureiro do PSD e elemento de destaque das hostes juscenistas.

KRUPP. As usinas Krupp iniciaram a construção de suas vastas instalações em Atibaia, São Paulo. Cerca de 150 milhões de cruzeiros estão sendo gastos nesta primeira arrancada.

BANCO. O Banco Lowndes está ultimando a construção de sua filial de São Paulo. O prédio em questão fica na Av. São João e em breve será inaugurado.

FANTASMA. Há dias, em uma mesa do restaurante Mappin, comentava o deputado Emilio Carlos a originalidade do capote azul-marinho do comandante Linneu Gomes, da Real. O capote do comandante é, verdadeiramente, estranho. Tem listras verdes à altura da cintura, listras estas que, segundo o sr. Emilio Carlos, visam imitar as cores pintadas na cauda das aeronaves da importante companhia de navegação aérea que o comandante Linneu dirige...

SANFONA. Sabe-se agora que o deputado Luciano Nogueira Filho já ultrapassou a décima sétima lição da sanfona. O parlamentar está, no momento, na lição que compreende *Sudades de Matão* e vai entrar na partitura do *Peixe Vivo* logo a seguir. O sr. Narciso Pieroni, destacado e inteligente deputado peessedista, está encantado com o sucesso obtido pelo seu colega Luciano. Tão encantado que declarou a este repórter: «Tão logo o Luciano termine o curso vou metê-lo no Conservatório Nacional de Música. O homem pode ser mau deputado, isto não se discute, mas que é bom de ouvido, é».

ADEMAR VEM AI. O chefe pessepeista será candidato a Senador pelo Pará. Dizem que vai jogar tudo (milhões) na parada e que será eleito (assim) facilmente.

JÂNIO VEM TAMBÉM. O governador de São Paulo, sr. Jânio Quadros, deverá estar no Brasil até o dia 25 deste. Por falar em Jânio, é interessante contar que seu secretário particular, sr. Alrânio Oliveira (moço inteligente, vai longe) mantém o governador informado de tudo o que vai pelo Brasil, através do telefone internacional.

APARECE GARCEZ. O sr. Lucas Nogueira Garcez está em pauta na sucessão de Jânio. Um dos maiores entusiastas da candidatura do antigo governador é o sr. Jaime de Almeida Pinto, titular de Jânio da Secretaria de Agricultura.

FALANDO a este repórter disse o general Portfírio da Paz que não teve muito trabalho para «manter São Paulo nos eixos» por ocasião dos tumultos que agitaram o país. «O que fiz — disse o general — foi chamar os principais líderes à minha presença e dizer-lhes que a situação do Brasil não permitia movimentos que pudessem, por um minuto sequer, paralisar qualquer de suas atividades. Fui atendido».

NOMEAÇÕES. Os paulistas (principalmente aqueles que trabalharam para eleger JK) não estão gostando da decisão governamental de não fazer nomeações. Dos cento e tantos líderes (dos diversos tamanhos) que capitanearam a campanha juscenista em São Paulo nenhum foi aproveitado...

PIJAMA. O Major Newton Santos, presidente do PTB paulista e agora adepto de um plano de abastecimento capaz de solucionar (provisoriamente) o problema, acaba de adquirir nas Lojas Garbo um pijama novo. A compra foi feita na presença deste repórter. O referido pijama é amarelo com bolinhas vermelhas.

REPARO. Recebemos de funcionários (as) da REAL uma solicitação, baseada nos seguintes termos: «Rogamos retificar sua informação anterior. Não julgamos nosso chefe sr. Luiz Tendler parecido com o astro Burt Lancaster, e sim com Errol Flynn».

TURISTAS. Circularam no Rio de Janeiro, na passada semana, os seguintes paulistas (alguns honorários): Carneiro Giffoni, Ruy Veloso, Alfredo Chalub, Amador Aguiar e Renato Costa Lima.

O SENHOR Geraldo Nóbrega, ex-membro do Conselho Diretor da Caixa Econômica de São Paulo, será nomeado em breve para importante cargo federal.



Emilio Carlos

Ademar de Barros

NOTA CARIOCA

Segundo informações de pessoa recentemente chegada do Rio, o sr. Osvaldo Penido, simpático sub-chefe do Gabinete Civil de J.K., engordou cinco quilos nos últimos dois meses. O referido sr. Penido (que é magro de nascença) durante a campanha eleitoral emagreceu tanto que seus amigos ficaram apreensivos, tendo mesmo o deputado Ulisses Guimarães dito o seguinte: «Se o Penido continua nesta marcha, em breve pesará menos que sua piteira...»

MADEIRAS E MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO

Albino Mesquita & Cia.

Rua Bela, 186 a 194 (Próximo ao Campo de S. Cristóvão)

Telefones: 54-1937 e 54-3921 — RIO DE JANEIRO

CITY RIO

Especialidade em Sorvetes Variados e Doces Finos Franceses, Italianos e Orientais, Chá, Chocolate, Punch e Bebidas Finas e Lanche.

Serviço fino de Restaurante, Cozinha à FRANCESA, assim como Cozinha ARABE, com os afamados pratos KIBE, Grão de Bico com Gergelim, Churrasquinhos, Recheados de Repolho, Beringela, Etc. Etc.

Casa Especializada em PIZZAS à Napolitana, Calabreza, Camarão, Presunto a «City Rio», Atum, Alici ou Mussarella.

G. ANDRÉ & CIA. LTDA.

RUA SENADOR DANTAS, 19-B (Junto ao Teatro Serrador)
Aberto até 1 hora da manhã

Empresa Nacional de Transportes Ltda.

TRANSPORTES RODOVIARIOS ENTRE O RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO E VICE-VERSA DE DOMICÍLIO A DOMICÍLIO

ENTREGA RÁPIDA DE GRANDES TONELAGENS

MATRIZ: Rua Hipódromo, 980 a 1030 — Tel.: 9-2191 (Rêde interna)
SÃO PAULO

FILIAL: Rua Santo Cristo, 87 a 93 — Tel.: 43-2900 (Rêde interna)
RIO DE JANEIRO

B. HERZOG COMÉRCIO E INDÚSTRIA S. A.

Produtos Químicos Industriais, Farmacêuticos e Analíticos

ESTOQUES COMPLETOS

Rua Miguel Couto, 129/131 Rua Florêncio de Abreu, 353
RIO DE JANEIRO SÃO PAULO



Grand Monde internacional



Hugo Gouthier — Nomeado embaixador.

GOUTHIER, EMBAIXADOR — A notícia mais importante que vem ultimamente acupando as colunas dos jornais e revistas, é a da nomeação do ministro Hugo Gouthier para embaixador. Esse foi o mais importante e mais útil ato que o Presidente Kubitschek fez ao país, no Itamarati, nesses seus primeiros cinco meses de governo. Desta coluna cumprimento duplamente o Presidente Kubitschek que foi muito feliz na nomeação do novo embaixador Hugo Gouthier. — Se vocês não estão esquecidos, num dos últimos números desta revista, eu previ que Zsa Zsa Gabor ia reatar seu romance com o famoso «play-boy» internacional Porfirio (Don Juan) Rubirosa. Agora, acabo de ser informado que Zsa Zsa e Ruby formam o par mais romântico atualmente em Paris. Esse é mais um grande furo internacional feito pelo colunista. — Quando Kim Novak esteve recentemente em Londres, recebeu insistentes convites de Ramon Hakim para circular em sua companhia. Ramon, durante algum tem-

po, foi par constante de Rita Hayworth. Mas, com Kim Novak a coisa é diferente... — O antigo «cow-boy» Rex Bell será provavelmente candidato ao governo de Nevada, pois esse é o desejo de seus amigos. — O famoso e veterano produtor Cecil B. DeMille não se afastará das atividades cinematográficas. Cecil já se prepara para sua próxima produção, «The Buccaneer». — Jo van Fleet, que está atualmente filmando ao lado de Clark Gable a película «The King and four Queens», pretende se afastar da tela por um ano. Durante esse tempo Jo van Fleet se dedicará ao teatro. — Lady Anne será este ano em Londres a mais glamorosa debutante. Lady Anne, que é a filha mais velha do Duque e da Duquesa de Norfolk, terá a festa de seu «debut» no Palácio de St. James. — Mortimer Hall ficou noiva de Diana Lynn. O bonito anel de noivado que Mortimer presenteou a Diana é de safira e brilhante. — «True Love», canção lançada no último filme da princesa Grace Kelly «High Society», está fazendo um sucesso dos diabos. — Parece que Alfred e Jeanne Vanderbilt não vão mais se divorciar. Pelo menos é o desejo de Jeanne. Vamos aguardar.



O elegante Flávio (Flama) Ramos teve sua «mudança de idade» na semana que passou.

de modas, apresentando 45 modelos Bangu, com o fabuloso Ribeiro Martins ao microfone. Se estiver no Rio, estarei presente. — Leny Eversong estreou na noite de quinta-feira passada no «Mid-Night» do Ccpa. Depois de Leny, será Carmen Cavallaro, que atualmente está atuando em São Paulo. — A «beaut» senhora Zelinda Lee decolou no último sábado para

NOVO EMBAIXADOR — É o sr. Chuck Woodward «public-relations» do Beguin. O Chuck é o Embaixador do Rei da Noite. Este título foi conferido pelo colunista. Prestem atenção: Embaixador do Rei da Noite. — Já que o assunto é «public-relations», o sr. Boris do Club Commercial me informou que no próximo dia 28 (quinta-feira) vai acontecer a primeira noite de gala no referido Club. Essa noite está sendo promovida pelos «rotarianos», com um desfile

Pequenos Flashes

Paris, onde foi ao encontro de seu espôso sr. Alberto. Zelinda pretende ficar até o fim de julho na Europa. — A bailarina Tomanova depois de sua estréia no Municipal foi homenageada com um jantar no Beguin pelo sr. Barreto Pinto. O «maitre» Rocha em grande atividade. — Está «mudando de idade» esta semana o elegante senhor Flávio (Flama) Ramos. Estou informado de que o Flávio vai comemorar a data na intimidade. — Encontrei Murilo Moreira e sua noiva Marilu Montenegro no «salão verde» do Copa. Murilo e Marilu vão casar no dia 29. Quando perguntei onde iam passar a lua de mel, Murilo respondeu que era segredo. — No último sábado fui jantar na Hípica a convite do sr. Mário Fidalgo, que é o 1º secretário da atual diretoria. Lá chegando, fui recebido pela diretora social, sra. Vanda Figueiredo, e tomei pouso na mesa dos jovens casais Maurício Memoria e do atual secretário do conselho. O jantar estava muito «nova-geração» e o conjunto Robert Kinley, que executava músicas de jazz, estava muito estridente. Dona Vanda convidou-me para a festa caipira no dia 29, mas como estou em São Paulo, não vai ser possível. — O meu amigo Zacarias do Rêgo Monteiro, que teve sua «mudança de ida-

ESTOU EM SÃO PAULO — Para assistir ao «Casamento do Ano». O convite: «Sr. e Sra. Enéas Solbiatti, Sr e Sra. Antenor Mayrink Veiga têm o prazer de convidar para a cerimônia religiosa do casamento de seus filhos Carmem Terezinha e Antônio Alfredo, que será celebrada por S. Excia. Revma. Dom Paulo Rolim Loureiro, Bispo Auxiliar de São Paulo, às dez horas, do dia 25 de junho, no Santuário do Sagrado Coração de Jesus. Os noivos despedem-se na igreja. São Paulo, 1956». Acompanha o convite, o cartão: «O Sr. e Sra. Enéas Solbiatti convidam para um «cocktail» às 18 horas do dia 24 de junho».

Gossips



A boldade Carmem Terezinha Solbiatti é a noiva do ano.

♦ Namôre já frio — Noticieei há bem poucos dias para vocês que a jovem Ilde Garavaglia não ia ficar noiva com o paulista João Batista Amaral Filho, como certos colunistas estavam noticiando. Agora acabo de saber que o namôre de Ilde com João Batista está já ficando frio. Este foi mais um sensacional furo do colunista para «gossips». — A loura Glôrinha Drummond, que vinha frequentando com assiduidade o Sacha's, mas sempre em companhias diferentes, anda sumida. Glôrinha ainda não perdeu os ares provincianos das Alterosas. — Em São Paulo o jovem Maurício Duque anda «ruborizando» com muita frequência. — Parece que foi pôto um ponto final no romance entre Jamil Zenny com Regina de Davide. Esse romance que já vinha de longas datas, teve seu futuro noivado muito «Gélot». — Silvinha Lafer, que vai casar-se no dia 5, deixa solteira sua bonita irmã, Grey. Creio que não será por muito tempo. — Daniel Tolipan, que é o mais pacato solteirão carioca, anda agora circulando (e gastando «erva») em companhia de determinada jovem loura. Será que o «Tolipa» vai casar-se? — Continuo aconselhando Zaida Saldanha a SNOBAR determinadas pessoas. — Outra noite no «Mid-Night» o «maitre» Ferry disse que os colunistas sociais estavam casando muito. E perguntou quando era o meu. Respondi que já estava casado. Casado com a crônica social. Ele disse que era uma esposa muito digna, mas em compensação dava muita dor de cabeça. Concordo. — Vocês já imaginaram Maria FERROTA de romance? — Boneca, onde anda você?

des, na outra semana, receba os cumprimentos de «Grand Monde». — A elegante jovem Marita da Silveira Doria recebeu no último sábado um pequeno grupo de amigos para um jantar. Marita parece ser a mais perfeita «hostess» da «nova geração». — No último domingo fui almoçar na Lagoinha e o frio estava muito inglês. — O conhecido «maitre» Luís do Sacha's tirou férias e decolou para Santos. Luís já deve estar de volta. Wellcome. — A jovem advogada Regina Malta Campos, pouco tem comparecido aos acontecimentos sociais. Regina está dedicando seu tempo ao trabalho no escritório de advocacia do sr. Celestino Basílio, onde funciona. «Bola na rede». — A «boite» Carolina no pôto seis, vai mesmo de «bola na rede». Aconselho quem visitar a referida «boite» pedir um «filet» Carolina. — O fotógrafo Paulo Muniz inaugurou seu novo atelier. — No próximo dia 3 de julho a sra. Maria Eudóxia Gualberto vai receber para um jantar de «black-ties». — A festa junina do Lagoinha foi realmente um grande sucesso, pois teve o patrocínio desta coluna. Aguardem reportagem. — Outra festa junina de sucesso foi a do sr. Cecil Hime. — A bonita Raquel Sorrentino passou a residir no Hotel Olinda. — A sra. Fernanda Pires da Silva prepara-se para seguir em julho para uma viagem através de vários países da Europa. — Quando vocês estiverem lendo esta coluna, eu já estou em São Paulo. — Até a próxima. O GÉLOT está em cima.

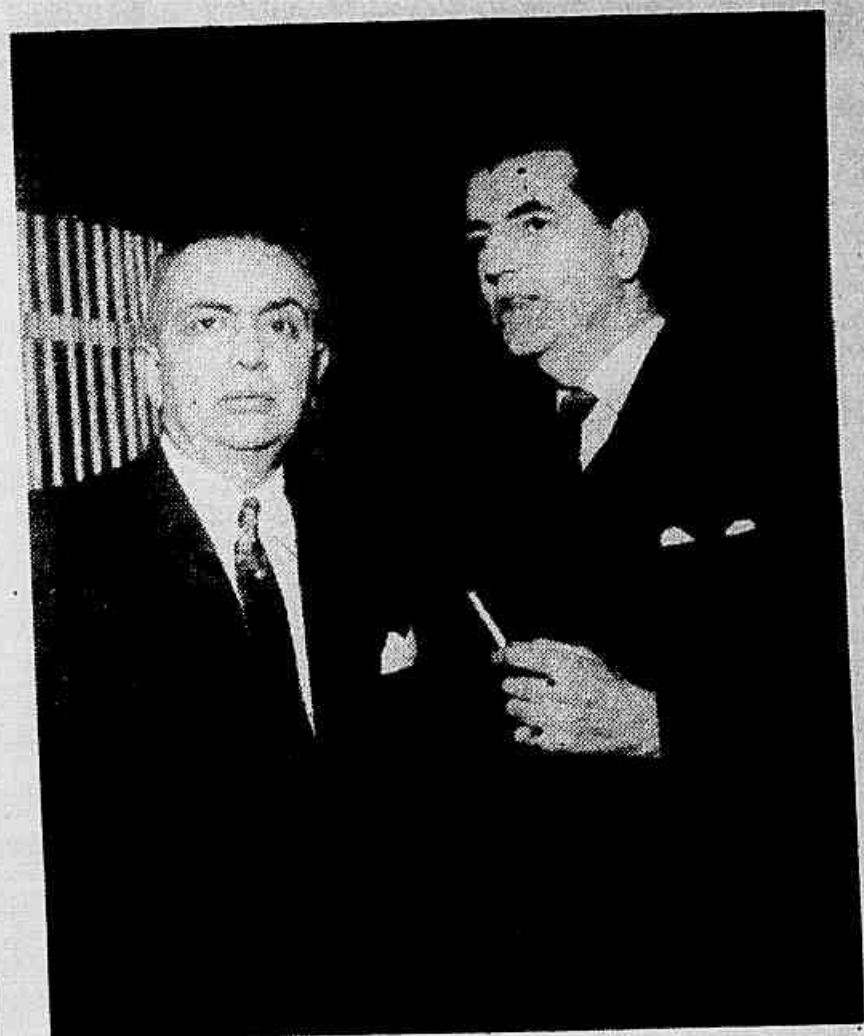
P.S.: — Minha carteira continua desaparecida.



O colunista cumprimenta o (Gilberto) homenageado.



O senhor Aluísio Rolim conversa com o conselheiro Pitaluga.



O senhor Paulo Tacla com o homenageado.

Social Set

UM JANTAR PARA G. DE A. Foi para comemorar os vinte anos do mais decano dos colunistas sociais da cidade, que, na noite do dia doze, os amigos do nosso Trompowski (seu primeiro nome é Gilberto) reuniram-se num jantar, dando assim uma demonstração do quanto o veterano cronista é querido na sociedade carioca. No dia 12 de junho de 1936, o jovem Gilberto (catarinense de nascimento) iniciou-se na crônica social, e, hoje, passados já vinte anos neste tão difícil setor de jornalismo, continua ele fazendo sua coluna diária com o mesmo estilo que iniciou. Atualmente, com a luta diária e permanente dos colunistas modernos através dos jornais, revistas, rádio e televisão, Gilberto conserva-se indiferente a tudo isso, sem visar concorrentes. Além de nunca ter sido visto numa «boite», o seu setor de atuação nem sempre é o mesmo dos modernos colunistas. Uma recepção em Embaixada, uma exposição de pintura ou decoração e um jantar numa velha mansão, parecem ser os lugares preferidos de Gilberto. Esse jantar foi organizado pelo senhor Paulo Tacla e pelo cronista Souza Brasil, com discursos de Herbert Moses e Pedro Calmon. Depois o homenageado, num pequeno «speech», fez o seu agradecimento. Entre os presentes, anotei: sr. e sra. Otacílio Gualberto, sr. e sra. general Nelson de Queiroz, embaixador Barros Pimentel, sr. e sra. José Matta, sr. e sra. Carlos de Laet, sr. e sra. Raul Cobra Filho, sr. e sra. Aluísio Rolim, diplomata Rui de Mello Teixeira, acadêmico Austregésio de Athayde, sr. Paulo Tacla, sr. e sra. Souza Brasil, sra. Gilda Sampaio, sr. Murilo Gondim e quase toda a crônica social, além de muitas outras pessoas. O jantar que foi de 210 talheres, esteve concorridíssimo como vocês podem ver. E assim os amigos de Gilberto Trompowski comemoraram os seus vinte anos de crônica social, com um acontecimento que ficará guardado na história da crônica social da cidade.



O colunista conversa com a senhora Gilda Sampaio tendo ao lado o elegante senhor Murilo (de coleite branco) Gondim.



As senhoras Otacílio Gualberto e José Mata com o cronista João da Ega.



O embaixador Barros Pimentel conversa com a cronista Diana.



**PARA ALEGRIA DE UM LAR,
EIS O PONTO PRINCIPAL:
— EM CADA LEITO INSTALAR
UM COLCHÃO "UNIVERSAL"**

COLCHÃO DE MOLAS UNIVERSAL

Um produto da Indústria Brasileira de Colchões de Molas Ltda.
Escritório e fábrica, à Rua Chaves Faria, 443 — Tel. 54-0406 — Rio

A COROA E A ESPADA

(Continuação da página 69)

Fora do salão de banquetes, onde Carlos e Luis discutiam o matrimônio de Isabel, agora que seu pretendente indesejável, Lord Crawford, havia falecido, os dois jovens enamorados esperavam com ansiedade.

Minha querida Isabel, disse Quintin apaixonadamente, já estou livre para casar-me contigo quando quiseres. E dizendo essas palavras, aproximou-se dela e a abraçou com ternura.

— Tu és livre... e Luis está livre... e a França é livre também... Todo o mundo está livre menos eu, gemeu a jovem. Porque deves saber, Quintin, nesta terra sou considerado como uma propriedade de bens de raiz e sempre estarão dispostos a vender-me ao melhor ofertante...

Carlos e Luis não conseguiram pôr-se de acordo. Ele estava resolvido a que Isabel se casasse com De Creville. Por sua vez, Luis estava desejoso de

conservar a fortuna dos Marcroy sob seu trono, e resolveu a que a moça contrairse nupcias com seu lugar-tenente, Dunois. Finalmente, quando a discussão ia mais acalorada, Luis limitou-se a dizer:

— Melhor fôra que nos colocássemos do mesmo lado e deixássemos que ela se casasse com quem melhor entendesse...

Luis sabia perfeitamente a quem ela ia escolher. Isso era o menos que podia fazer pelo valente escocês, Quintin Durward. Também sabia que Carlos jamais iria permitir que a bela condessa contrairse nupcias com seu lugar-tenente, Dunois. Entregando-a aos braços de Quintin, ficaria muito bem pôsto aos olhos dos enamorados. Carlos, sem conhecer os secretos pensamentos do monarca, concordou em permitir que fosse Isabel quem escolhesse por si mesma.

A condessa Isabel de Marcroy foi chamada à presença dos dois grandes mandatários da França. Quando saiu do salão, seus olhos brilhavam com estranho fulgor e suas pestanas tingiam-se de um estranho tom. Correndo para Quintin, que a esperava na antessala, tomou-lhe as mãos e quase o arrastou para fora.

Quando os dois se encontraram a sós, na carruagem da condessa de Marcroy, esta deixou-se cair nos braços do seu futuro esposo e ambos trocaram então o seu primeiro e grande beijo apaixonado, que bem mereciam depois de tantos e tão atormentados dias! Era o beijo de transporte e amor, mas também o selo sagrado da união de dois seres que embora nascidos em berços distintos, depois de renhido combate ao mal e ao espírito aventureiro de seus inimigos. Todas as forças reunidas para evitar que eles se unissem, foram insuficientes,

e ali estavam, enfim, de alma e coração juntos...

Quintin levava a mente cheia de perguntas. Que jeito havia dado Isabel para persuadir Carlos a deixá-la partir? O que teria influido para que Luis accedesse a esse casamento tão contra a sua vontade? Que estranha e súbita reviravolta do destino havia modificado a sorte do par romântico, tão adversa até poucos instantes atrás?

Mas as respostas a todas essas e muitas outras interpeleções que bailavam no cérebro do valoroso rapaz, permaneceram também selada pelos voluptuosos lábios da condessa, os quais ela colou febril e ansiosa à boca do seu destemido companheiro, nem sequer deixando que ele respirasse. Tudo havia passado, e agora um futuro de rosas os esperava. Era esquecer o dia de ontem e viver para o de amanhã... — FIM.

CASA BRASILEIRA DE LONAS LTDA.

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

ARTIGOS PARA CAPOTEIROS E ESTOFADORES

PLASTICOS E NYLONS

TELEFONE: 43-9670
TELEGRAMA «LONASBRA»
RUA BUENOS AIRES Nº 187
RIO DE JANEIRO

CALÇADO



Máximo conforto
garantia absoluta

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirá-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil:
Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 708
Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Rembólsio Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº

NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 88,00

ora-
de
Isa-
à-la
que
lão
nha
avia
tico,
rás?

E

N

ou l
ia-
ON
or-
si-
e
as
io.

N

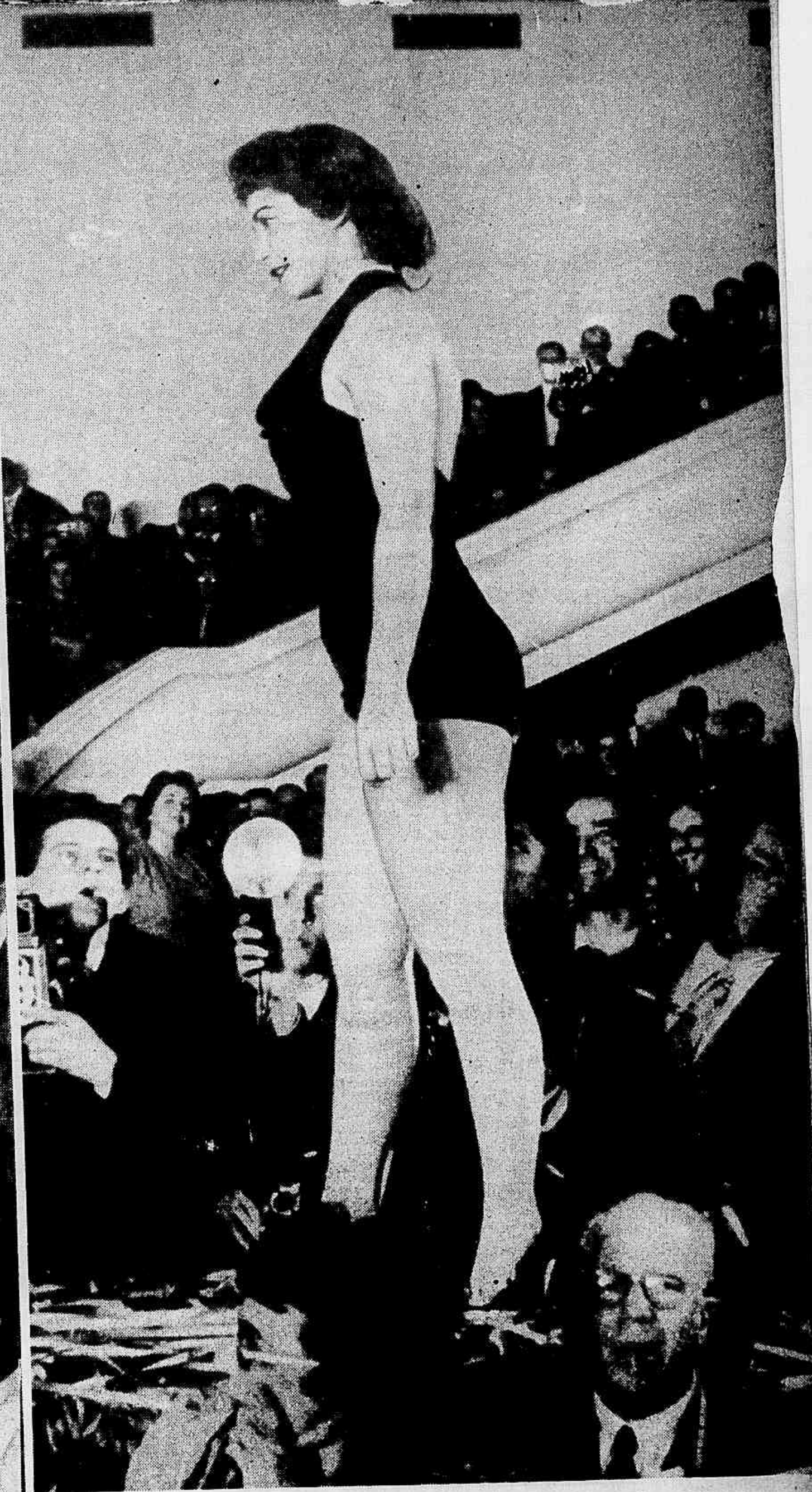
ili:
Pi-
08

iro
le-
L-

00



REGINA MAURA, a bela Miss São Paulo de 1956, colocou-se em segundo lugar. Era uma das grandes favoritas, para o numeroso público.



LÉDA RAU, Miss Distrito Federal, desfilou sob uma tempestade de aplausos. Sua classificação em terceiro lugar motivou inúmeros protestos.

CONFUSÃO GERAL (e vaia) NA ELEIÇÃO DE MISS BRASIL

(Continuação da página 7)

Interrogadas pela nossa reportagem, as misses declaravam-se encantadas com a confecção primorosa e alta classe de «Shehrazade-Modas», dizendo mais que as criações são dignas de figurar em qualquer desfile de modas, rivalizando-se com as dos mais famosos costureiros internacionais e elevando o alto padrão e gosto nacionais.

Os brasileiros, positivamente, não sabem organizar um Concurso, ou esse, de Miss Brasil, não mais pode ser levado a efeito num cenário

como o de Quitandinha. Porque, a despeito de todas as providências tomadas pelos organizadores do certame as falhas foram inúmeras. A imprensa, por exemplo, teve de penetrar no recinto pela cozinha. Foram vendidos mais ingressos do que seria necessário, e assim, muitas pessoas tiveram de amontoar-se pelas escadas. Os fotógrafos, obrigados a fazer suas chapas agachados entre as mesas dos assistentes e a passarela, tiravam freqüentemente a visão daqueles, que reagiam com brados, e até com garfos e talheres, lançados à cabeça dos profissionais... A exploração foi grande, no recinto: bebidas e sanduíches a preços revoltantes. Ao fim, tudo parecia improvisado, remendado à última hora, conleccionado às pressas. Tão típico de nossa mentalidade, tão Brasil.



ELI AZEVEDO



(Estado do Rio)



ANELISE KJAER



MARIA DE JESUS HOLANDA
IVONY LOUR



(Ceará)
(Paraná)



MARGARIDA VASCONCELOS
EDITH DONIN





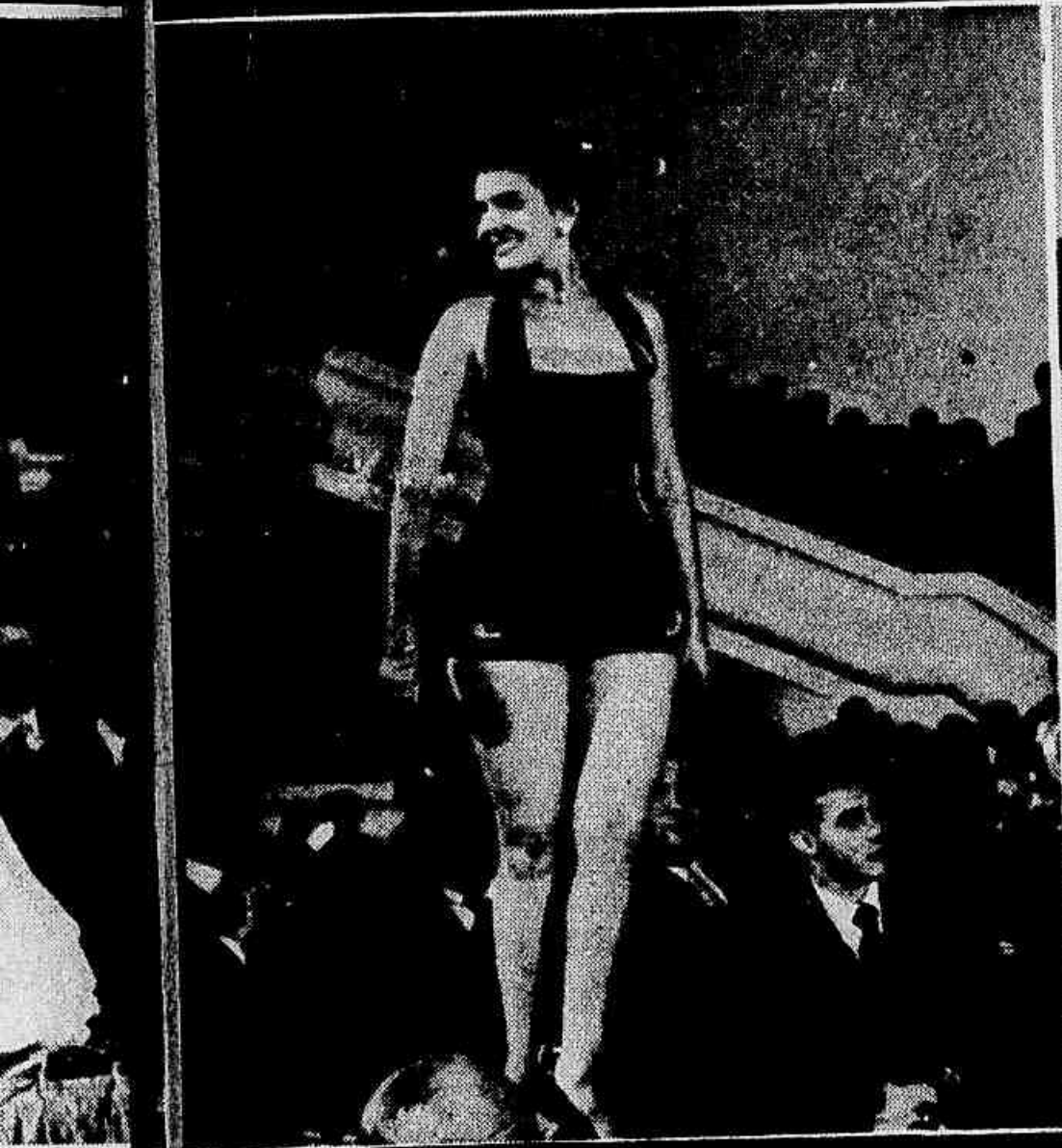
(Minas Gerais)



TEREZINHA ALCANTARA



(Piauí)



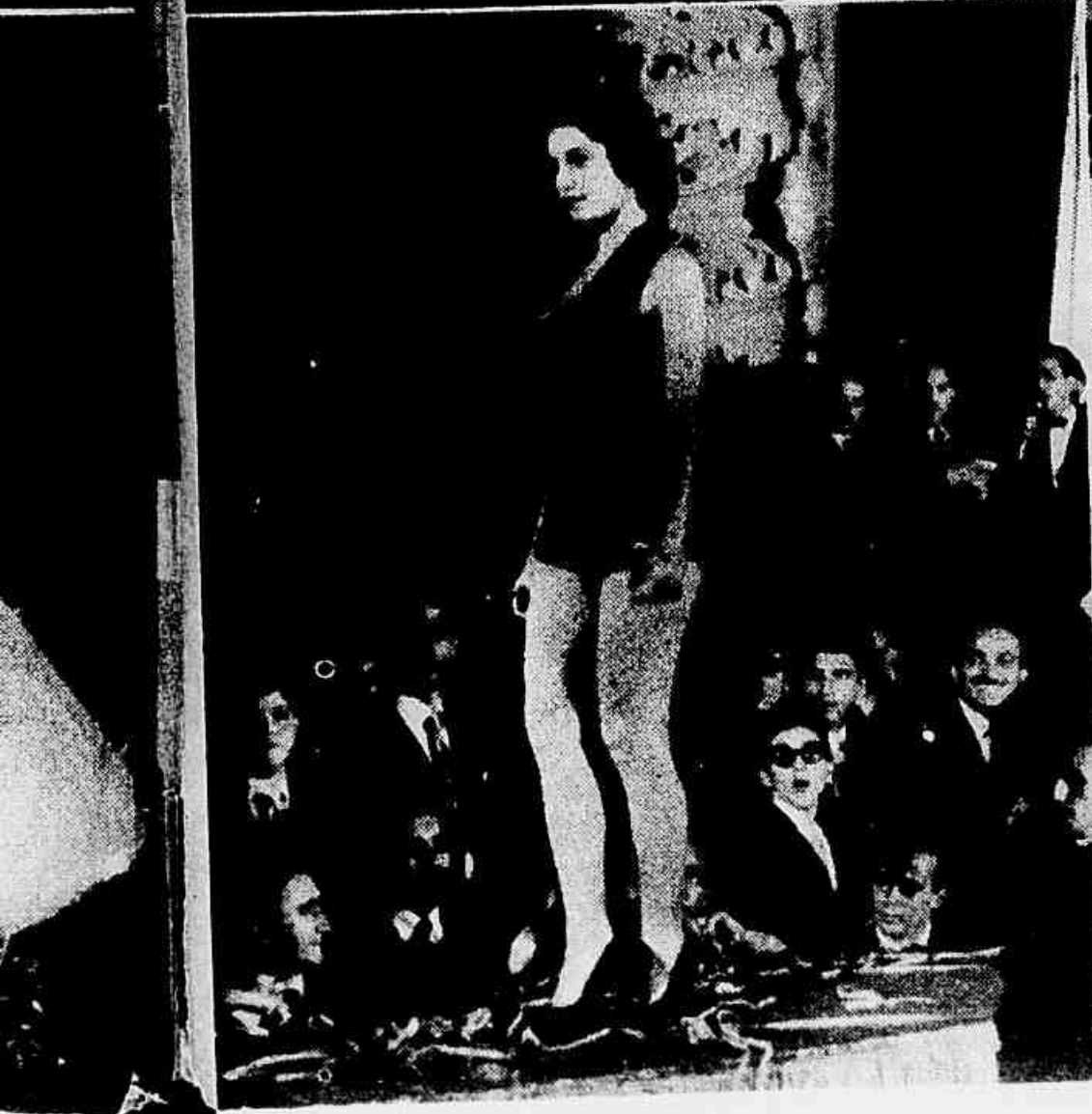
(Paraíba)
(Santa Catarina)



MARIA CRISTINA DE SOUZA
SONIA MAMEDE



(Goiás)
(Bahia)



ÚLTIMO FLASH

A RAINHA EMBARCOU

◆ Quando circular esta edição, já terá chegado a Lisboa a senhorita Maria Helena de Souza Lapa, Rainha das Associações Portuguesas, aclamada no certame instituído pela REVISTA DA SEMANA, em combinação com a «Voz de Portugal» e o programa «Revista de Portugal», feito por Celestino Silveira na Rádio Globo. O embarque foi um novo pretexto para que os admiradores da Rainha e a família luso-brasileira testemunhassem mais uma vez a simpatia e as homenagens que a ilustre viajante bem mereceu. Fêz-se a viagem pelo excelente transatlântico «Vera Cruz», e em Lisboa, já a senhorita Maria Helena de Souza Lapa, em companhia de sua mãe, terá sido recepcionada pelo Hotel Tivoli, onde a esperavam os aposentos oferecidos pelos seus proprietários, para um mês de estada. Sua permanência em Portugal será de dois ou três meses, durante os quais percorrerá o Porto, Coimbra, Trás-os-Montes (onde nasceu, em Pedras Salgadas), e outras regiões da terra lusa. A imprensa e o rádio, estudantes e intelectuais, representantes da colônia brasileira e a Casa de Trás-os-Montes, cujo presidente, sr. João Almendra, vai acompanhar a Rainha à sua terra natal, bem como o jornalista Marques Gastão, incumbido de prestar-lhe toda a assistência, a terão cumulado de gentilezas, tão ao feitio da hospitaleira gente do país irmão. — Na gravura, um flagrante da visita de despedida da srta. Maria Helena, ao embaixador de Portugal, sr. Antônio de Faria.



REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cy. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 54, 2º distrito, Lisboa. Na Uruguai: Moratário & Cia, Constituyente 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 139, telefone 22. Av. 9509 Buenos Aires. Tem agências em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

DISTRIBUIÇÃO

A. ZAMBARDINO

Rua Capitão Salomão, 69 — Fone: 34-1569

REVISTA DA SEMANA

Fundada em 20-5-1900

Ano 57 — Nº 26 — Rio de Janeiro — 30-6-1956

Propriedade da Companhia Editôra Americana
Diretor-Presidente: Gratuliano Brito
Diretor-Comercial: Ivan Guimarães
Diretor-Gerente: Wenceslau Quintais
Diretor de Publicidade: J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores: S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

Rua Visconde de Maranhão, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porto simples — Um ano.....	Cr\$ 350,00
Seis meses.....	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano.....	Cr\$ 600,00
Seis meses.....	Cr\$ 300,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano.....	Cr\$ 800,00
Seis meses.....	Cr\$ 400,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 8,00.
Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Se publicarmos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

A FIGURA EM FOCO

HA
OU

a edição.
a senhori-
za Lapa.
Portuguê-
ne institui-
MANA, em
de Portu-
evista de
estino Sil-
embarque
ra que os
a família
assem mais
s homena-
jante bem
gem pelo
o «Vera
a senhorita
Lapa, em
terá sido
Tivoli, on-
sentos ofe-
prietários.
Sua per-
rá de dois
os quais
mbra, Trás-
u, em Pe-
as regiões
sa e o rá-
ectuais, re-
brasileira
ontes, cujo
endra, vai
sua terra
alista Mar-
o de pres-
ia, a terão
s, tão ao
nte do país
am flagran-
da da srtá.
aixador de
Faria.

AMERICAS

Cr\$ 350,00
Cr\$ 175,00
Cr\$ 600,00
Cr\$ 300,00

IOR
Cr\$ 800,00
Cr\$ 400,00

em todo o
ereçada ao
REVISTA
publica-
ção. Não
ic não pu-
do de res-

PEDRO CALMON

Com êste meu ar seráfico
E o meu jeitinho científico
Sou o tipo do homem gráfico:
Tudo o que escrevo é...
[Magnífico !]



NÃO COMPRE LUXO...

COMPRE UTILIDADE!

O NOVO

REFRIGERADOR

Climax

Modelo T-56

**COM 30% MAIS
DE RENDIMENTO E
SEGURANÇA GARANTIDA
NO FUNCIONAMENTO**

Climax lhe assegura,
comprovadamente estas vantagens:

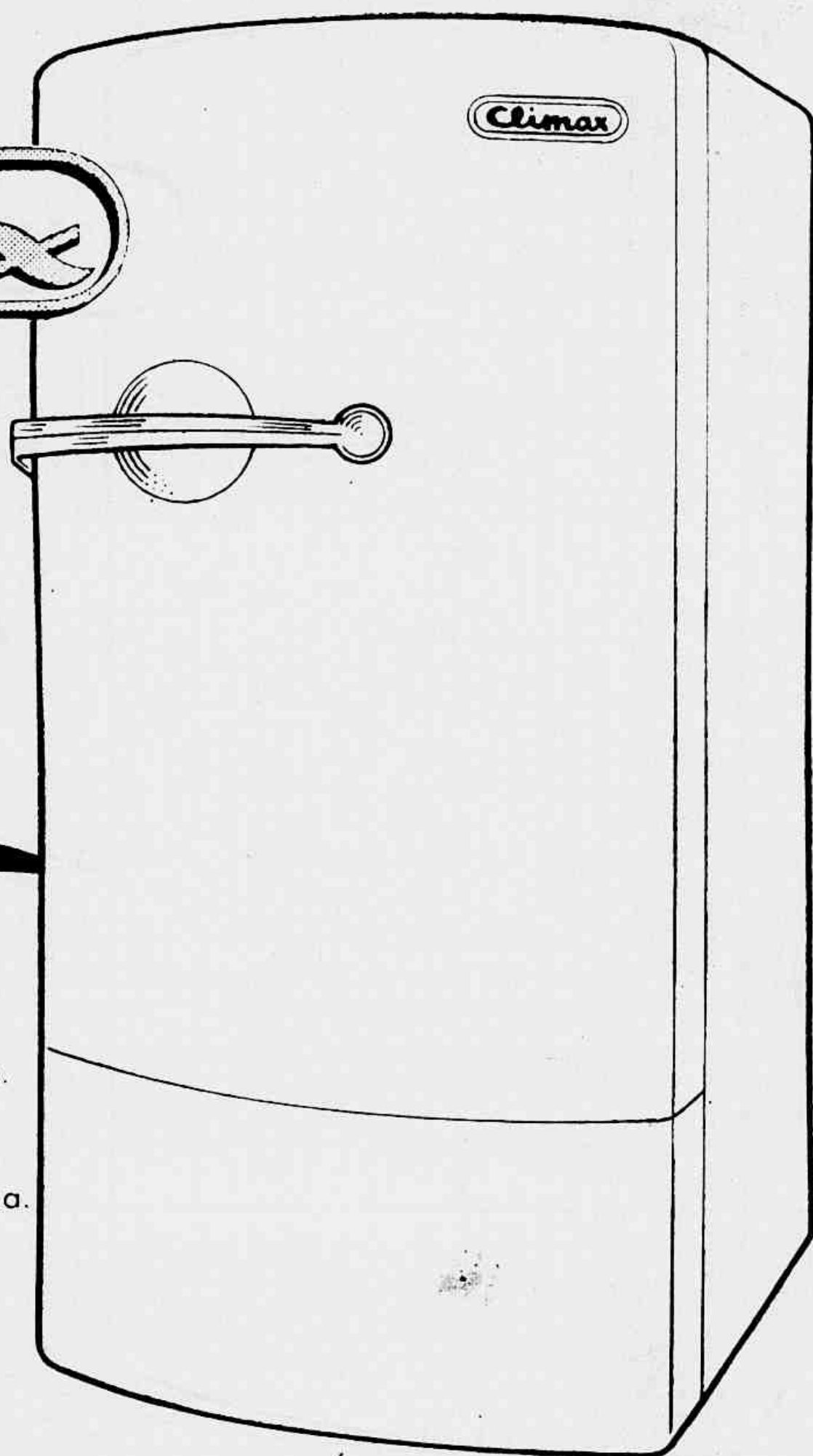
MÁXIMA EFICIÊNCIA!

Iguala o padrão dos aparelhos americanos.

MÁXIMA ECONOMIA!

É o refrigerador de menor preço da praça.

**FUNCIONAMENTO
SILENCIOSO!**



Fabricado e garantido pela

INDÚSTRIA PEREIRA LOPES S. A. — S. Paulo

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

Para o Estado de São Paulo e Sul

Para o Distrito Federal e Norte

Isnard & Cia. S.A. J. Isnard S.A.

COMÉRCIO E INDÚSTRIA

COMÉRCIO E INDÚSTRIA

Avenida São João, 1.140
São Paulo

Rua Buenos Aires, 113
Tel. 52-9112 - Rio de Janeiro

A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO RAMO